

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

O CARÁTER PEDAGÓGICO DA FILOSOFIA SENEQUIANA

ANDERSON ALEXANDRE RODRIGUES

MARINGÁ

2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada por ANDERSON ALEXANDRE RODRIGUES ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientador:

Prof. Dr.: JOSÉ JOAQUIM PEREIRA MELO.

MARINGÁ

2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

R696c

Rodrigues, Anderson Alexandre

O caráter pedagógico da filosofia Senequiana / Anderson Alexandre Rodrigues. --
Maringá, PR, 2020.

93 f.: il. color., figs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Departamento de Fundamentos da Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação, 2020.

CDD 23.ed. 370.9

ANDERSON ALEXANDRE RODRIGUES

O CARÁTER PEDAGÓGICO DA FILOSOFIA SENEQUIANA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo (Orientador) – UEM

Prof. Dr. Reginaldo Aliçandro Bordin (PUC/PR)

Prof^a. Dr^a. Rosana Vasconcelos Vito (UNIPAR)

Maringá, 13 de março de 2020.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre à frente de minhas decisões, bem como por conceder-me a graça de concluir esta etapa de formação acadêmica.

À minha esposa, Kesia Regina Menezes Rodrigues, pelo incentivo e paciência.

Ao meu filho, Nicolas Alexandre Rodrigues e à minha filha, Alice Menezes Rodrigues, por compreenderem nas horas de estudos.

Aos amigos, pelo apoio e encorajamento, particularmente aos colegas do programa de pós-graduação de Educação, da Universidade Estadual de Maringá – PR, (UEM).

Aos professores do programa de pós-graduação de Educação (PPE), da Universidade Estadual de Maringá – PR, (UEM), pelo exemplo de profissionalismo, capacidade intelectual e educacional.

Ao Hugo, da Secretaria do PPE, sempre pronto a me auxiliar com competência e prontidão.

Aos professores que participaram da banca examinadora. Agradeço pelas preciosas contribuições. Grato!

Meu agradecimento especial ao Professor e Doutor José Joaquim Pereira Melo, que me acompanhou ao longo desta pesquisa. Suas orientações foram fundamentais na produção desta dissertação. Ao longo dos dois anos de formação, influenciaram-me muito sua maneira de ensinar por meio do exemplo de vida. Um educador que ensina através do exemplo. Muito obrigado!

O sumo bem consiste no próprio juízo e na estruturação de uma mente perfeita que, cônica de seu movimento restrito aos seus limites, realiza-se, plenamente, de modo a nada mais desejar. De fato, nada existe fora da plenitude a não ser seus limites.

(SÊNECA, *A Vida Feliz*, I, 9.3).

No homem, enalteçamos só aquilo que se lhe não pode tirar, nem dar, aquilo que é específico do homem. Queres saber o que é? É a alma, e, na alma, uma razão perfeita. O homem é, de facto, um animal possuidor de razão; por conseguinte, se um homem consegue a realização do fim para que nasceu, o seu bem específico atinge a consumação. A razão não exige do homem mais do que esta coisa facilíma: viver segundo a sua própria natureza!

(SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, IV, 41.8).

Não temos exatamente uma vida curta, mas desperdiçamos uma grande parte dela. A vida, se bem empregada, é suficientemente longa e nos foi dada com muita generosidade para a realização de importantes tarefas. Ao contrário, se desperdiçada no luxo e na indiferença, se nenhuma obra é concretizada, por fim, se não se respeita nenhum valor, não realizamos aquilo que deveríamos realizar, sentimos que ela realmente se esvai.

(SÊNECA, *Sobre a Brevidade da Vida*, I, 3).

Não há por que afirmar, tal como costumamos, que esse nosso sábio não se encontra em parte alguma. Não imaginamos isso como vão atributo da natureza humana nem concebemos uma imagem grandiosa de algo falso, mas já a mostramos e mostraremos qual a formamos, criatura rara, talvez, e única por grandes intervalos de tempo. Realmente, tudo o que é grande e que supera o limite habitual e comum não é gerado com frequência.

(SÊNECA, *Sobre a firmeza do homem sábio*, VII, 1).

RODRIGUES, Anderson Alexandre. **O CARÁTER PEDAGÓGICO DA FILOSOFIA SENEQUIANA.** nº de folhas (93 f.). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: (Profº Dr. José Joaquim Pereira Melo). Maringá, 2020.

RESUMO

Neste trabalho tem-se por objetivo refletir sobre o caráter pedagógico da filosofia em Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.). Procurou-se analisar a compreensão estoica senequiana a respeito da educação, natureza humana, supremo bem e o papel da filosofia na formação humana. Em Sêneca, o homem é concebido como um ser corpóreo e espiritual, por isso é portador de uma natureza frágil e suscetível aos males desta vida, mas também é possuidor de um atributo superior, a razão humana. Ao viver segundo a sua própria natureza, o homem pode alcançar o supremo bem, a saber, a vida virtuosa, a felicidade e a perfeição. Ora, aí está o seu otimismo pedagógico, a possibilidade da regeneração humana a partir do processo formativo da auto-educação. Essa regeneração é possível graças à educação e à filosofia, de modo que estas concretizam a formação do modelo de homem ideal senequiano, o sábio. Portanto esta pesquisa é de relevância para a área de estudos das produções acadêmicas, principalmente, a partir de uma análise voltada aos estudos da filosofia e da educação na Antiguidade. Faz-se necessário, por meio da análise das transformações sociais, evidenciar as mudanças determinadas no contexto histórico do alvorecer do século I da Era Cristã. Dessa forma empreendeu-se em responder a seguinte questão: Qual é o caráter pedagógico da filosofia senequiana? Para isso realizou-se o estudo da obra de Sêneca, especificamente *Sobre a Brevidade da Vida*, *A Vida Feliz*, e as *Cartas a Lucílio*, bem como a análise de outros autores que trataram em seus textos a filosofia e a educação na Antiguidade. A pesquisa bibliográfica possibilitou situar o tema e as mudanças ocorridas no decorrer do século I d.C. em relação ao desenvolvimento da filosofia estoica romana, sobretudo, o pensamento senequiano. Nesse sentido ficou evidenciado que a escola estoica teve primazia em Roma no início da Era Cristã e a proposta educacional do estoico Sêneca foi a auto-educação em contraposição ao modelo educativo de sua época. A educação, segundo Sêneca, consistia no saber prático e moral ao invés do saber abstrato e estéril. Uma educação que proporcionasse a subordinação das tendências instintivas ao senhorio da razão por meio do auto-conhecimento, para isso a vontade do discípulo era fundamental na concretização de uma educação para a vida, o exemplo do mestre e a preferência por um sistema de ensino que contasse com poucos alunos. Porquanto o otimismo pedagógico de Sêneca consistiu na regeneração humana por meio do uso correto da razão a partir do processo formativo da filosofia e da sabedoria, ou seja, o viver segundo a sua própria natureza, que por sua vez, tinha como objetivo a formação do sábio, a saber, o homem ideal senequiano.

Palavras-chave: Sêneca; Educação; Filosofia e Sábio.

RODRIGUES, Anderson Alexandre. THE PEDAGOGICAL CHARACTER OF SENEQUIAN PHILOSOPHY. number of sheets (93 f.). Dissertation (Master in Education) - State University of Maringá. Advisor: (Prof Dr. José Joaquim Pereira Melo). Maringá, 2020.

ABSTRACT

The aim of this work is to reflect on the pedagogical character of philosophy in Seneca (4 BC - 65 AD). An attempt was made to analyze the Seneca Stoic understanding of education, human nature, supreme good and the role of philosophy in human formation. In Seneca, man is conceived as a corporeal and spiritual being. For this reason, it has a fragile nature and is susceptible to the evils of this life, but it also has a superior attribute, human reason. By living according to his own nature, man can achieve the ultimate good, namely: virtuous life, happiness and perfection. Now, there is his pedagogical optimism, the possibility of human regeneration from the formative process of self-education. This regeneration is possible thanks to education and philosophy, so that they concretize the formation of the model of the Seneca ideal man, the wise man. Therefore, this research is relevant to the area of studies of academic productions, mainly, based on an analysis focused on the studies of philosophy and education in Antiquity. It is necessary, through the analysis of social transformations, to highlight the changes determined in the historical context of the dawn of the 1st century of the Christian Era. Thus, it was undertaken to answer the following question: What is the pedagogical character of Seneca philosophy? For this purpose, the study of Seneca's work was carried out, specifically, *On the Brevity of Life*, *The Happy Life*, and the *Letters to Lucílio*, as well as the analysis of other authors who dealt with philosophy and education in Antiquity in their texts. Bibliographic research made it possible to situate the theme and the changes that occurred during the 1st century A.D., in relation to the development of Roman Stoic philosophy, above all, Seneca thought. In this sense, it became evident that the Stoic school had primacy in Rome at the beginning of the Christian Era and the educational proposal of the Stoic Seneca was self-education, as opposed to the educational model of its time. Education according to Seneca, consisted of practical and moral knowledge, instead of abstract and sterile knowledge. An education that would provide the subordination of instinctive tendencies to the lordship of reason through self-knowledge. For this, the disciple's will was fundamental in the realization of an education for life, the example of the master and the preference for a teaching system that had few students. Because, Seneca's pedagogical optimism consisted of human regeneration through the correct use of reason from the formative process of philosophy and wisdom. In other words, living according to his own nature, which in turn, had as its objective the formation of the sage, the ideal Seneca man.

Keywords: Seneca; Education; Philosophy and Sage.

LISTA DE FIGURA

FIGURA 1 – A morte de Sêneca (1773), de Jacques Louis David.....32

LISTA DE QUADRO

QUADRO 1 – A cronologia da vida de Sêneca.....	25
QUADRO 2 – A cronologia da obra de Sêneca.....	27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A ESCOLA ESTOICA E A PROPOSTA EDUCACIONAL DE SÊNECA	16
2.1 O ESTOICISMO: CONSIDERAÇÕES GERAIS	18
2.1.1 O estoicismo em Roma	23
2.2 A PROPOSTA EDUCACIONAL DE SÊNECA.....	33
3. A CONCEPÇÃO DO HOMEM SENEQUIANO E O SEU OTIMISMO PEDAGÓGICO	38
3.1 A NATUREZA HUMANA EM SÊNECA	38
3.1.1 O homem como ser corpóreo e espiritual.....	39
3.2 O BEM MAIOR DO HOMEM EM SÊNECA	49
3.2.1 A definição de supremo bem.....	52
4. A FILOSOFIA: O CAMINHO E O FIM DA FORMAÇÃO HUMANA	58
4.1 AS FUNÇÕES DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO HUMANA.....	58
4.1.1 O exemplo do filósofo no projeto pedagógico.....	63
4.1.2 O papel da vontade no projeto pedagógico.....	65
4.1.3 A filosofia enquanto exercício espiritual e a valorização do ócio útil.....	67
4.2 A FILOSOFIA E A FORMAÇÃO DO SÁBIO.....	73
4.2.1 A felicidade e a perfeição como finalidade da vida virtuosa do sábio.....	78
4.2.2 A firmeza de espírito do Sábio e a sua superação da condição humana. ...	81
CONCLUSÃO	86
REFERÊNCIAS	89

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM), da linha de pesquisa História e Historiografia da Educação tem como objetivo refletir sobre o caráter pedagógico da filosofia em Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.). Esse pensador foi político, advogado, filósofo, escritor, orador e preceptor em Roma, no alvorecer da Era Cristã. Destacou-se ao escrever sobre temas considerados fundamentais para o cidadão romano, sobretudo a respeito da formação do homem ideal, o sábio. Assim, no intuito de compreender melhor o problema educacional sob o viés do estoicismo romano, a proposta principal deste trabalho é desenvolver uma análise do ensino de Sêneca em relação ao papel pedagógico da filosofia na formação humana.

Esta pesquisa encontra-se delimitada a partir da origem do estoicismo em Atenas, na Grécia Antiga, e os seus desdobramentos no território romano, entre o século IV a.C., e o século I d.C. Esse período foi marcado pelos avanços militares de Roma e a apropriação da cultura grega em territórios romanos. De maneira especial, a importação das filosofias gregas à cidade de Roma, entre elas, o estoicismo. É diante desse contexto que se encontra o objeto de estudo dessa dissertação: o caráter pedagógico da filosofia segundo o estoico romano Sêneca. Esse pensador postulou para o seu tempo mudanças significativas em relação a educação e ao papel pedagógico da filosofia. Sêneca valorizou um saber para vida ao invés de um saber erudito abstrato. Ele defendeu o modelo de um cidadão ideal que atendesse aos anseios da sociedade romana, ou seja, uma pessoa ética e proativa que culminasse em transformações sociais e proporcionasse o bem público, o sábio.

Diante disso, pretende-se apresentar os principais temas do pensamento educacional de Sêneca; analisar a natureza humana e a finalidade do agir moral do homem e explicar a importância da filosofia na formação humana, sobretudo do sábio. Diante disso, certos procedimentos metodológicos foram utilizados para que tais objetivos fossem alcançados, entre eles, a categoria transformação social como análise de investigação, os fichamentos por meio da pesquisa bibliográfica enquanto fontes dos dados examinados e os resultados das análises apresentados em caráter de um texto dissertativo.

Fez-se necessário, por meio da análise das transformações sociais, evidenciar as mudanças determinadas no contexto histórico do alvorecer da Era Cristã. Relações essas, entre opressores e oprimidos, construídas pelos homens por meio do trabalho e das lutas de classes que resultaram na materialização do pensamento ocidental do primeiro século de nossa era, principalmente, a cosmovisão educacional na Antiguidade. Diante dessa constatação, buscou-se responder as seguintes questões: Qual é a proposta educacional senequiana? O que é o otimismo pedagógico senequiano? De que forma se dá o processo formativo da filosofia na formação humana segundo Sêneca? Em vista disso, tais questões foram respondidas de acordo com o pensamento educacional de Sêneca.

Este trabalho foi elaborado a partir da obra senequiana, dentre elas, *Sobre a Brevidade da Vida* (2016), *A Vida Feliz* (2009), e as *Cartas a Lucílio* (2014). Nelas, é possível compreender que o filósofo romano se preocupou em transmitir os ensinamentos sobre o processo formativo da autoeducação que resultasse no agir moral do homem, bem como a função da filosofia enquanto saber para a vida e a morte e a sabedoria tal como a ciência do bem e do mal na formação humana, especialmente do homem ideal, o sábio.

Além disso, outros autores e comentadores foram utilizados para maior compreensão do pensamento de Sêneca, tais como: José Joaquim Pereira Melo (2015); Nicola Abbagnano (1999); Pierre Aubenque (1978); Miriam Maria Bernardi Miguel (2005); Jean Brun (1986); Franco Cambi (1999); Ana Palmira Bittencourt S. Casimiro (2007); Diôgenes Laértios (2008); Jean-Paul Dumont (2004); Guillermo Fraile (1997); Pierre Grimal (2010); Pierre Hadot (2014); Tiago Adão Lara (1989); Henri-Irénée Marrou (1985); Jaime Moreno (2015); Maria da Glória Novak (1999); Luizir de Oliveira (1997); Giovanni Reale (2003); Carlos Alberto Medino da Rocha (2013); Reinhold Aloysio Ullmann (1996); Henrique de Lima Vaz (2006); Paul Veyne (2016) e Rosana Vasconcelos Vito (2016).

A importância deste estudo consiste nas lições morais que a filosofia de Sêneca pode fornecer aos leitores, especialmente, no que se refere às bases formativas da educação senequiana. Além disso, esta pesquisa tem o intuito de contribuir para a área de estudos das produções acadêmicas, principalmente, a partir de uma análise voltada aos estudos da filosofia e da educação na Antiguidade, enquanto recordação dos princípios que constituíram a história da educação e da filosofia - o pensamento e a ação educativa-filosófica. Em Sêneca, a filosofia tem a

função de formar o homem virtuoso, feliz e perfeito, ou seja, aquele que é capaz de viver harmoniosamente com sua própria natureza. Igualmente, esse processo formativo proporciona a formação do homem ideal senequiano, o sábio. Portanto a justificativa deste trabalho consiste em discutir um problema atual, qual seja, a questão do que é a filosofia e quais as suas contribuições para a concretização de uma vida virtuosa, feliz e sábia. Isto é, uma vida segundo a sua própria natureza, condição essa que é alcançada por aquele que vive de acordo com o uso correto da razão. Esses assuntos, partiram-se da obra de Sêneca, considerado, pelos estudiosos da filosofia da Antiguidade, o pensador de maior expressão do estoicismo romano.

A estrutura deste trabalho encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro, conceitua-se a escola estoica e a proposta educacional de Sêneca. Nele, destaca-se que o estoicismo foi fundado por Zenão, no século III a.C., em Atenas, na Grécia Antiga, e teve como sucessores Cleanto e Crisipo. A doutrina da antiga Estoá esteve pautada na tripartição da filosofia, que corresponde à lógica, à física e à ética. Discorre-se, também, sobre a média Estoá de Panécio e Possidônio e a nova Estoá de Sêneca, em Roma. Procura-se refletir sobre o processo de transição da doutrina estoica da Grécia para a cidade de Roma. Reflete-se sobre os principais temas da filosofia de Sêneca, tais como: o viver de acordo com a natureza, a busca pela felicidade, a virtude como sinônimo do soberano bem, a formação do sábio e a questão do suicídio. Procura-se apresentar a proposta educacional de Sêneca em contraposição com a proposta do Império Romano na Era Cristã. Ou seja, uma auto-educação para a vida ao invés de um modelo educativo restrito a erudição abstrata, estéril, profissional e desprovida de ações éticas e transformações sociais.

No segundo capítulo, analisa-se o pensamento estoico de Sêneca sobre a natureza humana e o seu otimismo pedagógico. Em Sêneca, o homem é um ser corpóreo e espiritual. Dado que em sua materialidade encontra-se a fragilidade humana. O homem ao submeter as tendências instintivas, pode chegar a alguns estados, entre os quais, o homem escravizado, o homem enfermo, o homem vencido e o homem atormentado. Entretanto o homem por meio do processo formativo da filosofia pode alcançar a sua regeneração, ou seja, a subordinação das tendências instintivas aos ditames da razão. Assim, apresenta-se a superioridade da razão, por cujo intermédio é possível ao homem, atingir a finalidade para a qual nasceu, o viver conforme sua própria natureza. Através de sua racionalidade, o

homem, pode alcançar o seu bem maior e obter a virtude, a felicidade e a perfeição. O bem maior do homem é obtido por meio do uso correto da razão. Aí se encontrava o seu otimismo pedagógico, a regeneração humana por meio do processo formativo filosófico da auto-educação.

No terceiro e último capítulo, discute-se sobre a filosofia e a formação humana, principalmente o sábio. Em Sêneca, apreende-se que as funções da filosofia na formação humana são as seguintes: configuradora, terapêutica, exortadora, diretiva, normativa, confirmadora, confortadora, gratificadora e soteriológica. Segundo as reflexões senequianas, a vontade do discípulo constitui-se um elemento fundamental na concretização da formação do homem moral, bem como o exemplo do mestre enquanto recurso pedagógico na formação do homem virtuoso. Além disso, viu-se que a filosofia na Antiguidade tinha um papel de exercício espiritual e o ócio-útil como meio de auto-formação. Assim, o caráter pedagógico da filosofia senequiana tinha como objetivo a formação humana. Sobretudo, a filosofia tem o papel fundamental na formação do sábio, aquele que é capaz de alcançar o supremo bem ao viver segundo a sua própria natureza. Em Sêneca, o papel da filosofia é proporcionar ao homem a sabedoria necessária na concretização de uma vida virtuosa e o livrar das doenças da alma. Além disso, a filosofia é vista como a medicina dos males da alma e a arte do saber viver e morrer. Esse homem virtuoso ideal, o sábio, carrega sobre si, a responsabilidade de transformar outras pessoas, por este motivo, se reveste de um caráter pedagógico em relação ao gênero humano. A responsabilidade social também é do encargo do sábio, ou seja, ser exemplo, estimulador e orientador de outras pessoas. O sábio deve ter uma relação com a dimensão pública, cujas ações, por sua vez, refletem na intemporalidade. Isso posto, o sábio deve exercer uma função social e suas ações podem ser lembradas além de sua geração.

2. A ESCOLA ESTOICA E A PROPOSTA EDUCACIONAL DE SÊNECA

O presente capítulo tem como objetivo discutir os desdobramentos do estoicismo, os aspectos da filosofia estoica e a proposta educacional de Lúcio Aneu Sêneca¹, a saber, a auto-educação². O estoicismo fez parte da matriz teórica do pensamento senequiano que, por sua vez, o marcou como representante dessa escola na cidade de Roma. Em contraposição com a educação da sociedade vigente, Sêneca apresentou a auto-educação como a melhor maneira de formar o homem. A partir disso, foram levantadas algumas questões, com base em seu pensamento filosófico: O que é o estoicismo? Quais são os aspectos da filosofia estoica? De que maneira se dá a proposta educacional de Sêneca?

Sêneca foi um dos principais representantes do estoicismo romano do primeiro século da Era Cristã. Por isso, pretende-se apresentar as origens do estoicismo e o seu desenvolvimento na era greco-romana, visto que essa escola

¹ Lúcio Aneu Sêneca nasceu em Córdova, capital da província Bética, na Hispânia, entre os anos 4 a.C., e 1 a.C., seu pai se chamava Sêneca, o Velho, e sua mãe, Hélvia. Ainda novo, foi levado para Roma, onde estudou gramática, retórica e filosofia. Sótio, Átalo e Papírio Fabiano foram os mestres de Sêneca, e esses três professores tinham sido alunos de Séxtio, antigo mestre de inspiração estoica. Sêneca encontrou na filosofia a arte de bem viver e morrer, ou seja, a pedagoga da humanidade. Ainda jovem, Sêneca passou um tempo em Alexandria, no Egito, sob o propósito de restaurar sua saúde debilitada. Por volta do ano 34 d.C., Sêneca, já em solo romano, se tornou questor e, depois, senador. Ele teve um filho em seu primeiro casamento, que, entretanto, por volta do ano 41 d.C., veio a falecer. Sêneca foi acusado de adultério com Júlia Livilla, irmã de Agripina, no entanto, há dúvida se era culpado ou não, contudo acabou sendo exilado na ilha de Córsega e, por lá, escreveu alguns de seus livros, como as suas consolações. No ano de 48 d.C., Agripina chamou Sêneca para ser o preceptor de Nero. Nessa época, Sêneca casou-se pela segunda vez, desta vez, com Pompéia Paulina, pois a primeira esposa já tinha falecido. Sêneca e Burrus, se tornaram os mestres de Nero na função deste como imperador de Roma. No ano 63 d.C., Burrus faleceu, de modo que Sêneca percebeu que não era mais bem-vindo ao palácio, assim sendo, solicitou a permissão de Nero para deixar a corte. Nero não permitiu, entretanto, Sêneca saiu de cena e ficou discreto na sua casa em Roma. Acredita-se que, nesse período, escreveu outros livros, entre eles, o seu principal livro, as *Cartas a Lucílio*. No ano 65 d.C., houve uma conjuração de Pisão, e o nome de Sêneca esteve envolvido, por isso, Nero mandou que Sêneca se suicidasse, mesmo este tendo negado qualquer envolvimento. Desse modo, as veias de seus pulsos e de suas pernas foram cortadas, e, por fim, Sêneca tomou um veneno e morreu após pedir para ser colocado debaixo de um banho quente. O corpo de Sêneca foi cremado e não houve um funeral solene (ULLMANN, 1996).

² A educação romana do primeiro século priorizou a instrução e o saber cultural. Enquanto que Sêneca defendeu um ensino de formação de caráter moral – uma filosofia moral. Que teve como objetivo ajudar o discípulo diante das doenças da alma (os vícios) e lhe conceder o conhecimento de si, no intuito de promover a subordinação das tendências instintivas ao senhorio da razão, alcançando assim: o aperfeiçoamento moral, a tranquilidade da alma, a virtude, a felicidade, a sabedoria e a liberdade. Que por sua vez, perpassava pelo exemplo do mestre e a contribuição da vontade do discípulo. Esse modelo pedagógico é a auto-educação defendida por Sêneca.

filosófica helenista influenciou o pensamento senequiano, de quem recebeu características originais.

Essa escola, encontra-se dividida em três períodos: a *Antiga Estoá* (estoicismo antigo e ortodoxo), no século III a.C., em Atenas, de Zenão de Cício³ (336-264 a.C.), discípulo do cínico Crates que no ano 304 a.C., fundou a escola estoica. Ainda no estoicismo antigo, Cleanto de Assos⁴ (331-232 a.C.) e Crisipo de Soles⁵ (280-210 a.C.), tiveram a função de manter a unidade dos ensinamentos deixados por Zenão; A *Média Estoá* (estoicismo helenístico e eclético), no século II a.C., em Roma, de Panécio (185-110 a.C.) e Possidônio (140-51 a.C.). Ambos tiveram o mérito de introduzir o estoicismo em Roma. E a *Nova Estoá*, (estoicismo imperial), nos séculos I e II d.C., em solo romano, por Sêneca (4 a.C - 65 d.C.), Epicteto⁶ (50-125 d.C.), filósofo grego e escravo em Roma e Marco Aurélio⁷ (121-180 d.C.), imperador romano (161-180 d.C.). O estoicismo imperial priorizou uma filosofia moral em detrimento do apreço pela lógica e a física (AUBENQUE, 1978).

³ “O fundador da escola foi Zenão de Citium, em Chipre, de quem se conhece com verossimilhança o ano do nascimento, 336-335 a.C., e o ano da morte, 264-263 a.C., Chegado a Atenas com os seus vinte e dois anos, entusiasmou-se, através da leitura dos escritos socráticos (os *Memoráveis* de Xenofonte e a *Apologia* de Platão), pela figura de Sócrates e julgou ter encontrado um Sócrates redivivo no cínico Crates, de quem se fez discípulo. Seguidamente foi também discípulo de Estilpon e de Teodoro Crono. Por volta do ano 300 a.C., fundou a sua escola no *Pórtico Pintado* (*Stoa poikilé*), pelo que seus discípulos se chamaram Estóicos. Morreu de morte voluntária como bastantes outros mestres que lhe sucederam. Dos seus numerosos escritos (*República, Sobre a Vida segundo a Natureza, Sobre a Natureza do Homem, Sobre as Paixões*, etc.) restam-nos apenas fragmentos. Os seus primeiros discípulos foram Ariston de Quios, Erilo de Cartago, Perseu de Citium e Cleanto de Assos na Tróade, que lhe sucedeu na direção da escola” (ABBAGNANO, Nicola, *História da Filosofia*, vol. 2, 5.ª Ed., Lisboa: Editorial Presença, 1999, pp. 11-12).

⁴ Cleanto (330 a.C., à 230 a.C.) nasceu em Assos, na Ásia Menor, e na cidade Atenas foi discípulo de Zenão. Devido a sua proximidade e fidelidade as doutrinas de Zenão, foi eleito como sucessor da escola estoica após a morte de seu fundador. Após problemas na gengiva e por decisão própria, deixou de se alimentar e morreu por inanição na terra ateniense (DIÓGENES LAÉRTIOS, 2008).

⁵ “[...] Crisipo de Soli ou de Tarso na Cilícia, nascido em 281-278, falecido em 208-205, que é o segundo fundador do Estoicismo, tanto que se dizia: «Se não tivesse existido Crisipo não existiria a ‘Stoa’». Foi de uma prodigiosa fecundidade literária. Escrevia todos os dias quinhentas linhas e compôs ao todo 705 livros. Foi também um dialético e um estilista de primeira ordem” (ABBAGNANO, Nicola, *História da Filosofia*, vol. 2, 5.ª Ed., Lisboa: Editorial Presença, 1999, p.12).

⁶ “Epicteto nasceu em Hierápolis, na Frígia, entre 50 e 60 d.C. Pouco depois de 70 d.C., quando ainda era escravo, começou a frequentar as aulas de Musônio, que lhe revelaram sua própria vocação para a filosofia. Expulso de Roma por Domiciano, juntamente com outros filósofos (em 88/89 ou em 92/93 d.C.), deixou a Itália, retirando-se para a cidade de Nicópolis, no Épiro, onde fundou uma escola que alcançou grande sucesso, atraindo ouvintes de todas as partes. Não se conhece a data de sua morte (alguns pensam em 138 d.C.)” (REALE; ANTISERI, *História da Filosofia: filosofia pagã antiga*, v. 1, 3.ª Ed., São Paulo: Paulus, 2007, p. 329).

⁷ “Com Marco Aurélio o estoicismo sobe ao trono imperial de Roma. Nascido em 121 d.C., de nobre família, Marco Aurélio foi adoptado pelo imperador Antonino e sucedeu-lhe em 161. Morreu em 180 durante uma campanha militar. Deixou um escrito composto de aforismos diversos, intitulado *Colóquios consigo próprio* ou *Recordações* em 12 livros” (ABBAGNANO, Nicola, *História da Filosofia*, vol. 2, 5.ª Ed., Lisboa: Editorial Presença, 1999, p. 49).

2.1 O ESTOICISMO: CONSIDERAÇÕES GERAIS

É certo afirmar que a escola estoica chegou a influenciar muitos pensadores romanos, entre os quais: Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), Públio Virgílio Maro (70-19 a.C.), Quinto Horácio Flaco (65-8 a.C.), Públio Ovídio Naso (43 a.C.-18 d.C.) e Lúcio Aneu Sêneca - ilustre representante do estoicismo romano (CASIMIRO, 2007). Mas quais as origens dessa escola filosófica? O estoicismo foi fundado no séc. III a.C., em Atenas, por Zenão, cuja proposta inicial consistia em oferecer aos seus integrantes um modo de viver virtuoso e feliz em conformidade com a natureza⁸. O tema do humanismo sempre foi o foco da doutrina estoica (LARA, 1989). Zenão ensinava o racionalismo ético e o controle do Destino⁹ (*fatum*) sobre os acontecimentos, de modo que o sábio sempre deveria ter uma postura de resignação diante das adversidades da vida. O ensino de Zenão estava pautado na tripartição da “φιλοσοφία” (filosófia), filosofia, que incluía a “λογική” (logikê), *lógica*, a “φύσις” (physis), *física* e o “ἦθος” (Ethos), *ética*. Segundo o ensino estoico, a filosofia tinha uma amplitude enciclopédica que abarcava a ciência das coisas humanas e das coisas divinas (FRAILE, 1965).

O estoicismo comparava a tripartição da filosofia com quatro ilustrações: o animal, o ovo, o campo fértil e a cidade. Na primeira, os ossos do animal representavam a lógica, a carne a ética e a alma a física. Na segunda, a casca do ovo representava a lógica, a clara a ética e a gema a física. Na terceira, a cerca que protege o campo simulava a lógica, o solo e a árvore representavam a física e os frutos, a ética. Na quarta, os muros da cidade e a administração racional simbolizavam a indissociabilidade da lógica, física e a ética. Entretanto, em relação a

⁸ “Chamam Natureza tanto o que contém o mundo como o que produz as coisas terrestres. A Natureza é um modo de ser que se move a si mesmo segundo razões seminais que produzem e contém as coisas que dela nascem em tempos definidos e formando as coisas semelhantes àquelas de que ela foi separada” (DIÓGENES LAËRTIOS, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*; traduções do grego, introdução e notas Mário Gama, 2.^a Ed., reimpressão – Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2008, VII, 148).

⁹ “Crêem os estóicos que o mundo e todos os acontecimentos são inteiramente determinados por Deus, o qual é identificável com natureza, destino, providência, *prónoia*. Esta é da essência de Deus, como o branco inerente à neve. Deus executa metodicamente os planos previstos. A palavra *fatum* é latina e significa dito. Provém do verbo *fari*, que significa dizer. O que Zeus ou os deuses dizem é levado a cabo inexoravelmente e alcança seu escopo. A natureza nada faz sem *télos*. E as catástrofes, que sentido têm? Em sendo elas gerais, atingindo os homens, v.g., terremotos, é necessário pensar que a providência os envia, tendo em consideração a totalidade do mundo, como castigo ou purificação. Por isso, não deve ser motivo de revolta, se também inocentes são atingidos” (ULLMANN, Reinhold Aloysio, *Filosofia da natureza nos estóicos*, PUC-RS, Filosofia Unisinos, 2008, p. 10).

tripartição da filosofia, Zenão priorizava em primeiro lugar, a lógica, em segundo, a física e em terceiro, a ética (DIÔGENES LAËRTIOS, 2008).

Após a morte de Zenão, a escola estoica teve como representantes Cleanto de Assos (331-232 a.C.) e Crisipo de Soles (280-210 a.C.). O primeiro foi discípulo do fundador da Estoá por 19 anos, de modo que se destacou entre os demais alunos, e assim, o sucedeu na condução da escola (DIÔGENES LAËRTIOS, 2008). Já o segundo, exerceu o papel importante na defesa da doutrina estoica por meio de sua fecundidade literária (ABBAGNANO, 1999).

O termo estoicismo surgiu pelo fato de Zenão ter ensinado seus alunos, junto à porta da cidade, “Στοά Ποικίλη” (*stoa poikilê*) – *pórtico pintado*. Os seus seguidores eram chamados de “Στοικοί” (*Stoikoi*) – *os da Porta*, discípulos que ficavam próximo ao pórtico para aprender. Assim, Zenão “sendo um *meteco* e, portanto, não gozando dos direitos de um cidadão ateniense, não podia adquirir um terreno no território de Atenas” (LIMA VAZ, 2006, p. 149). Desse modo, a escola foi fundada e ocorreu o surgimento do nome deste. A doutrina estoica deixada por Zenão tinha como projeto pedagógico a formação do homem virtuoso, feliz e sábio. O entendimento da tripartição filosófica estoica proporcionava a elevação e a consumação do viver de acordo com a natureza “ὁμολογουμένως ζην φύσει” (*omologumenos zoe fysei*).

Entre os principais problemas tratados pelos estoicos, consta o tema da lógica, assunto caro aos que precederam essa escola, a exemplo do filósofo grego Platão (428-348 a.C.) e, especialmente, o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.). A lógica estoica, oriunda do termo “λόγος”¹⁰ (*logos*), outorga o critério de verdade que serve como fundamento da ética. Compreendia-se que por meio das impressões extraídas dos objetos por intermédio das sensações era possível à razão acatar os dados impressos como verdades ou como dados descartáveis. Os primeiros eram vistos como representação cataléptica¹¹, e os segundos, como representação acataléptica - não consentido e assentido pela razão humana. Assim, a lógica estoica apropriou-se da “διαλεκτική” (*dialektikê*) dialética e da “ῥητορικὴ” (*rêtorikê*) retórica como instrumentos da formação dos critérios de verdade na fundamentação da ciência e da vida virtuosa (BRUN, 1986).

¹⁰ O termo grego “λόγος” significa: *palavra, estudo, pensamento, verbo e razão*. No texto acima, a definição utilizada é o “λόγος” como *razão*.

¹¹ “[...] a representação cataléptica torna-se inteligência e conceito, ou seja, torna-se universal, e sobre os universais se fundamenta o raciocínio verdadeiro e próprio [...]” (REALE; ANTISERI, *História da Filosofia: filosofia pagã antiga*, v. 1, 3.^a Ed., São Paulo: Paulus, 2007, p. 281).

A lógica estoica teve intenções próprias e aspectos de originalidade. O estoicismo se preocupou com as relações temporais - as coisas do dia-a-dia. A teoria do conhecimento estoico fundamentou-se no empirismo e nas representações obtidas das experiências vivenciadas, ou seja, a análise do indivíduo (interior) a respeito do mundo em que vive (exterior). Logo essa representação tem como substrato o objeto (o representado), de sorte que podem ocorrer a representação compreensiva¹² ou a não-compreensiva. A primeira se apresenta de modo claro e nítido, enquanto a segunda, de modo obscuro e nem sempre distinto (BRUN, 1986).

A representação compreensiva é a concordância lógica, concedida pela razão, de forma que a estruturação dos dados tidos como verdadeiros se torna “ἐπιστήμη” (*episteme*) ciência. A estrutura das premissas permite chegar nas conclusões coerentes e certas. O sábio estoico não emite meras opiniões ou subjetivismo simplista, e sim, um parecer assentido na representação compreensiva, o critério da certeza. A representação não-compreensiva é quando a realidade não transmite uma apreensão ou quando transmite, se faz com precária nitidez. Assim, é uma apreensão com escassa transparência ou nenhuma precisão (DIÓGENES LAËRTIOS, 2008).

No afã de distinguir a representação compreensiva e a representação não-compreensiva o estoicismo fez o uso da “διαλεκτική” (*dialektikê*) dialética. Por meio da dialética, o sábio estoico distinguia o verdadeiro do falso. A dialética possibilitava o uso metódico de perguntas e respostas como discussão em forma de diálogos. O assentimento da representação compreensiva em relação aos acontecimentos da vida se dava por meio do uso da dialética (BRUN, 1986). Além da lógica, o estoicismo também se preocupou com a física.

Destarte, para além da lógica, outros aspectos são reconhecidos nas reflexões empreendidas pelo estoicismo, tal como a “φύσις” (*physis*), a física. Para o estoicismo, a física é uma ordem imutável e perfeita da natureza, que controla e sustenta todas as coisas. Os estoicos identificavam essa ordem com o próprio Deus. Os estoicos substituíram as quatro causas aristotélicas (material, eficiente, formal e

¹² “Há duas espécies de apresentação; uma apreende imediatamente a realidade, e a outra apreende a realidade com pouca ou nenhuma nitidez. A primeira, que os estóicos definem como critério da realidade, é determinada pelo existente, de conformidade com o próprio existente, e é impressa e estampada na alma. A outra não é determinada pelo existente, ou se provém do existente, não é determinada de conformidade com o próprio existente, e não é, portanto, nem clara nem distinta” (DIÓGENES LAËRTIOS, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*; traduções do grego, introdução e notas Mário Gama, 2.ª Ed., reimpressão – Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2008, VII, 45-46).

a final) por dois princípios, o princípio passivo entendido como a matéria, e o princípio ativo, isto é, a razão¹³ (Deus) agindo sobre a matéria, impondo a sua ordem. A física estoica apoiou-se sobre o materialismo, ao ponto de compreender que tudo o que existe tem um corpo, exceto, quatro coisas: o significado, o vazio, o lugar e o tempo (ABBAGNANO, 1999).

Os estoicos acreditavam nos quatro elementos - água, ar, terra e fogo - como os constituintes de todas as coisas criadas. A água e a terra são princípios passivos, enquanto o fogo e o ar são princípios ativos. A partir desse entendimento, compreenderam que o “κόσμος” (*kosmos*) é finito e rodeado pelo vazio. Contudo, dentro do mundo, a matéria está unida e compacta. A física estoica acreditava no ciclo da vida, ou melhor, todas as coisas se repetem ao longo do tempo por meio da *ekpyrosis* (conflagração) de todos os seres. Ou seja, a renovação do universo e o retorno de todas as coisas, sem as modificações no ciclo anterior. Por conseguinte, a *ekpyrosis* é a conflagração universal, o eterno retorno (DIÓGENES LAËRTIOS, 2008).

A física estoica ensinou que o destino e a providência são operações semelhantes. O destino é a ordem da natureza em que todas as coisas se encontram determinadas, enquanto a providência é o domínio do divino sobre sua criação, o autor do *Fado*¹⁴. Os estoicos diziam que o divino é imanente e se encontra presente na natureza, assim, ensinavam o panteísmo. O politeísmo era justificado como as diferentes maneiras de Deus ser reconhecido na natureza, no entanto era o mesmo Deus (REALE; ANTISERI, 2007). Além da lógica e da física, essa corrente filosófica também se preocupou com a ética e empreendeu reflexões a respeito desta.

Para o estoicismo, o “ἠθός” (*Ethos*) aplica-se ao modo correto de viver, ou seja, viver virtuosamente de forma que alcance o “τέλος” (*telos*), fim último, a “εὐδαιμονία” (*eudaimonia*), felicidade, e a perfeição (*perfectum*). Assim, afirmava que

¹³ “[...] para os estóicos, natureza, Deus e fogo são termos sinônimos; divinizar a natureza, ou antes, naturalizar Deus, é dar ao homem a possibilidade de entrar em contato com ele e de encontrar, na realidade que o envolve, a consistência susceptível de dar à vida uma significação ordenada. Por isso a física estóica não se apresenta de modo algum como o sistema racional de um humanismo do conhecimento, mas como uma teologia que é ao mesmo tempo uma cosmologia, e, por estranha que a expressão possa parecer, como um materialismo espiritualista” (BRUN, *o Estoicismo*, Lisboa, Edições 70, 1986, p. 48).

¹⁴ “Os Estóicos entendiam esse *Fado* como a série irreversível das causas, como a ‘ordem natural e necessária de todas as coisas’, como a indissolúvel trama que liga todos os seres, como o logos segundo o qual as coisas acontecidas aconteceram [...]” (REALE; ANTISERI, *História da Filosofia: filosofia pagã antiga*, v. 1, 3.^a Ed., São Paulo: Paulus, 2007, p. 286).

são próprias dos seres vivos a busca do que lhes é bom e harmonioso, a tendência inata dos seres vivos de autoconservar-se e autoprotoger-se (a tendência da autoconservação). No entanto, nessa questão, os estoicos fizeram uma distinção entre o homem e os demais seres vivos: o primeiro se utiliza da razão no uso do instinto da conservação, enquanto que os demais seres usam o seu instinto da conservação de modo inconsciente e por meio do impulso primigênio (BRUN, 1986).

O supremo bem e a virtude, segundo os estoicos, fazem parte do fim supremo das ações virtuosas. O bem é aquilo que é útil e a virtude a sua manifestação. Os estoicos entendiam a virtude como a realização correta do bem. No estoicismo, a virtude é *una* como a manifestação do único bem e *múltipla* enquanto variedade das realizações da vida virtuosa do sábio (DUMONT, 2014).

Para os estoicos, a virtude é o bem e o vício é o mal. Enquanto as demais coisas como a saúde, a doença, a riqueza, a pobreza e a morte, são *indiferentes*, isto é, não são *bens* e nem *males*. Não obstante, depende da forma como o indivíduo reage diante de tais situações, seja de maneira útil ou prejudicial. Por isso aquele que pondera sobre o modo de viver e é guiado pela razão pode ser considerado sábio. O sábio, segundo os estoicos, é aquele que vive de modo virtuoso, racional e feliz, de maneira que suas ações não devem alcançar só a si, mas a sua família, a sua cidade e a sua nação, porque o sábio estoico é cidadão do mundo (BRUN, 1986).

Todavia, o sábio estoico deve-se comportar neste mundo como pessoa apática. Os estoicos entendiam que as paixões são doenças da alma, assim, o sábio precisa ser indiferente às paixões¹⁵, já que as mesmas, segundo os estoicos, são irracionais¹⁶ e contrárias à natureza. Desse modo, “faz parte integrante da Ética estóica a negação total do valor da emoção (*pathos*)” (ABBAGNANO, 1999, v. 2, p. 23). O sábio estoico sempre deve agir de modo indiferente diante das adversidades, portanto, tendo uma atitude serena, resignada e firme ante os reveses da existência humana. Para o estoicismo, a filosofia enquanto arte de viver e morrer terá um papel

¹⁵ “As paixões são, definitivamente, doenças da alma: tal como o nosso organismo está exposto a contrair uma constipação, uma artrite, etc., do mesmo modo a nossa alma pode estar doente; as doenças do corpo e da alma são fraquezas” (BRUN, *o Estoicismo*, Lisboa, Edições 70, 1986, pp. 82-83).

¹⁶ “A própria paixão, segundo Zênon, um movimento da alma, irracional e contrária à natureza, ou um impulso excessivo. Hecáton no segundo livro de sua obra *Das Paixões* e Zênon em sua obra *Das Paixões* afirma que os principais gêneros de paixões são quatro: dor, medo, concupiscência e prazer” (DIÓGENES LAÉRTIOS, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*; traduções do grego, introdução e notas Mário Gama, 2.^a Ed., reimpressão – Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2008, VII, 110).

pedagógico na libertação do homem, diante de suas doenças da alma, bem como na consumação de sua finalidade de vida, o viver segundo a natureza. Devido ao aspecto peculiar dos romanos, a praticidade, tais ensinamentos conquistaram Roma sob o viés da moralidade, o viver virtuoso.

2.1.1 O estoicismo em Roma

O estoicismo percorreu um novo itinerário, a partir do séc. II a.C., e ficou conhecido por estoicismo médio. A partir daí o estoicismo chegou a Roma por intermédio de seus adeptos¹⁷. À vista disso, o período da Média Estoá ocorreu entre os sécs. II-I a.C., e teve como representantes Panécio de Rodes (185 a.C., à 110 a.C.) e Possidônio de Apaméia (140 a.C., à 51 a.C.). A Média Estoá foi marcada pelo ecletismo, ou seja, à conciliação e à fundição entre as doutrinas das três escolas filosóficas pós-aristotélicas; o estoicismo, o epicurismo e o ceticismo. Todavia apesar da influência do Platonismo e do Aristotelismo, seus representantes mantiveram-se fiéis aos fundamentos do estoicismo.

Panécio, nasceu em Rodes, Grécia, e na sua juventude viajou para Atenas, onde ingressou na *Estoá*, passou por um longo período em Roma e, por fim, retornou e morreu em Atenas; Destacou-se com a obra, *Dos Deveres*, e exerceu papel fundamental no restabelecimento da doutrina estoica, entretanto deixou-se ser influenciado pela perspectiva eclética e modificou alguns conceitos do estoicismo, negou a conflagração cósmica e adotou o conceito de eternidade do mundo, como também, repudiou a ideia de uma felicidade proveniente exclusivamente da vida virtuosa, de forma que seria necessário ter, além disso, saúde, condições econômicas e força na realização de uma vida feliz. Por conseguinte, Panécio também negou a visão estoica da apatia das paixões e a teoria da adivinhação (FRAILE, 1965).

Possidônio, nasceu em Apameia, na Síria e no início de sua juventude foi morar em Atenas, onde se tornou discípulo de Panécio. Ambos estiveram por um

¹⁷ “[...] o médio estoicismo, representado essencialmente por Panécio (180-110) e Possidônio (por volta de 135-151), que tiveram o grande mérito histórico de introduzir o estoicismo em Roma, traí contaminações platônicas ou aristotélicas, o novo estoicismo, ou estoicismo imperial, marcará uma volta à ortodoxia do antigo estoicismo” (AUBENQUE, Pierre. *As filosofias helenísticas: estoicismo, epicurismo e ceticismo*. In: CHÂTELET, François. *História da Filosofia: ideias e doutrinas*. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1978. p. 169).

bom tempo em Roma. Possidônio encerrou sua vida como professor de sua escola estoica na cidade de Rodes, na Grécia. Além disso, constituiu um grande explorador dos estudos da Antiguidade e exerceu destaque com suas descobertas científicas e foi profundamente influenciado pelos ensinamentos deixados por Platão e Aristóteles. Entretanto ele rejeitou alguns pontos do estoicismo antigo: a conflagração cósmica, a semelhança entre Zeus, natureza e destino e a apatia das emoções. Em contrapartida, elaborou outros conceitos, a saber: a imortalidade da alma racional e a sua preexistência, bem como a atribuição das emoções. Possidônio por meio de sua erudição eclética procurou retratar a importância de todas as filosofias anteriores, com exceção do atomismo e do epicurismo (FRAILE, 1965).

Panécio e Possidônio foram os responsáveis pela disseminação do estoicismo na cultura romana. Panécio morou em Roma por um longo período de sua vida. O conceito de virtude da justiça como elemento fundamental da vida social, proposto por Panécio, teve grande repercussão entre os romanos. Panécio e Possidônio deram ao estoicismo um caráter mais humanista, ao se preocuparem com o homem e a civilização. Assim sendo, a amizade de Panécio e Possidônio com os romanos contribuiu na transmissão do estoicismo à cidade de Roma (ROCHA PEREIRA, 2013).

Para além da Média Estoá, o período da Nova Estoá ocorreu entre os sécs. I-II d.C., e teve como representantes Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio. O estoicismo constou-se de cinco séculos de desenvolvimento¹⁸, desde a fundação da *Estoá*, por Zenão de Cício, em 304 a.C., até a morte de Marco Aurélio, em 180 d.C. Assim, houve mudanças significativas ao longo desses séculos (DUMONT, 2004). O período do neo-estoicismo é marcado pelo apego ao problema moral e ao distanciamento da lógica e da física, bem como caracterizado pelas influências do Platonismo e pelas características religiosas (NOVAK, 1999).

Sêneca teve papel significativo no desenvolvimento do estoicismo em Roma. A sua iniciação na doutrina estoica e nos escritos da filosofia antiga começou pelos estudos em Roma, da gramática, da retórica e da filosofia. A primeira lhe ensinou a análise gramatical da língua latina e da literatura, bem como a decorar textos latinos

¹⁸ De acordo com Paul Veyne (2016), no ano de 260 d.C., o estoicismo se extinguiu, contudo foi parcialmente incorporado ao platonismo de Plotino.

e gregos; a segunda lhe ensinou a arte da comunicação, contudo foi a terceira disciplina que o seduziu, especialmente, o aspecto moral como pedagoga da arte de viver e morrer. Não obstante, Sêneca produziu uma filosofia prática e não um tratado sistemático em filosofia. Os mestres responsáveis por sua formação filosófica foram três: Sótio, Átalo e Papírio Fabiano. Esses tinham sido aluno de Séxtio, o mestre eclético moral de inspiração estoica. Assim, Sêneca foi introduzido na doutrina estoica e se tornou um destacado representante da Nova Estoá (ULLMANN, 1996):

Quadro 1 – CRONOLOGIA DA VIDA DE SÊNECA

CRONOLOGIA DA VIDA DE LÚCIO ANEU SÊNECA	
DATA	ACONTECIMENTOS
4 a.C.,	Lúcio Aneu Sêneca nasceu no seio de uma família de Córdova, capital da província Bética, na Hispânia. Seu pai era o procurador Marco Aneu Sêneca.
20 d.C.,	Sêneca conheceu o filósofo Átalo, que se converteu em um de seus mestres e o introduziu aos princípios do estoicismo.
25 d.C.	Viajou ao Egito para recuperar de uma enfermidade respiratória. Tomou contato com a cultura egípcia e a filosofia alexandrina.
31 d.C.,	Regressou a Roma, onde começou sua carreira política e a de orador. Pouco tempo depois, obteve o cargo de questor.
37 d.C.,	Escreveu o livro, <i>Consolação a Márcia</i> , em que expõe sua postura ante a morte, um dos eixos de sua filosofia.
41 d.C.,	Foi condenado a morte sob o governo do imperador Cláudio, que resultou em sua pena de exílio em Córsega.
49 d.C.,	Retornou de Córsega, e pouco tempo depois, tornou-se preceptor de Nero, sob as instâncias de Agripina, esposa de Cláudio.
54 d.C.,	Nero nomeou Sêneca e Sexto Afrânio Burro como conselheiros e ministros políticos. E se tornou o imperador do império romano.
65 d.C.,	Sêneca foi condenado a morte sob a acusação de participar da conspiração de Pisão (tentativa de morte do imperador Nero). Logo depois, Sêneca se suicidou.

FONTE: Adaptado de MORENO, Jaime. *Sêneca / uma ética basada en la consciencia de la finitud y el respeto al projimo*. RBA, Madrid – ESP. 2015.

Panécio de Rodes, Possidônio de Apameia, Séxtio, Cícero, Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio, foram os responsáveis pela influência do estoicismo em solo

romano. Desde a República ao advento do Império, Roma¹⁹ sempre teve afinidade com as escolas helênicas, entre elas, o estoicismo foi a escola com mais adeptos e admiradores nessa época. Dito de outro modo, após as conquistas dos romanos no mundo antigo, “Roma começou a acolher e a cultivar a filosofia grega que se torna um elemento indispensável da cultura romana” (ABBAGNANO, 1999, v. 2, p. 42). Para tanto o dever e a autodisciplina da tradição estoica vieram ao encontro das antigas virtudes romanas, bem como o ensino estoico do cosmopolitismo correspondeu sob medida ao sentimento altivo de império mundial do homem romano. Assim sendo, a fase do neo-estoicismo foi o ápice da doutrina estoica em Roma e Sêneca, o seu grande expoente.

Para Sêneca, a filosofia é a medicina dos males da alma e a orientadora das ações práticas. A ética era o centro de sua reflexão filosófica. Em vista disso, Sêneca pode ser considerado um moralista no sentido de se ocupar, em seus escritos, com essa temática. As ações morais desse pensador foram vistas como costumes moralizantes diante da crise moral vivenciada no império romano (NOVAK, 1999). Para Tiago Adão Lara, “muito dentro do espírito prático romano, o estoicismo imperial deu pouca atenção aos aspectos lógicos e físicos da Escola. Ateve-se quase que só à sua dimensão ética” (LARA, 1989, p. 196). Sêneca, propôs uma filosofia prática que atendesse, principalmente, a vida moral do ser humano, sua realização pessoal e o bem público.

Os estoicos entendiam que a pessoa em sua individualidade e comportamento era o centro da ética (LARA, 1989). Ou seja, Sêneca ao passar por momentos em família, na corte, no exílio e no poder, sem dúvida, o que o preocupou foi como o homem deveria se comportar para ser feliz. O pensamento estoico romano de Sêneca é evidenciado em seus escritos por intermédio das lições filosóficas e morais (NOVAK, 1999).

Por isso, a obra²⁰ de Sêneca apresenta o seu pensamento filosófico estoico, especialmente, o seu conceito ético e a sua perspectiva a respeito do processo formativo do homem sábio:

¹⁹ “Os Romanos sempre admiraram a civilização grega e inspiraram-se nela, em certos pontos bem precisos: o teatro, a escultura e a arquitetura. Um sentimento muito generalizado levava-os a considerarem-se «parentes» dos Gregos [...]” (GRIMAL, Pierre, *O Império Romano*, Reimp. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 22).

²⁰ “Da rica produção de Sêneca, chegaram até nós: *De providentia*, *De constantia sapientes*, *De ira*, *Ad Marciam de consolatione*, *De vida beata*, *De otio*, *De tranquillitate animi*, *De brevitae vitae*, *Ad Polybium de consolatione* *Ad Helviam matrem de consolatione* (esses escritos também são indicados

Quadro 2 – CRONOLOGIA DA OBRA DE SÊNECA

LIVRO	WALTZ	ALBERTINI	HERRMANN	POHLENZ	ELORDUY
<i>Consolação a Márcia.</i>	37-41 d.C.,	40 d.C.,	62 d.C.,	40 d.C.,	41 d.C.,
<i>Consolação a Hélvia.</i>	42-43 d.C.,	41-42 d.C.,	43 d.C.,	42-43 d.C.,	41-42 d.C.,
<i>Consolação a Políbio.</i>	43 d.C.,	43 d.C.,	43 d.C.,	43 d.C.,
<i>Da Ira.</i>	Entre os anos 41-49 d.C.,	Livros I-II: ano 41. Livro III: 49-50 d.C.,	49 d.C.,	Livros I-II: 41 d.C., antes do exílio. Livro III: nos últimos anos do exílio.	41 d.C.,
<i>Sobre a Vida Feliz.</i>	58-59 d.C.,	58-59 d.C.,	59 d.C.,	57 d.C.,	62 d.C.,
<i>Da constância do Sábio.</i>	Primeiros meses do exílio.	56 d.C.,	56 d.C.,	56 d.C.,	47 d.C.,
<i>Sobre a tranquilidade da alma.</i>	Depois de 49 d.C.,	61 d.C.,	57 d.C.,	60 d.C.,	59-61 d.C.,
<i>Sobre o Ócio.</i>	61-62 d.C.,	62 d.C.,	58 d.C.,	62 d.C.,	61-62 d.C.,
<i>Sobre a brevidade da Vida.</i>	49 d.C.,	49 d.C.,	62 d.C.,	49 d.C.,	41 d.C.,
<i>Da Providência.</i>	Primeiros meses do exílio.	63 d.C.,	60 d.C.,	60-64 d.C.,	64 d.C.,
<i>Tratado sobre a Clemência.</i>	55-56 d.C.,	56 d.C.,	58 d.C.,	55 d.C.,	54-55 d.C.,
<i>Dos Benefícios.</i>	58-62 d.C.,	58-62 d.C.,	57-58 d.C.,	57-64 d.C.,	62-63 d.C.,
<i>Questões Naturais.</i>	62-63 d.C.,	63 d.C.,	59-62 d.C.,	62-64 d.C.,	63-64

pelo título geral de *Dialogorum libri*). Além desses, também nos chegaram: *De clementia*, *De beneficiis*, *Naturales quaestiones* (em oito livros) e a imponente coletânea das *Cartas a Lucílio* (124 cartas divididas em vinte livros). Também nos chegaram algumas tragédias, destinadas mais à leitura do que à representação, em cujas personagens se encarna a ética de Sêneca (*Hercules furens*, *Troades*, *Phoenissae*, *Medea*, *Phaedra*, *Oedipus*, *Agomemnon*, *Thyestes* e *Hercules Oetaeus*)” (REALE; ANTISERI, *História da Filosofia: filosofia pagã antiga*, v. 1, 3.^a Ed., São Paulo: Paulus, 2007, p. 326).

					d.C.,
<i>Cartas as Lucílio.</i>	No retiro.	63-64 d.C.,	57-58 d.C.,	63-65 d.C.,	64 d.C.,
<i>Apocoloquintosis.</i>	54 d.C.,	54 d.C.,	54 d.C.,	54 d.C.,	54 d.C.,
<i>Tragédias.</i>	---	---	---	Algumas anteriores ao ano 50 d.C.,	56-59 d.C.,

FONTE: Adaptado de GARCÍA GARRIDO, José Luís. *El "corpus senecanum" y los temas referentes a la formación humana. Revista Espanola de Pedagogía*, Madrid, v. 26, n. 101, p. 43-64, ene. / mar. 1968a.

O quadro acima apresenta a relação dos livros de Sêneca e suas possíveis datas segundo os autores renomados da literatura latina²¹. Pretende-se neste momento, abordar os tópicos principais da ética senequiana, que o marcou como representante do estoicismo imperial, tais como: o viver de acordo com a sua própria natureza, a busca pela felicidade, a virtude como sinónimo do soberano bem, a formação do sábio e a questão do suicídio. A ética, para Sêneca, é natural e universal aos seres humanos, visto que a fonte da lei é o "λόγος" (*logos*), que, por sua vez, é extensivo a todos. Destarte, essa lei se identifica com a lei moral, algo próprio de todos por intermédio da razão (ULLMANN, 1996).

Para Sêneca, o viver segundo a sua própria natureza (*secundum naturam suam vivere*)²² é agir em conformidade com a razão e, assim, conhecer e seguir as leis que regem o mundo e alcançar a felicidade (ROCHA PEREIRA, 2013). O ser humano, ao tomar consciência da lei moral e seguir as diretrizes dessa lei, apresentará uma vida ética, dado que toda ação moral deve pautar-se pela razão universal (*ratio universi*). Sêneca, a esse respeito, comentou: "Segundo todos os estoicos, eu sigo a natureza. É sabedoria não se afastar dela e adequar-se às suas leis e ao seu exemplo. É, pois, feliz a vida que está conforme a própria natureza"

²¹ Entre os autores citados pelo filósofo e educador espanhol José Luís García Garrido, estão: o historiador francês Rene Waltz do século XX com o destaque de seu livro, *Vie de Sénèque*, em que apresenta com propriedade a biografia de Sêneca; o professor francês Eugène Albertini (1880 - 1941) de literatura latina e historiador da Roma Antiga, autor da tese, *Composição nas obras filosóficas de Seneca*; o latinoista francês Leon Herrmann (1889 – 1984) teve destaque em sua tese de doutorado em Letras, com o tema: *Teatro em Sêneca*; o filólogo alemão Max Pohlenz (1872 – 1962) foi um exímio pesquisador do estoicismo e do pensamento senequiano, destacando-se com os livros: *O Stoa: História de um movimento espiritual*, em dois volumes; e o filósofo espanhol Eleuterio Elorduy Maurica, autor dos livros: *Sêneca, vida e escritos* e *o estoicismo*.

²² Sêneca promoveu uma nova orientação ao estoicismo com a afirmativa viver segundo a sua própria natureza, conforme consta nas *Cartas a Lucílio*, IV, 41,8.

(SÊNECA, *A Vida Feliz*, I, 3.3). Para os estoicos, a tríplice ideal da vida humana encontra-se em seguir a natureza, a razão e Deus, que de fato, são as mesmas coisas. Assim, o pensamento estoico senequiano defendeu o viver segundo a sua própria natureza. Ou seja, o uso correto da razão humana. Esse exercício, é possibilitado pelo processo formativo educacional da filosofia. Eis a importância da sabedoria e da filosofia na condução de levar o homem à consumação da finalidade de sua existência, o viver segundo a sua própria natureza (ULLMANN, 1996).

Em Sêneca, a busca pela felicidade também passa pelo viés do uso correto da razão. O caminho da felicidade é viver segundo a natureza, em vista disso, o homem alcançará, por meio da razão, a virtude e a perfeição, ou seja, “feliz, então a vida fundamentada em juízo reto, certo, estável e imutável” (SÊNECA, *A Vida Feliz*, I, 5.3). Contudo, em relação às vantagens naturais, como saúde e a prosperidade, Sêneca insiste em repetir que tais vantagens e privilégios não acrescentam nada à felicidade e à tranquilidade da alma (VEYNE, 2016). Logo, tais vantagens não constam como requisitos para uma vida feliz. A felicidade faz parte daquele que vive segundo a sua própria natureza, pelo fato, de estar vivendo segundo o propósito pelo qual nasceu - uma vida racional e virtuosa.

Para Sêneca, a felicidade plena está ligada à realização da virtude. Agindo assim, o ser humano receberá como prêmio privilégios dos deuses, como a liberdade e a paz de espírito. Essa busca pela felicidade (*eudaimonía*) e a satisfação plena (*beatitudo*) é algo inerente ao ser humano. Para Jean-Paul Dumont (2004), o estoicismo faz ligação entre ética e felicidade do seguinte modo: “o fim da ética é a vida conforme à natureza. É nessa vida virtuosa que consiste a felicidade” (DUMONT, 2004, p. 666). Assim, para ser feliz, é necessário obter uma vida virtuosa.

A virtude é sinônimo do soberano bem, pois a reta razão alcança o sumo bem e, desse modo, obtém a harmonia da alma. Portanto, a virtude é o único bem supremo (LARA, 1989). Em Sêneca, o conceito de sumo bem consiste “[...] no próprio juízo e na estruturação de uma mente perfeita que, cônica de seu movimento restrito aos seus limites, realiza-se, plenamente, de modo a nada mais desejar” (SÊNECA, *A Vida Feliz*, I, 9.3). A virtude é sinônimo do soberano bem, do belo, da moderação e da honestidade. Segundo Sêneca, a virtude é mais do que resistir aos vícios é também suportar o sofrimento e os incidentes da vida (VEYNE, 2016).

Em Sêneca, a formação do sábio requer maturidade no uso correto da razão, ou melhor, o discernimento do que é justo e injusto. Ora, o sábio é aquele que alcançou a retidão. Conforme assinala Jean Brun (1986), o sábio vive segundo a natureza e, ao seguir a razão, por conseguinte, é isento das paixões. O sábio estoico está isento dos apegos das coisas desta vida e sabe suportar as adversidades da existência humana. O universo é a pátria do sábio, seja em qualquer lugar, ali será a casa do sábio. No livro, *Sobre a Firmeza do Homem Sábio*, Sêneca apresentou o valor de se tornar um sábio – uma pessoa virtuosa. Além disso, ele afirmou que o modelo de sábio a ser alcançado não é, de modo algum, irreal e falacioso:

Não há motivo para dizeres, como estais acostumado, que este nosso sábio não se encontra em parte alguma. Não forjamos esse esplendor ilusório da natureza humana, nem concebemos uma imagem grandiosa de algo irreal, mas, tal qual o estamos descrevendo, já o exibimos e vamos exibi-lo, quiça raramente e não mais que um a cada grande intervalo de tempo; de fato, figuras grandes e destacadas do padrão vulgar e usual não são geradas com frequência. Além do mais, receio que o próprio Catão, cuja menção fez avançar este debate, esteja acima do nosso modelo (SÊNeca, *Sobre a Firmeza do Homem Sábio*, 7, 1).

O sábio é o homem ideal a ser alcançado na perspectiva pedagógica de Sêneca. A formação do sábio está entrelaçada com outro tema de seu pensamento ético, a questão do suicídio²³. Para o estoicismo senequiano, o suicídio é um direito que pertence ao sábio, quando não for possível mais a atividade do “λόγος” (*logos*). Por isso, diante da impossibilidade de alcançar a felicidade e do agir ético, devido aos tormentos desta vida, o mesmo tem o direito de pôr fim à sua existência, por meio de uma morte livre e refletida (ULLMANN, 1996). Portanto, Sêneca “[...]”

²³ “Suponhamos então que eu contraia uma doença dolorosa, ou nem isso: uma doença desagradável; ou, ainda, suponhamos que eu venha a perder tudo o que possuo e me veja obrigado a mendigar: o que eu deveria fazer, sendo um estoico? A resposta em geral seria: suportar virtuosamente a pobreza e a doença e, graças à virtude, ser feliz, ainda que seja preferível não ter de suportá-las. Em outras palavras, a felicidade virtuosa prevalecerá sobre a propensão aos preferíveis. Ora, a resposta dos estoicos antigos teria sido bem diferente: matar-se, pôr fim a seus dias. Em *Sobre a vida feliz*, Sêneca replica a seus detratores, que ironizam a enorme riqueza do filósofo, que, se um dia se visse obrigado a mendigar pelas esquinas, não faria disso um drama: se suicidaria, pura e simplesmente; e, na espantosa carta 77, um homem acometido “de uma doença não incurável, mas longa e penosa”, recebe de um amigo estoico o conselho de pôr fim a seus dias; o que ele faz, por meio de inanição, ‘não sem sentir’, dizia, ‘a espécie de prazer singular propiciado por alguns desmaios’” (VEYNE, Paul, *Sêneca e o estoicismo*, 1.ª Ed., São Paulo: Três Estrelas, 2016, p. 61).

julgava mais nobre tirar-se a si próprio a vida do que ser morto, violentamente, por outro. O suicídio é um refúgio corajoso, deixado à liberdade” (ULLMANN, 1996, p. 47). O pensamento senequiano é marcado por uma severidade em sua moralidade, porém revela um lado frágil, ao defender o suicídio. Sêneca escreveu a favor do suicídio do seguinte modo:

Que há, na verdade, de mais notável que esta frase que eu aqui incluo para ti? “É um mal viver na necessidade, mas não há qualquer necessidade de viver na necessidade”. Como não seria assim? Em todo o lado estão patentes as vias para a liberdade: muitas, curtas e fáceis. Agradecemos à divindade o facto de ninguém poder ser obrigado a permanecer vivo: é-nos possível dar um pontapé na própria necessidade (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, I, 40).

Mais adiante, Sêneca escreveu:

Quando queremos mesmo deixar esta vida não há obstáculos que nos possam impedir: a natureza deixa-nos abertas todas as portas! Quando as circunstâncias o permitem pode eleger-se uma forma de suicídio menos brutal; quando temos à mão muitos recursos com vista a esse objetivo podemos escolher entre eles e pensar qual a forma preferível de conquistar a liberdade: numa situação desesperada, contudo, há que tomar como melhor o meio que está ao alcance, por muito extravagante e original que seja. A quem deseja suicidar-se, desde que lhe não falte o ânimo, não lhe faltará também a imaginação. [...] O Homem de valor é aquele que, não só exige de si o suicídio, como ainda encontra forma de o realizar. [...] A mesma razão te aconselhará a morrer, se possível, do modo que te agradar, se não, do modo que for viável, isto é, a aproveitar a forma de suicídio que as circunstâncias te depararem. Se é imoral viver impetuosamente, morrer num ímpeto, pelo contrário, é admirável! (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, VIII, 70).

Conforme comentou Ullmann (1996), o suicídio é um tema incongruente em Sêneca, pois, se de um lado, o estoicismo senequiano ensina a resignação ante as determinações do destino, de outro lado, apresenta o suicídio como uma saída lógica e um subterfúgio honroso diante das adversidades. O estoicismo entendia o suicídio como uma saída virtuosa, porém, somente em caso em que a pessoa não podia mais, ser conseqüente consigo mesmo, na sociedade e no mundo. Entretanto, esse tema é um problema ético que Sêneca não hesitou em discutir, pelo contrário, teve a coragem de apresentar tal assunto, tanto pela escrita, quanto pela própria

vida, conforme a figura de Jacques Louis David²⁴, que ilustra o seu pensar corroborado em seu suicídio²⁵:

FIGURA 1 – A MORTE DE SÊNECA (1773), DE JACQUES LOUIS DAVID.



Fonte: <http://pt.wahooart.com>

A recorrência dos referidos temas, presentes no pensamento senequiano, evidencia o diálogo e influência do estoicismo e também o ecletismo de seu tempo. Além disso, viu-se a relação entre as propostas do estoicismo e o pensamento ético de Sêneca. Assim, é possível contemplar o papel pedagógico da filosofia no intuito de promover a capacitação do indivíduo no que diz respeito ao uso correto da razão (viver segundo a sua própria natureza), feliz, virtuosa, sábia e preparada para viver e o morrer. Em relação à proposta educacional, Sêneca defendeu uma educação prática e um processo autoformativo diante de um ensino verbalista e acumulativo realizado em seu tempo.

²⁴ Jacques Louis David (1748-1825) foi um pintor francês que se destacou como representante do neoclassicismo. Em 1773, em concorrência com o pintor, Pierre Peyron, Jacques desenhou a morte de Sêneca sob a ordenança do imperador Nero. Na pintura, percebe-se que o autor retratou mais a despedida de Sêneca com a sua esposa, Paulina, do que propriamente, o motivo de seu suicídio.

²⁵ No ano de 65 d.C., Nero mandou que Sêneca se suicidasse, sob suspeitas de conspiração, mesmo sem ter provas. Diante disso, as veias dos pulsos e das pernas de Sêneca foram cortadas pelo médico. No intuito de acelerar a morte, Sêneca tomou um veneno e morreu após pedir para ser colocado debaixo de um banho quente. Não houve um funeral solene e o corpo de Sêneca foi cremado (ULLMANN, 1996).

2.2 A PROPOSTA EDUCACIONAL DE SÊNECA

A proposta educacional de Sêneca foi uma contraposição com a educação da sociedade vigente²⁶. Sêneca indicou a auto-educação como a melhor maneira de formar o homem (CAMBI, 1999). Ao invés da erudição estudada em sua época, Sêneca propôs uma filosofia prática, um ensino para a vida. Assim, a escola deveria ser onde: “se investiga o que é o homem de bem, em que se aprende a ser homem de bem [...]” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, IX, 76.4). Contudo, por não cumprir com esse objetivo, a educação romana priorizava a formação de homens eruditos através de um ensino verbalista e não prático e moral. Tal ensino proporcionava o seguinte: “Quem se entrega à respectiva prática, sem dúvida será capaz de arquitetar argumentos cheios de agudeza, mas sem qualquer utilidade para a sua vida, já que não se torna mais enérgico, mais moderado ou mais elevado por isso” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIX, 111.2). Diante dessa constatação, Sêneca defendeu uma educação que atendesse a promoção e a formação humana:

Gasta-se o engenho com questões supérfluas: estas teorias não tomam os homens bons, apenas os fazem eruditos. “Saber” é algo de muito mais vasto, e também mais simples: não são precisas muitas letras para nos darem um espírito bem formado; nós é que estamos habituados a desperdiçar tudo, e a filosofia não foge à regra. Sofremos de intemperança em tudo, até no uso das letras. Estudamos para a escola, não para a vida! (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XVII, 106.11-12).

Sêneca compreendeu a necessidade de despertar no homem o desejo pelo aprender. A vontade do discípulo como elemento participativo do plano pedagógico. Na relação entre discípulo e mestre, o exemplo do mestre também era um outro elemento participativo do plano pedagógico senequiano. O exemplo dado pelas ações morais do mestre se constituía em modelo a ser imitado. De fato, a vontade do discípulo e o exemplo do mestre eram fundamentais na realização do processo formativo postulado por Sêneca. Além disso, a sabedoria e a filosofia seriam cruciais na concretização da formação do homem ideal (PEREIRA MELO, 2007).

²⁶ Ao longo da República, Roma não teve uma política escolar. Apenas no início da era Imperial, Roma se redime ao propor ações políticas na área da educação. Essa intervenção do Estado Romano estava mais ligada as intenções de propagandas do que propriamente de interesses de políticas públicas. Entre essas ações intervencionistas, estavam as seguintes: a implantação do *Collegia Iuvenum* pelo imperador Augusto; a isenção fiscal dos professores e uma parte das remunerações das aulas por parte do Império Romano. Assim, os vários clubes juvenis foram abertos nas cidades romanas no intuito de promover a educação sob o patrocínio político do Império. Esses clubes juvenis eram cópias das escolas *efébias gregas* (MARROU, 1985).

O processo formativo senequiano tinha um caráter de auto-conhecimento de si que, por sua vez, visava a subordinação das tendências instintivas à razão. Os princípios fundamentais eram a moral, a virtude, a liberdade, a sabedoria e a filosofia. Dois eixos inseparáveis, a sabedoria e a filosofia (PEREIRA MELO, 2003). Ambas fazem parte da substância da educação. Entre os livros de sua Obra, em relação a proposta educacional de Sêneca, priorizou-se os seguintes: *Sobre a Brevidade da Vida*²⁷ (2016), *A Vida Feliz*²⁸ (2009), e as *Cartas a Lucílio*²⁹ (2014). No intuito de compreender o processo formativo senequiano, faz-se necessário responder as seguintes perguntas: O que é o homem? Qual é o seu destino? E qual é o seu bem supremo? Para Sêneca, o homem é um ser racional, que tem como destino, conforme já mencionado, o viver segundo a sua própria natureza. Agindo assim, ele alcançará o bem maior, a saber: a virtude, a felicidade e a perfeição:

Qual é a qualidade exclusiva do homem? A razão: quando a razão é plena e consumada proporciona ao homem a plenitude. Por conseguinte, uma vez que cada coisa quando leva à perfeição a sua qualidade específica se torna admirável e atinge a sua finalidade natural, e uma vez que a qualidade específica do homem é a razão, o homem torna-se admirável e atinge a sua finalidade natural quando leva a razão à perfeição máxima. À razão perfeita chamamos a virtude, a qual é também o bem moral. Por isso o único bem para o homem é aquele que é específico do homem; neste momento não estamos investigando o que seja o bem, mas sim em que consiste o bem próprio do homem. Se nenhum outro bem é exclusivo do homem além da razão, então a razão será o seu único bem, embora venha combinada com as demais qualidades [...]” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, LXXVI, 10-11).

²⁷ Sêneca escreveu esse livro por volta do ano 49 d.C., que teve como destinatário, Paulino, provavelmente seu sogro. Esse homem exercia um alto cargo público e foi aconselhado por Sêneca, sobre a importância do exercício filosófico e o valor do ócio produtivo. A vida só é breve para quem não sabe viver, e só se aprende a viver, mediante a reflexão filosófica. No intuito, de curar as doenças da alma e reordenar a ação humana, fazia-se necessário, recolher-se da vida pública e exercer a reflexão filosófica no ócio produtivo. Além disso, Sêneca condenou o método educacional de sua época, um ensino de caráter verbalista e exclusivamente literário (GARCÍA GARRIDO, 1968a).

²⁸ Sêneca escreveu esse livro por volta do ano 59 d.C., que teve como destinatário, seu irmão Novato. Sêneca defendeu a filosofia enquanto parceira da alma no alcance da felicidade. Para Sêneca, a felicidade está acima dos bens materiais e a mesma se encontra na alma. O homem é feliz quando vive segundo a sua natureza, um viver racional, virtuoso e sábio. E a filosofia exerce a função de auxiliar o homem no alcance de sua finalidade existencial (GARCÍA GARRIDO, 1968a).

²⁹ Por volta do ano 63-64 d.C., Sêneca escreveu as *Cartas a Lucílio* que é tida como a síntese de todo pensamento educacional e filosófico senequiano. Lucílio foi o destinatário e o texto teve como tema: o processo formativo. Como orientador da vida humana, Sêneca dá conselhos a Lucílio sobre a importância da filosofia e da educação na formação humana, sobretudo, a formação do sábio (GARCÍA GARRIDO, 1968a).

Para Sêneca, a subordinação da alma ao corpo é o aviltamento do plano da natureza, pois isso, impede a alma de alcançar a perfeição. E, aí está o grande obstáculo do desenvolvimento do processo formativo. Uma vida voltada aos desejos do corpo, é uma vida vencida, escravizada e enferma, devido aos apegos das paixões (PEREIRA MELO, 2003). No entanto, o homem por meio do uso correto da razão pode reverter esses estados, “o bem da alma quem o descobre é ela mesma” (SÊNECA, *A Vida Feliz*, I 2.2). Nesse sentido, Sêneca apresentou o seu otimismo pedagógico. Ou seja, diante dessa luta ascética, cabe a educação auxiliar o homem a alcançar essa libertação / regeneração:

De facto este nosso corpo é para o espírito uma carga e um tormento; sob o seu peso o espírito tortura-se, está aprisionado, a menos que dele se aproxime a filosofia para o incitar a alçar-se à contemplação da natureza, a trocar o mundo terreno pelo mundo divino. Esta liberdade do espírito, estes os seus voos: subtrair-se ocasionalmente à prisão e ir refazer as forças no firmamento! (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, LXV, 16).

Para Sêneca, a educação sob o auxílio do mestre perpassava pela modelagem do carácter e da personalidade do discípulo. A autoeducação estava interligada na relação mestre e discípulo. Assim, era preciso ter o envolvimento cordial do mestre e a disposição (a vontade) do discípulo: “[...] se desejas atingir este objetivo, careces de muita atenção da minha parte, mas também de bastante esforço da tua. A virtude não se conquista por procuração [...]” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XXVII, 4-5). Ou seja, o mestre contribui, porém, o esforço do discípulo constituía-se como elemento fundamental na consumação do processo formativo.

Segundo Sêneca, o essencial na educação não era a aquisição de habilidades intelectuais bem como a assimilação da cultura, e sim a regeneração do homem. Por esta razão, Sêneca indicou uma educação no sentido contrário da proposta da sociedade romana. Ao invés de uma educação de cunho erudito (saber teórico, universal e especulativo), defendeu uma educação de cunho prático e moral (saber prático e o auto-conhecimento). Um ensino que estivesse vinculado com a vida e não um ensino infrutífero e inútil (PEREIRA MELO, 2006). Por isso, Sêneca disse: “Por que reclamamos da Natureza? Ela se mostrou benevolente: a vida, se souberes viver, é longa” (SENECA, *Sobre a Brevidade da Vida*, II, 1). Sêneca defendeu uma educação ligada com bases reais e não com questões

abstratas, de caráter formativo e não meramente instrutivo/informativo. Por isso, sugeriu a elaboração de um currículo que seguisse conteúdos formativos do que as matérias de caráter intelectualista. Enquanto a educação romana visava a formação do homem douto, a educação senequiana tinha como meta a formação do homem bom que culminasse no bem público e no prazer pessoal:

De resto, sempre que entro na escola, sinto vergonha da espécie humana. Como sabes, para chegar à casa de Metronacte, é preciso passar à beira do teatro de Nápoles. O teatro está sempre cheio, e é com todo o calor que o público se pronuncia sobre o talento dos flautistas; qualquer trompista grego, qualquer arauto tem sempre assistência. Em contrapartida, na casa onde se investiga o que é um homem de bem, em que se aprende a ser homem de bem... apenas meia-dúzia de assistentes! E mesmo esses dão ao comum dos mortais a impressão de não terem nada de importante a fazer: imbecis e preguiçosos, é como lhes chamam! Quanto a mim, podem troçar à vontade; há que ouvir com serenidade os insultos da gente inculta, pois quem segue a via da moral só pode sentir menosprezo pelo menosprezo em que é tido (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, IX, 76.4).

Todavia, a regeneração defendida por Sêneca, não dispensava a dimensão intelectual, ou melhor, a filosofia, um saber para a vida e a sabedoria (a ciência do bem e do mal). Porém, essa filosofia não se resumia em preceitos ou em saber teórico, mas sim no estudo da virtude, o viver bem, o papel prático e social. A filosofia seria o único caminho que o homem encontraria o domínio de si e a libertação da escravidão de seus desejos carnis. Já a sabedoria, não se limitava a compreensão das coisas, mas abrangia como objetivo final a formação do homem. Ou seja, o auto-conhecimento que o possibilitava a se libertar de seu estado de vencido, enfermo e escravizado, e assim, o levasse ao revestimento do novo homem. Uma sabedoria vinculada a virtude e não um saber desvinculado da moralidade. Para Sêneca, os deuses não haviam presenteado o homem com a sabedoria, porquanto, era necessário diligência para alcançá-la (PEREIRA MELO, 2007). Assim, o homem atingiria a moralidade, ao perpassar pela felicidade, a liberdade e a sabedoria sob muita determinação e força de vontade. Que por sua vez, são as condições necessárias para o desenvolvimento da auto-educação.

Conforme foi apresentado nesta seção, Sêneca expôs, em Roma, sua filosofia estoica a fim de apresentar aos seus ouvintes e leitores, os principais temas de seus ensinamentos, dos quais, especialmente, a sua concepção sobre a ética, a educação e a formação do sábio merecem destaque. Por isso, no próximo capítulo,

faz-se necessário explicitar sobre a natureza humana, no afã de se compreender melhor a concepção de homem em Sêneca e o seu otimismo pedagógico em relação a possibilidade da regeneração humana.

3. A CONCEPÇÃO DO HOMEM SENEQUIANO E O SEU OTIMISMO PEDAGÓGICO

Este capítulo se propõe abordar o pensamento educacional de Sêneca a partir de sua concepção de homem³⁰ e o seu otimismo pedagógico por meio do processo da educação na consumação da regeneração humana. A natureza³¹ humana (*humana natura*) e a regeneração do homem por meio do uso correto da razão permeou o pensamento estoico senequiano. A partir disso, foram levantadas algumas questões, com base em seu pensamento filosófico: O que é o homem para esse pensador? Qual é o bem maior do homem? Qual é a finalidade da vida virtuosa em Sêneca?

3.1 A NATUREZA HUMANA EM SÊNECA

Para Sêneca, o homem é feito de uma materialidade frágil e suscetível as adversidades desta vida, como: acidentes, doenças, perdas, prejuízos e a morte. A compreensão senequiana a respeito da fragilidade do corpo humano pode ser observada na forma como se referiu à sua mãe: “sendo você mesma um corpo caduco e arruinado, onde pululam as doenças, você esperava ver sair de uma substância tão frágil seres sólidos e imortais?” (SÊNECA, *Consolação a Mária*, XI, 1). Contudo, para ele, a mesma materialidade frágil é dotada de algo superior, a alma, por cujo intermédio, o homem exerce sua racionalidade e pode alcançar o seu bem supremo, a perfeição e a felicidade: o viver segundo a sua própria natureza (PEREIRA MELO, 2009). Por isso, Sêneca disse que, “no homem, enalteçamos só

³⁰ “[...] o homem ocupa posição predominante no âmbito do mundo. Esse privilégio, em última análise, deriva do fato de que, mais do que qualquer outro ser, o homem participa do logos divino. Com efeito, o homem constitui-se de corpo e alma, a qual é um fragmento da Alma cósmica; é, pois, um fragmento de Deus, já que a Alma universal, como sabemos, é Deus” (REALE; ANTISERI, *História da Filosofia: filosofia pagã antiga*, v. 1, 3.ª Ed., São Paulo: Paulus, 2007, p. 287).

³¹ “Cuidado com a palavra natureza em Sêneca! Quando nosso autor diz e repete ser preciso obedecer à natureza, essas palavras despertam pouco eco nos ouvidos modernos; parecem significar simplesmente: ‘Faça o que é bom fazer: é tão natural! Isso é normal, é racional’. Ora, não é absolutamente o que Sêneca quer dizer: a natureza invocada pelos estoicos é a potência divina e providencial que organizou, num imenso jardim, a Terra, suas estações, sua fecundidade, suas espécies vivas (plantas, animais, homens, deuses menores); ela fez com que as espécies nascessem viáveis e tivessem pele e dentes para resistir ao frio e à fome e, assim, pudessem viver (sua felicidade inteira reside nisso). No que se refere ao homem, ela lhe deu a razão, que proporciona o que lhe falta e também ensina qual felicidade lhe é própria e como alcança-la, graças à mesma razão” (VEYNE, Paul, *Sêneca e o estoicismo*, 1.ª Ed., São Paulo: Três Estrelas, 2016, p. 61).

aquilo que se lhe não pode tirar, nem dar, aquilo que é específico do homem. Queres saber o que é? É a alma, e, na alma, uma razão perfeita” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, IV, 41, 8). Assim, a natureza do homem é constituída de corpo e alma. O pensamento educacional senequiano visava o aperfeiçoamento humano ao submeter as tendências instintivas ao senhorio da razão ‘correta’.

Para Sêneca, enquanto homem do primeiro século da Era Cristã em meio aos embates do Império Romano, acreditava que a reordenação dessa sociedade passava, em grande parte, por um processo educativo que concedesse ao homem o desenvolvimento da racionalidade, a vida virtuosa e a felicidade, conforme a natureza lhe havia projetado (PEREIRA MELO, 2007). Esse processo formativo possibilitaria a formação do homem moral, de forma que, não viria por intermédio das habilidades intelectuais e nem pela assimilação da cultura, mas sim, por meio da regeneração humana proveniente do processo formativo da filosofia moral. Tal feito, seria possível por meio da ação educativa, e aí estava o seu otimismo pedagógico - a possibilidade do aperfeiçoamento humano. Essa compreensão perpassava pela sua visão de homem, um ser constituído de corpo e alma.

3.1.1 O homem como ser corpóreo e espiritual

A concepção de Sêneca sobre o “σώμα”³² (*soma*), o corpo e a “ψυχή”³³ (*psique*), a alma, assemelha-se com a definição de Platão³⁴ (427 a.C. – 347 a.C.), para quem, a alma se encontra aprisionada ao corpo. Essa semelhança conceitual fica evidenciada quando Sêneca afirmou que a natureza criou a alma amarrada ao corpo: “[...] eu, que a natureza criou amarrado a este peso que é o meu próprio corpo?” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, III, 24,17). Além disso, a alma do homem é comparada com a divindade e Sêneca referiu-se a ela como: “um deus morando num corpo humano – aqui está à designação justa para essa alma” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, IV, 31,11). A alma humana tem o seu parentesco com a divindade.

³² O termo grego “σώμα” significa corpo sem vida e também pode representar corpo com vida. No texto acima, a definição utilizada é o “σώμα” como corpo com vida.

³³ O termo grego “ψυχή” significa respirar, alma, mente e alento. No texto acima, a definição utilizada é a “ψυχή” como alma.

³⁴ “Como Platão e, antes, os órficos e os pitagóricos, Sêneca proclama uma antropologia dualista, em que o corpo é prisão da alma” (ULLMANN, Reinholdo Aloysio, *O estoicismo romano: Sêneca, Epicteto, Marco Aurélio*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 19).

Sob essas influências, embora parciais, o estoicismo senequiano afirmou que o homem, ao viver segundo a sua própria natureza, seguirá a razão (a faculdade da alma) e terá condições de chegar à vida virtuosa. Sêneca escreveu: “é verdade, Lucílio, dentro de nós reside um espírito divino que observa e rege os nossos actos, bons e maus” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, IV, 41,2). Para ele, a alma confere ao homem a cidadania do “Κόσμος” (*cosmo*) e lhe dá o domínio sobre os animais e o mundo.

De acordo com Ullmann (1996), Sêneca se preocupou com a origem da alma humana, entretanto viu nos deuses os criadores de todas as coisas, inclusive da alma. Sêneca reconheceu os deuses como os originadores da alma: “¿Qué diferencia existe, pues, entre la naturaleza de Dios y la nuestra? Que nuestra parte mejor es el alma, y en Dios nada hay que no sea alma. Dios todo es razón [...]” (SÊNECA, *Cuestiones Naturales*, I, praef., 3). Por conseguinte, o homem é visto como sagrado pelo fato de sua alma ser ‘divina’.

De acordo com Paul Veyne (2016), no pensamento estoico senequiano, a alma humana é una, quer dizer, “[...] não é composta de partes diferentes que possam ignorar-se mutuamente ou enfrentar-se; a unidade da alma era para os estoicos um verdadeiro dogma [...]” (VEYNE, 2016, p. 73). Assim, a alma não possui dois campos de atuações dentro de si, logo, as paixões são vistas como um uso inapropriado da razão, apesar disso, não deixa de ser uma atuação da alma, ou melhor, um raciocínio incorreto.

A racionalidade da alma humana outorga, ao homem, uma superioridade sobre as demais coisas, porquanto “a alma é que nos dá a nobreza, uma nobreza a que qualquer um pode aceder, independentemente da sua condição social” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, V, 44, 5-6). É interessante que há em Sêneca, uma relação entre sagrado e profano, uma combinação de alma superior e o corpo inferior. Entretanto, é costume do homem se inclinar sempre para o lado inferior da natureza humana, de modo que “[...] é natural que a primeira, por sua superioridade, coloque o corpo à sua disposição. Porém, isso é inviabilizado pela tendência, também inata no homem, de dedicar apreço ao seu corpo” (PEREIRA MELO, 2015, p. 73). No livro, *Cartas a Lucílio*, Sêneca apresentou a maneira correta em que o homem deve lidar com o seu corpo:

Admito que é inata em nós a estima pelo próprio corpo, admito que temos o dever de cuidar dele. Não nego que devemos dar-lhe atenção, mas nego que devemos ser seus escravos. Será escravo de muitos quem for escravo do próprio corpo, quem temer por ele em demasia, quem tudo fizer em função dele. Devemos proceder não como quem vive no interesse do corpo, mas simplesmente como quem não pode viver sem ele. Um excessivo interesse pelo corpo inquieta-nos com temores, carrega-nos de apreensões, expõe-nos aos insultos; o bem moral torna-se desprezível para aqueles que amam em excesso o corpo. Tenhamos com ele o maior cuidado, mas na disposição de o atirar as chamas quando a razão, a dignidade, a lealdade assim o exigirem (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, II, 1-2).

Em Sêneca, a educação teria esse papel preponderante de aperfeiçoamento humano. Ou seja, dar ao homem condições do uso correto da razão e o controle de suas tendências instintivas ao lhe proporcionar o conhecimento de si e lhe mostrar o caminho a seguir, o viver segundo a sua própria natureza. Caso contrário, o homem, ao acompanhar seus instintos, deixará de fazer o uso correto da razão e sucumbirá em meio as paixões e aos vícios. Agindo assim, ele não cumprirá a finalidade para a qual nasceu. Isso não é muito difícil, devido a fragilidade de sua materialidade e o seu apreço abusivo pela parte inferior: o corpo humano.

Para Sêneca, a relação entre corpo e a alma evidencia a fragilidade da materialidade humana e a nobreza da alma. Ora, o corpo é visto como peso e prisão, enquanto a alma é vista como a extensão da divindade, o “λόγος” (*logos*) universal. Portanto, a alma deverá saber lidar com o seu cárcere corpóreo e se libertar das influências deste e, dessa maneira, alcançar a vida virtuosa, o supremo bem³⁵. A materialidade humana é vista em sua dimensão frágil:

[...] O que é o homem? Um vaso que se quebrará ao menor abalo, ao menor movimento. Não é necessário um vendaval para reduzi-la a pó: um primeiro choque um pouco violento a deslocará. O que é o homem? Um corpo débil e frágil, desnudo, indefeso por sua própria natureza, que tem necessidade do auxílio alheio, exposto a todos os

³⁵ “Se o *bem* é viver segundo a razão, só a *virtude* (*arete*) é o *bem*, pois só a vida segundo a razão é virtuosa, sendo a plena realização da perfeição humana. Há, pois, segundo os estóicos, uma exata correspondência entre *bem* = *razão* = *virtude* = *vida ética*; e sendo a razão expressão da *physis* ou Natureza enquanto *Logos* universal, a vida ética ou vida *virtuosa* é a vida segundo a natureza. Ela é, para o ser humano, o bem por excelência, no qual reside a perfeita *eudaimonia*, que a si mesmo inteiramente se basta (*autarkes*), e cuja posse eleva o Sábio à condição divina. O *bem* se circunscreve assim, para os estóicos, ao domínio estritamente ético e, como tal, é o que contém inteiramente em si sua razão de ser, cuja essência, podemos dizer, é idêntica à existência no sentido de que não pode realizar-se senão como totalmente *bom* e é sempre digno de louvor e honra (*kalon*, que Cícero traduziu por *honestum*) (LIMA VAZ, Henrique C. de. *Escritos de Filosofia IV / Introdução à Ética Filosófica* 1. 4ª. Ed., São Paulo: Edições Loyola, 2008, p. 156).

danos da Fortuna; pasto e vítima, quando exerceu bem seus músculos, da primeira fera vinda; moldado de matéria mole e inconsistente e brilhando somente por seus traços exteriores; incapaz de suportar o frio, o calor, a fadiga, [...]; um corpo que é, em si mesmo, fonte inútil e perversa de perigos. E nos espantamos, depois disso, com que ele morra, quando a morte precisa oh senão de um suspiro! Acaso é necessário um esforço colossal para abatê-lo? Um odor, um sabor, um cansaço, uma vigília, uma bebida, um alimento e tudo aquilo sem o que não pode viver, lhe são fatais. Não pode dar um passo, sem tomar imediatamente consciência de sua fraqueza: todos os climas lhe são nefastos; se beber uma água nova, se respirar um ar ao qual não estava habituado, ao menor acidente, ao mais leve dano, ei-lo doente. Criatura fraca, frágil, que inaugura a existência pelas lágrimas, com quantas agitações este desprezível animal não enche o mundo! A quais projetos gigantescos não se entrega, esquecendo sua condição! (SÊNECA, *Consolação a Márcia*, XI, 3-4).

O corpo humano é visto como uma espécie de materialidade frágil. O corpo deve ser governado pela alma, que é divino e fonte da perfeição. Porém, Sêneca entendeu que a inclinação humana ao corpo provoca, no indivíduo, certos estados, entre os quais, o homem escravizado, o homem enfermo, o homem vencido e o homem atormentado (PEREIRA MELO, 2015).

Para Sêneca, o homem escravizado é aquele que é apegado ao corpo, permitindo-se ser controlado pela parte frágil e perecível. Logo, “[...] será escravo de muitos quem for escravo do próprio corpo, quem temer por ele em demasia, quem tudo fizer em função dele” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, I, 11,1). Por isso, viver em prol do corpo é se inclinar para este mundo externo, enquanto viver para a alma é buscar por perfeição e liberdade³⁶. Sêneca havia dito: “é esse nosso mísero corpo, prisão e corrente da alma, que pode ser jogado em qualquer lugar; sobre ele têm poder os suplícios, os roubos, as doenças: a alma é sagrada e eterna, e ninguém lhe pode fazer violência” (SÊNECA, *Consolação a minha mãe Hélvia*, XI, 7). Os bens materiais também não devem controlar a vida humana, e, caso isso ocorra, o ser humano se torna também seu escravo:

Passemos aos patrimônios, motivo maior das desventuras humanas. Sim, se comparares todas as outras pelas quais nos angustiamos – mortes, enfermidades, medos, saudades, padecimentos de dores e fadigas – com aqueles males que nosso dinheiro nos proporciona,

³⁶ Providência, destino, *fatum*, natureza e liberdade estão interligadas no pensamento estoico senequiano. Portanto, ser livre (alcançar a liberdade) é agir em conformidade com o destino e aceitá-lo, ao invés, de relutar contra ele, ao fazer isso, o sábio exerce sua liberdade.

esta parte irá pesar muito mais (SÊNECA, *A tranquilidade da alma*, VIII, 1).

Sêneca, ao viver em uma época escravagista, declarou que existia a escravidão³⁷ coagida e submetida a um senhor, e outra, que é voluntária, isto é, submetida aos ditames do corpo humano. A primeira não tem o poder de aprisionar a alma do escravo que almeja viver segundo os conselhos da razão. Já a segunda, a pior de todas, é quando a pessoa decide ser escrava, ao servir seu próprio corpo e aos bens materiais. A vida que é conduzida em prol do corpo é voltada aos prazeres, as bajulações, às emoções e aos instintos que, por sua vez, acarretam a infelicidade. Assim, o ser humano se torna frágil, indigente e enfermo. Logo, o homem, além de ficar escravo, torna-se também enfermo.

Para Sêneca, o homem enfermo é aquele que se encontra dominado pelos vícios e pelas paixões. O homem enfermo é incapaz de descobrir o que lhe falta, por não viver conforme a sua própria natureza, que é ser guiado pela razão. Sêneca argumenta que o mal vem da condição interna do homem e não externa: “Para quê iludirmo-nos? O nosso mal não vem do exterior, está dentro de nós, enraizado nas nossas vísceras, e, como ignoramos o mal de que sofremos, só com dificuldade recuperamos a saúde” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, V, 50, 4). O homem enfermo deixa de enxergar seu próprio estado e, assim, não permite ajuda de outros, por julgar-se feliz com a sua situação (VEYNE, 2016). Em Sêneca, o homem pode livrar-se das doenças da alma por meio da filosofia, pelo fato de ser a medicina da alma. Isso posto, a regeneração do homem enfermo é possível quando a filosofia é praticada:

[...] para lhes fazer frente, teve a medicina de multiplicar também as formas de tratamento e de observação.

Idênticas considerações devo fazer acerca da filosofia. Também esta foi, em tempos, menos complicada, quando as faltas dos homens

³⁷ “No âmbito da *Estoá*, Sêneca talvez tenha sido o pensador que mais acentuadamente contrariou a instituição da escravidão e as distinções sociais: o verdadeiro valor e a verdadeira nobreza são dados somente pela virtude, que está indistintamente à disposição de todos, pois exige unicamente o “homem nu”. A nobreza e a escravidão social dependem da sorte; todos incluem servos e nobres entre seus mais antigos antepassados; na origem, todos os homens eram inteiramente iguais. A única nobreza que tem sentido é a que o homem constrói para si na dimensão do espírito. E eis a norma que Sêneca propõe para regular o modo como o senhor deve se comportar em relação ao escravo e o superior em relação ao inferior: “Comporta-te com os inferiores como gostarias que se comportassem contigo aqueles que te são superiores”. Trata-se de máxima que se aproxima bastante do espírito evangélico” (REALE; ANTISERI, *História da Filosofia: filosofia pagã antiga*, v. 1, 3.^a Ed., São Paulo: Paulus, 2007, p. 328).

eram menos graves e podiam sanar-se com cuidados ligeiros. Mas contra a enorme perversão actual dos costumes há que tentar todos os recursos. [...] Para lutar contra uma loucura tão violenta e tão largamente difundida a filosofia tornou-se mais complexa, teve de ganhar um acréscimo de forças proporcional ao acréscimo dos males que combate (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XV, 95, 29-32).

Sêneca corroborou o fato de que a filosofia é o remédio dos males da alma. Para ele, havia uma ligação entre as doenças da alma e as enfermidades do corpo. Assim sendo, “o aumento das enfermidades físicas, para Sêneca, tem origem nas paixões e nos vícios [...]” (PEREIRA MELO, 2015, p. 79). Todavia, o homem pode encontrar a cura de suas enfermidades físicas na medicina, porém só encontrará a cura dos vícios e das paixões na filosofia. De acordo com Lima Vaz (2006), a filosofia é vista, pelo estoicismo, como o caminho eficaz de levar o homem ao senhorio de si (*autárkeia*) e à felicidade (*eudaimonía*).

Sêneca censurou a fuga humana que se dá por meio de viagens, na tentativa de solucionar seus problemas. Segundo ele, o indivíduo levará, consigo, suas enfermidades por onde for. A única saída é o uso da filosofia no afã de curar os males da alma e obter a felicidade. Saber levar a vida com a filosofia é levá-la de modo sábio (LARA, 1989). No entanto, ao recusar o auxílio da filosofia, o homem se encontrará escravizado e enfermo e, ao mesmo tempo, vencido.

Para Sêneca, o homem vencido é aquele que se encontra escravizado e enfermo. A situação humana se torna mais agravante quando o homem deixa de buscar ajuda. Isso ocorre não por falta de possibilidades dadas pela própria natureza, e, sim, por ausência de vontade³⁸. Além do mais, a guerra mais difícil que o homem pode enfrentar é aquela consigo mesmo, a vitória da alma sobre o corpo:

³⁸ “Vontade. Foi sobretudo Sêneca que trouxe para o primeiro plano este conceito, do qual os filósofos gregos não têm respondente exato.

Max Pohlenz, um dos maiores conhecedores do estoicismo, fornece a melhor explicação: ‘A vontade tem para os gregos um significado diferente e muito mais restrito que para nós, de modo a passar não só em Sócrates, mas em toda a filosofia grega, absolutamente em segundo plano. [...] Dizendo ‘vontade’ pensamos em uma função psíquica igualmente distinta do intelecto e do sentimento, e a sentimos independente também do objeto para o qual dirige-se. Falamos, por exemplo, de ‘força de vontade’ e de ‘homem volitivo’, sem dar qualquer indicação da direção dessa vontade. Em absoluto esta palavra escapa de uma tradução em grego. [...] De um querer particular, independente do intelecto, a mentalidade grega não percebe necessidade’.

Enquanto para o grego bastava ‘conhecer’ o bem para praticá-lo, nesta nova ótica de Sêneca para praticar o bem é preciso ‘querê-lo’ (podes conhecer o bem e ao mesmo tempo não querê-lo) e, portanto, o ‘querer’ se distingue claramente do ‘conhecer’” (REALE; ANTISERI, *História da Filosofia: filosofia pagã antiga*, v. 1, 3.^a Ed., São Paulo: Paulus, 2007, p. 328).

[...] A nossa vida é também um combate, é uma expedição guerreira em que nunca nos podemos entregar ao repouso e ao lazer. Primeiro que tudo devemos derrotar os prazeres que, como vês, são capazes de dominar mesmo os ânimos mais duros. Quem tiver a noção do esforço exigido pela vida da sabedoria compreenderá que esta luta não se vence através da sensualidade e da moleza (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, V, 51, 6).

O homem vencido encontra pouca força para romper com os vícios e as paixões, isto é, os causadores de sua escravidão e de suas enfermidades. Contudo, segundo Sêneca, se houver vontade e determinação, é possível vencer os dramas existenciais por intermédio da ação educativa do processo formativo da filosofia. O homem, além de escravo, enfermo e vencido, pode também se encontrar atormentado.

Para Sêneca, o homem é atormentado pelo medo de morrer. A morte pode surpreender qualquer um, pois ninguém está isento dessa condição. Essa realidade se torna mais dramática para aquele cujas esperanças são depositadas sobre o corpo. Entretanto, a vida só é breve para o indivíduo que não sabe viver. Diante das lamentações dos homens ante a ‘curta’ duração da existência humana, Sêneca entendeu que “a vida, se bem empregada, é suficientemente longa e nos foi dada com muita generosidade para a realização de importantes tarefas” (SÊNECA, *Sobre a Brevidade da Vida*, I, 3). Sêneca condenou a conduta humana de queixar-se com a natureza, ao ter afirmado que “[...] a existência se prolonga por um largo período para o que sabe dela usufruir” (SÊNECA, *Sobre a Brevidade da Vida*, I, 4). No dizer de Sêneca, o homem ‘regenerado’ sob o auxílio da filosofia sabe viver a vida como ela deve ser vivida, de modo que não tenha medo de morrer (PEREIRA MELO, 2015).

Para Sêneca, existia uma solução ante o tormento do medo de morrer, que era a reflexão filosófica. Porém, eram poucos que usufruíam dessa meditação libertadora: “quantos funerais passam diante de nossa porta! E não pensamos na morte” (SÊNECA, *Consolação a Márcia*, IX, 2). Sêneca recomendou que a vida deveria ser vista como sujeita aos ditames da natureza e, assim, não relutar diante das forças do destino. Todavia, muitos acabavam seguindo a fuga, por meio das satisfações dos vícios e das paixões, que é um comportamento contrário ao projeto da natureza. Não obstante, seguir tal recomendação só é possível quando a razão é utilizada apropriadamente. Para Sêneca, o caminho da perfeição e da felicidade é

algo próprio do homem; o não alcançar que é algo não natural. Mas, somente pelo uso correto da razão por intermédio da ação educativa, que o homem consegue obter sua regeneração e passar a ter uma vida virtuosa, perfeita e feliz (PEREIRA MELO, 2015). Esse otimismo pedagógico amparava-se também no seu conceito de superioridade da razão, sobretudo em relação ao corpo humano.

De acordo com Sêneca, o homem contém uma dimensão corpórea e uma dimensão espiritual. Esse entendimento sugere que a natureza humana possui uma materialidade frágil e o seu lado nobre, a alma. É por intermédio da alma que a razão é uma propriedade do homem e, por sua mediação, alcançam-se a perfeição e a felicidade. Em Sêneca, existe uma superioridade da racionalidade humana, “[...] a Razão é o artigo primeiro da “constituição”, ou programa, do homem; ele será feliz se conformar-se plenamente a esse artigo” (VEYNE, 2016, p. 70). Sem embargo, é por meio dela que o homem consegue viver segundo a sua própria natureza:

No homem, enalteçamos só aquilo que se lhe não pode tirar, nem dar, aquilo que é específico do homem. Queres saber o que é? É a alma, e, na alma, uma razão perfeita. O homem é, de facto, um animal possuidor de razão; por conseguinte, se um homem consegue a realização do fim para que nasceu, o seu bem específico atinge a consumação. A razão não exige do homem mais do que esta coisa fácilima: viver segundo a sua própria natureza! (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, IV, 41, 8).

A razão é a fortaleza da humanidade, dado que o homem, mesmo vindo ao mundo nu e desprovido de coisa alguma, por meio daquela, obteve vestimentas e casa para sua habitação (VEYNE, 2016). Em Sêneca, o homem, ao colocar sob o juízo da razão, os seus afetos, os seus desejos e as suas paixões, conseguirá alcançar a independência individual e não ser mais escravo do mundo exterior. Do mesmo modo, “apoiado nas operações específicas da razão, o homem ultrapassa os limites corporais, espaciais e temporais” (PEREIRA MELO, 2015, p. 72). À vista disso, fica claro que a razão é a fortaleza do homem.

Os estoicos entendiam que o homem por intermédio da razão consegue discernir as situações da vida, sejam elas provenientes da Fortuna³⁹ ou do *destino*

³⁹ Fortuna era uma deusa romana que representava a sorte. Os romanos entendiam que ela tinha o controle da vida dos homens, e a eles, distribuíam bens e situações desagradáveis de modo aleatório. No presente texto, a palavra Fortuna com a inicial maiúscula será usada em referência a deusa, enquanto o termo fortuna com a inicial minúscula será utilizada para o destino aplicado pela natureza universal conforme os estoicos acreditavam.

(*fatum*). O homem consegue viver preparado diante dos acontecimentos e dos possíveis reveses proporcionados pela Fortuna e o destino. A razão é o guia e o porto seguro do ser humano. Em vista disso, Sêneca apresentou a postura do homem ante os reveses da vida:

Quando investigamos los secretos de la naturaleza, cuando tratamos de las cosas divinas, atendemos a nuestra alma para libertarla de sus debilidades, y por consiguiente fortalecerla: así sucede también com los sabios cuyo único objeto es el estudio, y no para evitar los reveses de la fortuna, porque sus dardos vuelan por todas partes, sino para soportarlos con valor y resignación. Podemos ser invencibles, pero no inatacables, y sin embargo, algunas veces abrigo la esperanza de que podríamos serlo. ¿Preguntas cómo? Desprecia la muerte y despreciarás a la vez todo lo que lleva a la muerte; guerras, naufragios, mordedura de fieras, derrumbamiento de edificios. ¿Pueden hacer algo más estas cosas que separar el alma del cuerpo? Esta separación ningún cuidado la evita, ninguna felicidad la aplaca, ningún poder la imposibilita (SÊNECA, *Cuestiones Naturales*, LIX).

Além disso, é necessário ao homem, sob a tutela da razão, desvencilhar-se das paixões. Feito isso, ele obtém uma vida segura e independente, ao estar insensível ante o *desejo*, o *temor*, o *prazer* e o *sofrimento*. Isso posto, o homem consegue superar a dor da morte de um ente querido, ao seguir os ditames da razão, compreendendo que todas as coisas ocorrem no devido tempo, de acordo com a providência⁴⁰ (*Prónoia*).

Sêneca defendeu que ninguém é capaz de prejudicar um homem guiado pela razão, quer sejam insultos ou difamações. Sêneca mencionou o seguinte: “o homem que, apoiado à razão, atravessa as vicissitudes humanas com espírito divino, não tem onde receber injúrias” (SÊNECA, *Sobre a Firmeza do Homem Sábio*, 8.3). Na concepção estoica senequiana, o homem, ao voltar-se para si, não se abalará pelas avaliações e ofensas de outros, pois, em si, isto é, em sua razão, o indivíduo já sabe do seu valor. À vista disso, tal atitude é recomendável pelo fato de que “uma das

⁴⁰ “Contra o mecanismo dos Epicuristas, os Estóicos defendem uma rigorosa concepção finalística. Com efeito, se todas as coisas sem exceção são produzidas pelo princípio divino imanente, que é o Logos, inteligência e razão, tudo é rigorosa e profundamente racional, tudo é como a razão quer que seja, e como ela não pode deixar de querer que seja, tudo é como deve ser e como é bom que seja, e o conjunto de todas as coisas é perfeito; não existe obstáculo ontológico à obra do Artífice imanente, dado que a própria matéria é veículo de Deus; assim, tudo o que existe tem seu significado preciso e é feito do melhor dos modos possíveis; o todo, em si, é perfeito; as coisas singulares, consideradas em si imperfeitas, tem sua perfeição no quadro do todo” (REALE; ANTISERI, *História da Filosofia: filosofia pagã antiga*, v. 1, 3.^a Ed., São Paulo: Paulus, 2007, p. 286).

causas de perturbação da alma é, segundo Sêneca, regular-se pela opinião dos outros [...]” (ULLMANN, 1996, p. 43). O homem em sua maturidade do auto-conhecimento seguirá sua razão do que as opiniões alheias.

Em seu livro, *Sobre a ira*, Sêneca comentou que a razão não faz uso dos vícios, pelo contrário, “[...] a razão nunca tomará para seu auxílio impulsos improvidentes e violentos, junto aos quais ela própria não teria nenhuma autoridade [...]” (SÊNECA, *Sobre a ira*, I, 10). Para tanto, “uma existência limitada exclusivamente ao exercício da razão significa excelência e tranquilidade assegurada” (VEYNE, 2016, p. 81). Por isso, no uso da razão, da sabedoria e da filosofia, o homem pode usufruir de sua fortaleza governamental:

A filosofia deverá circundar-nos, como uma muralha inexpugnável que a fortuna, embora a assalte com inúmeros engenhos, nunca poderá transpor. A alma que se aparta de tudo quanto é externo, que se defende no seu domínio próprio, alça-se por isso mesmo a um lugar inacessível donde vê todos os dardos cair sem lhe tocarem. A fortuna não tem um braço assim tão longo quanto se julga: apenas atinge os que dela se encontram próximos. Por essa razão devemos saltar para fora do seu alcance tanto quanto nos for possível, o que só conseguiremos através do conhecimento de nós mesmos e da natureza (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, X, 82, 5-6).

Conforme Sêneca havia dito, é “a alma que nos dá nobreza” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, V, 44, 5). A nobreza de ser virtuoso e de imitar os deuses é possível a todos os homens. Em Sêneca, fica evidente a superioridade da razão em relação ao corpo. Aliás, é por meio do uso da racionalidade que é possível seguir a natureza, mesmo se encontrando sob uma condição humana difícilíssima. Tal feito, é possível por intermédio do processo educativo da reflexão filosófica.

Assim sendo, no decorrer dessa seção, viu-se a respeito da definição de Sêneca sobre a natureza humana, bem como a relação entre corpo e a alma humana. Refletiu-se acerca da fragilidade da materialidade humana e a superioridade da razão em relação ao corpo do homem. Como se pode perceber, dentre as explanações do conceito senequiano da natureza humana, resta especificar o bem maior do homem e a definição de supremo bem. A próxima seção tratará da problematização do bem maior do homem, a partir do significado do supremo bem. Em que é possível explicitar acerca do otimismo pedagógico senequiano. Isto é, o homem ao seguir corretamente a razão poderá alcançar uma vida virtuosa, perfeita e feliz.

3.2 O BEM MAIOR DO HOMEM EM SÊNECA

Nesta seção pretende-se abordar a concepção de Sêneca a respeito do homem sob o aspecto do seu *summum bonum* (o bem supremo). Para Sêneca, “o sumo bem consiste no próprio juízo e na estruturação de uma mente perfeita [...]” (SÊNECA, *A Vida Feliz*, I, 9.3). O bem maior do homem significa viver de acordo com a razão (*vivere naturae*) e, por conseguinte, alcançar o supremo bem que tem como fins a virtude, a perfeição e a felicidade.

Sêneca apresentou o sábio como o modelo ideal de homem e o fim do processo educativo da filosofia, isto é, aquele que é capaz de alcançar o supremo bem. Uma vez que, “o homem é, de facto, um animal possuidor de razão; por conseguinte, se um homem consegue a realização do fim para que nasceu, o seu bem específico atinge a consumação” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, IV, 41, 8). O supremo bem é alcançado pelo viés da razão, o seu uso apropriado e correto.

Sêneca afirmou que o homem ao viver de acordo com a razão alcança o seu bem maior. Então, por intermédio da racionalidade, o homem consegue ordenar e dirigir os seus instintos e viver na direção de sua própria natureza (PEREIRA MELO, 2009). Entretanto, se a vida humana não for guiada pela razão, perde-se o sentido de sua finalidade, e, à vista disso, ocorre um aviltamento e uma desnaturalização do homem (PEREIRA MELO, 2015). Já que, o homem possui as condições necessárias para alcançar o seu bem maior:

Enganas-te se pensas que os vícios nasceram conosco: vieram por acréscimo, foram incutidos em nós! [...] A Natureza não nos predestinou para nenhum vício, antes nos gerou puros e livres [...]. Nisto consiste a sabedoria: em regressar à natureza, em retornar ao ponto donde nos afastou o erro do vulgo! (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XV, 94, 55-56, 68).

De acordo com o seu otimismo pedagógico, esse intento era possível mediante um exercício responsável, perseverante e constante em busca do bem maior por meio do processo formativo da filosofia:

[...] com esforço persistente, com cuidados aturados e intensos, todas as más tendências serão vencidas. Podemos aprumar toros de

madeira, por muito tortos que estejam; por meio de calor é possível endireitar pranchas curvas e adaptar a sua forma natural às nossas conveniências. Com muito mais facilidade se pode dar forma à alma, essa entidade flexível, mais maleável que qualquer líquido (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, V, 50, 6).

Assim, o ser humano tem a capacidade de viver segundo a razão e reorientar sua vida por meio da educação. Ou seja, “[...] a educação, para esse pensador, consistia na subordinação das tendências instintivas à razão, e a condição fundamental para essa sujeição era o conhecimento de si mesmo [...]” (PEREIRA MELO, 2007, p. 61). Sêneca, em sua obra escreveu que o homem ao reorientar sua vida no uso correto da razão, ele apropriará de certas dimensões, como por exemplo: o homem sagrado, cidadão do mundo, homem viril, vitorioso e feliz.

Para Sêneca, o homem recebe a categoria de sagrado, ao se tornar senhor de si (*artifex vitae*), no exercício de sua racionalidade, mantendo-se firme em seu interior, ante os reveses de sua existência. Portanto, “é precisamente essa possibilidade de conquista que, segundo Sêneca, investe o homem de dignidade plena [...]” (PEREIRA MELO, 2015, p. 87). Para Sêneca, o homem é superior aos demais seres e, por isso, é radicalizado como sagrado, ao viver segundo a sua própria natureza.

Sêneca também apresentou o homem como cidadão do mundo. Ora, o homem, por meio de sua razão, deve aceitar a ordem natural, adaptar-se às ordenanças de sua natureza e viver de acordo com as determinações do destino, como membro⁴¹ do Universo (PEREIRA MELO, 2015). Para Tiago Adão Lara, “o sábio estoico está preocupado na construção de uma convivência humana, que ultrapasse os limites políticos da *pólis* grega e tenha as dimensões do cosmo” (LARA, 1989, p. 192). Porquanto, o mundo é a casa do sábio.

Quando Sêneca ficou no exílio⁴² em Córsega, por volta de oito anos (41 d.C. – 48 d.C.), chegou a expor, à sua mãe, que se encontrava bem e que esta não

⁴¹ “Evidencia-se, nessas condições, o que particularizou o monismo estoico, que previa a ligação entre deuses, homens e a natureza, numa realidade imanente do Universo; nesse quadro, a natureza assumia o papel de legisladora suprema, e a sociedade, a condição de fator decisivo na harmonia cósmica, a qual o homem tinha o dever e a responsabilidade de defender, o que resultaria na preservação da dignidade humana e da ordem universal” (PEREIRA MELO, José Joaquim, *A concepção de homem em Sêneca*. Revista Acta Scientiarum: Human and Social Sciences, Maringá, 2009, p. 58)

⁴² Sêneca foi acusado de adultério com Júlia Livilla, irmã de Agripina, no entanto, há dúvida se era culpado ou não, contudo acabou sendo exilado na ilha de Córsega e, por lá, escreveu alguns de seus

deveria se preocupar. Sêneca pediu a ela: “Então, minha querida mamãe, não tens, pelo que me diz respeito, nenhum motivo para te consumires em pranto [...]” (SÊNECA, *Consolação a minha mãe Hélvia*, XIV, 1-3). Para Ullmann (1996), Sêneca procurou convencer a mãe de que o seu exílio não era um mal, pelo fato de olhar para o mundo como a sua grande pátria. Por isso, Sêneca disse: “possuamos tudo em comunidade, uma vez que como comunidade fomos gerados” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XV, 95, 53). Sêneca, se via como membro do universo.

Além disso, o homem tem a posição de viril, condição identificada pelos valores da firmeza, da luta e da vitória. O homem, ao percorrer o caminho da virtude, exerce sua firmeza, enquanto, ao seguir o prazer, perece em meio à degeneração de seu ser (PEREIRA MELO, 2015). Ora, não é próprio do ser humano não sentir os seus males, tampouco não os suportar. Para Sêneca, o homem deve agir com firmeza na busca da concretização de uma vida virtuosa. Assim, “a virtude é viril. O prazer é efeminado. Quem se aproxima da virtude demonstra possuir um caráter nobre [...]” (SÊNECA, *A Vida Feliz*, XIII, 4). Não obstante, Sêneca identificou a escola de Zenão como austera e viril e afirmou que o homem deve agir com coragem e força ante os reveses da Fortuna e seguir com firmeza o caminho da virtude.

Para Sêneca, o homem é tido como vitorioso à medida que segue o caminho de sua própria natureza. Assim, “o homem, segundo Sêneca, conforme projeto da natureza, nasceu para desfrutar a felicidade, mas tende a se desviar dessa rota. No entanto, isso não o impede, se ele assim desejar, de retomar ao seu caminho natural” (PEREIRA MELO, 2015, p. 92). Logo, esse retorno é possível mediante o uso da razão que, consecutivamente, proporciona o domínio sobre o poder das ações da Fortuna e de suas paixões e vícios:

O único porto onde pode abrigar-se esta vida agitada e conturbada está em saber desprezar as causalidades, em mantermo-nos firmes, em estarmos preparados para receber em pleno peito os golpes da fortuna sem nos encolhermos nem virarmos as costas. A natureza dotou-nos de uma alma receptiva ao sublime; tal como alguns animais dotou de ferocidade, a outros de astúcia, a outros de medo, também ao homem dotou de um espírito glorioso e elevado (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XVIII, 104, 22).

Além dessas dimensões, o homem pode ser uma pessoa feliz. De acordo com Sêneca, o homem deve viver sob uma razão perfeita (*ratio perfecta*) e, igualmente, alcançar a virtude. A felicidade estoica não se vale de outros expedientes para se concretizar, pelo contrário, a virtude, por si só, é suficiente para proporcionar a vida feliz (PEREIRA MELO, 2015). Viver virtuosamente é sinônimo de uma vida feliz, dado que a virtude é inseparável da felicidade. É próprio do homem alcançar a felicidade que, por sua vez, está baseada na razão perfeita.

Alcançar a vida virtuosa é um bem possível a todos, pois os estoicos consideram que todos – homens e mulheres, livres e escravos, nobres e plebeus, jovens e velhos, gregos e bárbaros – podem ser sábios e, portanto, virtuosos. Dito de outro modo, Sêneca havia dito que “de uma choupana pode sair um grande homem, num pobre corpo disforme e franzino pode morar uma alma grande e bela [...] a virtude pode nascer em qualquer lugar” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, VII, 66, 3). O homem tem condições necessárias para conseguir o seu bem maior, o sumo bem, desde que alcance a vida virtuosa ao exercer as posições de homem sagrado, cidadão do mundo, homem viril, vitorioso e feliz. Logo, tais posições são concretizadas no uso reto da razão humana. Sêneca entendeu que a vida fundada no reto juízo proporciona felicidade:

Feliz, então, a vida fundamentada em juízo reto, certo, estável e imutável. É assim que a mente se faz pura porquanto livre de qualquer maldade, sendo capaz de subtrair-se de qualquer ferimento ou arranhadura porque decidida a ficar onde reside e a defender seu espaço contra adversários e investidas vingativas da sorte (SÊNECA, *A Vida Feliz*, I, 5.3).

Em Sêneca, o homem alcança o seu bem maior, ao usufruir corretamente a sua racionalidade. Agindo dessa maneira, o homem realiza sua finalidade, que é o viver segundo a sua própria natureza e, por isso, alcança a felicidade e a perfeição. De acordo com Jean-Paul Dumont (2004), a ideia de supremo bem está presente na consciência de todo ser racional. Faz-se necessário, apresentar o bem maior do homem em Sêneca, no propósito de exaurir a definição de supremo bem.

3.2.1 A definição de supremo bem

De acordo com o pensador romano, é por meio da razão que o homem chega ao supremo bem. O supremo bem é a harmonia da alma na realização da “ἀρετή” (*areté*), virtude (*virtus*). Para ele, a virtude estava entrelaçada com a felicidade e a perfeição. Ora, é feliz quem confia à razão as suas ações, ou seja, vida feliz equivale à conformidade com a sua própria natureza. O estoicismo ensinou que o bem do homem se encontra em seu *interior* e não é dependente dos *fatores externos*. Sêneca definiu o supremo bem da seguinte maneira:

O sumo bem consiste no próprio juízo e na estruturação de uma mente perfeita que, cônica de seu movimento restrito aos seus limites, realiza-se, plenamente, de modo a nada mais desejar. De fato, nada existe fora da plenitude a não ser seus limites (SÊNeca, *A Vida Feliz*, I, 9.3).

No livro, *A Vida Feliz*, Sêneca disse que “[...] o sumo bem existe quando a alma despreza a sorte e compraz à virtude [...]” (SÊNeca, *A Vida Feliz*, I, 4.2), ou seja, o homem o qual se contenta com a virtude e não se deixa exaltar nem abater nos eventos e circunstâncias. Além disso, Sêneca diz que o supremo bem é a firmeza do ânimo sólido ante os reveses da existência humana. Para Ullmann (1996), a virtude sinonimiza com o soberano bem, com o belo, com a moderação e com o *honestum*. A *areté* é a perfeição de alguma coisa em conformidade com sua natureza e finalidade. Para Sêneca, o bem do homem é o domínio de si, por meio da razão:

Que bem específico é o do homem? Já to digo: é uma alma livre, elevada, que tudo submete a si mesma sem nada se submeter. E tanto este bem se não verifica na infância que a puberdade nem suspeita da sua existência, e até na adolescência seria utópico espera-lo; e em irá a velhice se após um longo e constante estudo se conseguir aproximar dele. Ora se o bem é isto, obviamente será inteligível (SÊNeca, *Cartas a Lucílio*, 124, 12).

No estoicismo encontra-se o conceito de *oikéiosis*, a ideia de instinto de autoconservação. Esse conceito está entrelaçado com o supremo bem, dado que a autoconservação é resultante do viver, segundo a sua própria natureza. O bem é aquilo que conserva e incrementa nosso ser e, ao contrário, o mal é aquilo que o danifica e o diminui (REALE; ANTISERI, 2007). Ora, a virtude é o bem e o vício é o mal. Nesse sentido, o instinto de autoconservação é a base do entendimento da

distinção entre *bens*, *males* e os *indiferentes*. Essa compreensão da tripartição das coisas é a tarefa da ética para a contribuição da realização da autoconservação do homem.

Parte-se do conceito de que a virtude é o bem e o vício, o mal. Os *bens* são as coisas que favorecem e proporcionam a conservação humana, a exemplo da prudência, coragem, moderação etc. Já os *males* são as coisas que prejudicam e desfavorecem a conservação humana, porquanto os *males* são a imprudência, injustiça e outros, enquanto os *indiferentes* são todas as coisas que não são úteis e nem nocivas ao indivíduo, como coisas que podem ser usadas para o mal ou para o bem. Segundo Diógenes Laértios, os *indiferentes* são “[...] a vida, a saúde, o prazer, a beleza, a força, a riqueza, a boa reputação, a nobreza de nascimento, e seus contrários: a morte, a doença, o sofrimento, a feiura, a debilidade, pobreza, a mediocridade, o nascimento humilde e similares” [...] (DIÓGENES LAËRTIOS, 2008, VII, 102). São indiferentes porque depende do modo como cada indivíduo fará o seu uso, seja para o bem ou para o mal.

Os *bens* são vistos como natureza de valor ou estima, ao passo que os *males* são vistos como falta de valor ou estima, enquanto, que os *indiferentes* são coisas preferíveis e coisas não preferíveis (REALE; ANTISERI, 2007). Cabe ao homem escolher, dentre os *indiferentes*, coisas preferíveis (as que podem contribuir para um viver conforme a natureza) e rejeitar as que não são preferíveis (as que não podem contribuir). É possível escolher a saúde à doença, a beleza ao invés da feiura, a riqueza à pobreza, a inteligência ao invés da estupidez, a nobreza à vulgaridade.

Sêneca fez distinção entre os prazeres e o supremo bem. O supremo bem é o fundamento da vida virtuosa. No estoicismo, a virtude é o bem supremo, ou melhor, o próprio bem (LARA, 1989). Entretanto, Sêneca asseverou que a virtude não se identifica com o prazer, pelo fato de o prazer proporcionar o desprazer e o sofrimento. Nesse sentido, “a virtude é algo de elevado, sublime e nobre, invencível, infatigável” (SÊNECA, *A Vida Feliz*, I, 7.3), enquanto que “o prazer é coisa baixa, servil, débil, efêmera que tem domicílio em bordéis e nas tabernas” (SÊNECA, *A Vida Feliz*, I, 7.3). Em Sêneca, o supremo bem era o viver honesto e virtuoso:

Não são precisas muitas palavras nem longos circunlóquios para tu entenderes em que consiste o bem supremo: apontar-te-ei, por assim dizer, com o dedo e do modo mais conciso possível. Aliás, que interesse tem decompor em elementos o supremo bem, quando se

pode defini-lo como “aquilo que se conforma com a moral”, quando se pode até, para tua maior admiração, dizer que “o único bem é aquilo que se conforma com a moral, todos os outros bens são falsos e impuros”. Se tu te convenceres disto, se tu adorares a virtude (pois amá-la, apenas, de pouco serve!), então tudo quanto seja tocado pela virtude terá a teus olhos nobreza e felicidade, independentemente do que os outros possam pensar (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, VIII, 71, 4-5).

Para Sêneca, é a razão que deve ser o guia do homem e dela deve-se fazer o uso correto. O domínio racional sobre o prazer proporciona o equilíbrio de uma conduta. A virtude é a própria razão em seu juízo reto, enquanto a paixão é a razão pervertida. Sêneca esclareceu a distinção entre o supremo bem e o prazer, da seguinte maneira:

O sumo bem é imortal, não conhece exaurimento, não sente enfado nem remorso porque a mente reta não tergiversa nem se desgosta de si mesma e nada modifica, já que está ótima. Contrariamente a tudo isso, o prazer se exaure em meio ao que há de mais belo. Limitado como é, fica, bem logo, saciado. Sujeito como está ao tédio, logo após o primeiro ímpeto, já afrouxa. Não pode ser estável o que, por natureza, é móvel. De igual modo não pode ter consistência o que aparece e desaparece como num relâmpago, destinado a findar no instante mesmo em que surge. Com efeito, já vê o fim, quando começa (SÊNECA, *A Vida Feliz*, I, 7.4).

Destarte, o homem não deve ser escravo dos prazeres, pelo contrário, deve dominá-los. Afinal, para Sêneca, a virtude se sobrepõe aos prazeres e realiza um poder coercitivo sobre eles. Somente pela virtude se atinge o ápice do sumo bem, isto é, em Sêneca, a virtude é o caminho áspero para se alcançar o supremo bem. O homem obtém a felicidade plena pelo fato da verdadeira felicidade consistir na vida virtuosa. Virtude essa, que é proporcionada pela filosofia:

Dentro da nossa escola, se bem que a filosofia seja o estudo da virtude, sendo esta o fim procurado, aquela a forma de o atingir, houve quem pensasse que as duas eram indissociáveis, argumentando que tanto era impossível filosofia sem virtude, como virtude sem filosofia. A filosofia é o estudo da virtude, mas através da própria virtude; não pode existir virtude sem o estudo dela mesma, e não pode haver estudo da virtude na ausência desta. A situação é, pois, diferente daquela em que se encontra alguém que pretenda atingir um alvo a partir de um lugar distante: o lançador está num local, o alvo em outro. Não é exacto que, tal como as estradas que levam às cidades estão fora das cidades, assim as vias que levam à virtude estejam fora desta. À virtude chega-se através dela mesma, a

filosofia e a virtude são duas coisas inseparáveis (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIV, 89.8).

A luta ascética e o estudo comprometido da filosofia em busca da virtude deveria ser o caminho a ser percorrido por todo aquele que almejasse obter o supremo bem. Todavia, como é possível esse percurso da virtude? Sêneca utilizou o verbo latino “*effingere*”, que significa “imitar”, “reproduzir” e “copiar”, ao propor a imitação de Deus como condição para obter tal realização. Ou seja: “[...] ordena que sejas inabalável, quer em face do mal, quer junto ao bem de sorte que assim possas imitar Deus dentro dos limites de tua capacidade” (SÊNECA, *A Vida Feliz*, I, 16.1). Não obstante, a virtude é um saber filosófico – ciência dos bens e dos males – e por isso pode ser ensinada, isto é, possui um conhecimento inabalável do bem e regras práticas de conduta, segundo a reta razão. Por conseguinte, Sêneca afirmou que há recompensa e prêmio para uma vida virtuosa:

Que prêmio advém desse empreendimento? Privilégios grandiosos e dignos de deuses. Não será constrangido a nada. Não terás necessidade de nada. Serás livre, seguro e intocável. Nada tentarás realizar em vão. Tudo caminhará conforme teu desejo. Nada te será adverso nem contrário a teus intentos, à tua vontade (SÊNECA, *A Vida Feliz*, I, 16.2).

Segundo o nosso pensador, a vida virtuosa como resultado do uso correto da razão por intermédio da ação educativa da reflexão filosófica, proporcionava como recompensa a vida virtuosa, a imperturbabilidade da alma (*ataraxia*), a felicidade plena e a perfeição. Tais prêmios eram privilégios concedidos pelos deuses àqueles que vivessem segundo a sua própria natureza. A vida virtuosa proporcionava a felicidade e a perfeição, como conseqüências a quem submetesse os seus instintos ao uso correto da razão.

Conforme foi analisado no decorrer dessa seção, o bem maior do homem é o supremo bem. A aquisição do bem maior ocorre por meio do exercício correto da razão, desse modo, o homem alcança a vida virtuosa, a felicidade e a perfeição. Em Sêneca, somente o homem ideal, o sábio, tem condições de alcançar a perfeição plena. Por conseguinte, essa conquista está intimamente ligada ao processo educativo, proporcionado pela filosofia, que em seu modelo educacional recebe um papel significativo. No próximo capítulo, veremos sobre o processo formativo da filosofia em relação a formação humana. Por fim, discutiremos o papel pedagógico

da filosofia na formação do homem ideal, o sábio, e assim, explicitaremos a felicidade e a perfeição como finalidade da vida virtuosa do sábio e a sua firmeza de espírito diante da superação da condição humana.

4. A FILOSOFIA: O CAMINHO E O FIM DA FORMAÇÃO HUMANA

O presente capítulo tem como objetivo elucidar a relação entre a filosofia e a formação humana no pensamento senequiano. A filosofia sob a perspectiva de Sêneca é um saber para vida e a morte, enquanto a sabedoria é a ciência do bem e do mal. A filosofia e a sabedoria são os dois condutores cruciais na formação humana. Ambas, fazem parte dos conteúdos do processo formativo. A finalidade do caráter pedagógico da filosofia senequiana é a formação do sábio, o homem ideal. Esse sábio tem a função de pedagogo do gênero humano e agente social nas resoluções das necessidades da sociedade de seu tempo vigente bem como de sua posteridade. A partir disso, foram levantadas algumas questões, com base em seu pensamento filosófico: Quais são as funções da filosofia na formação humana? O que é a filosofia enquanto exercício espiritual? Qual é a importância do ócio útil? Qual o papel da filosofia na formação do sábio?

4.1 AS FUNÇÕES DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO HUMANA.

Em Sêneca, a filosofia é vista como a mãe das ciências e a sabedoria o seu coroamento. A filosofia tem um caráter de formação e promoção da vida humana. Por meio dela, o homem obtém a liberdade e a felicidade, ao se libertar dos domínios das doenças da alma (as paixões) e ser guiado no uso adequado da razão diante do percurso da virtude. A sabedoria concede ao homem a paz e a tranquilidade da alma, o anseio natural de todo homem. Entretanto, a sabedoria é vista como distinta da filosofia, que por sua vez, é o fim a ser alcançado no trajeto percorrido da filosofia:

A sabedoria é o bem supremo do espírito humano, enquanto a filosofia é o amor, o impulso pela sabedoria; aquela aponta o fim que esta alcança. A origem do termo “filosofia” é transparente: o próprio nome indica qual é aqui o objecto do amor. A sabedoria tem sido definida por alguns como a ciência das coisas divinas e humanas: para outros, a sabedoria consiste em conhecer o divino e o humano, e as respectivas causas. Esta adenda parece-me supérflua, porquanto as causas do divino e do humano são, em si, uma parte do divino. Também a filosofia tem sido definida de várias maneiras: uns consideram-na o estudo da virtude, outros o estudo do modo de

adquirir ideias correctas; por alguns outros foi ainda definida como a busca de uma razão justa. Onde há, praticamente, acordo é em considerar que a filosofia e a sabedoria são duas coisas diferentes. De facto, é impossível que a busca de uma finalidade se confunda com essa finalidade. Do mesmo modo que há grande diferença entre a avidez e o dinheiro, pois aquela é o sujeito e este é o objecto de desejo, assim diferem a filosofia e a sabedoria. Esta é o objecto, o prêmio que aquela obtém; aquela caminha, esta é o fim do caminho (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIV, 89, 4-6).

A filosofia tem o papel de orientar o homem na caminhada formativa da busca da perfeição humana sob o intuito de alcançar a sabedoria, o bem supremo. Para Sêneca, o princípio e o fim da filosofia é a formação do homem virtuoso e sábio, ou seja, a filosofia é vista como a pedagoga da humanidade. Assim sendo, a filosofia não era vista como uma disciplina especulativa e teorética; “Em contrapartida, quem fizer da filosofia uma terapêutica torna-se-á forte de espírito, cheio de autoconfiança, atingirá uma altura inigualável e tanto maior quanto mais dela nos aproximamos (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIX, 111, 2). Em Sêneca, a filosofia e a virtude são inseparáveis. Sêneca defendeu uma filosofia moral que tinha o compromisso com o agir ético em detrimento de uma contemplação abstrata desprovida de ação prática. Uma filosofia relacionada com a vida humana:

A filosofia não é uma habilidade para exhibir em público, não se destina a servir de espetáculo; a filosofia não consiste em palavras, mas em acções. O seu fim não consiste em fazer-nos passar o tempo com alguma distração, nem em libertar o ócio do tédio. O objetivo da filosofia consiste em dar forma e estrutura à nossa alma, em ensinar-nos um rumo na vida, em orientar os nossos actos, em apontarmos o que devemos fazer ou pôr de lado, em sentar-se ao leme e fixar a rota de quem flutua à deriva entre escolhos (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, II, 16,3).

A filosofia senequiana estava comprometida com a prática, e sua teoria, só teria sentido, se houvesse vínculo com a vida humana, ou seja, a vida reta segundo as diretrizes da razão:

Há, pois, uma coisa que te peço, meu caro Lucílio, com todo o empenho; interioriza a filosofia no mais íntimo de ti mesmo e fundamenta a avaliação do teu progresso não em palavras que digas ou escrevas, mas sim na tua firmeza de ânimo e na diminuição dos teus desejos, comprovos as palavras com os atos (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, II, 20, 2).

Entende-se, que a filosofia estava totalmente ligada a virtude, o viver correto. Sêneca defendeu a busca da utilidade moral no conteúdo do saber. Seja qual fosse o conhecimento, a dica era: procure retirar algo útil na concretização de seu aperfeiçoamento moral. A filosofia recebia um caráter de medicina da alma, devido ao seu papel libertador em face dos vícios e das preocupações que assolavam o homem romano.

Em Sêneca, a filosofia era arte de vida, mas também, era arte de morte, ou seja, fazia necessário ao homem compreender sua mortalidade no intuito de cumprir melhor a sua finalidade existencial - o viver virtuoso e feliz, para quem um dia a vida teria o seu fim. Assim, “na aceitação consequente da morte encontrava-se uma das bases da liberdade, pois isto implicava a superação dos muitos medos que atormentavam a existência humana” (PEREIRA MELO, p. 8, 2010). A filosofia enquanto arte de morrer, tinha também o sentido de amortecimento pela aceitação da irrevogável certeza de todos os homens, um dia todos morrerão.

Para Sêneca, a filosofia tem as seguintes funções: ‘configuradora’, ‘terapêutica’, ‘exortadora’, ‘diretiva’, ‘normativa’, ‘confirmadora’, ‘confortadora’, ‘gratificadora’ e ‘soteriológica’ (PEREIRA MELO, 2010). A Filosofia enquanto ‘configuradora’ proporcionava ao discípulo, a cura de sua alma, assim, cumpria-se também a função ‘terapêutica’ e a função ‘exortadora’:

Quanto a nós teremos antes razões para dizer: “se te aplicas à filosofia, tanto melhor!” De facto é na filosofia que reside à saúde verdadeira. Sem ela, a alma estará doente e mesmo o corpo, embora dotado de grande robustez, terá somente a saúde própria dos dementes, dos frenéticos. Cultive, portanto, em primeiro lugar a saúde da alma, e só em segundo lugar a do corpo, esta última, aliás, não te dará grande trabalho se o teu objetivo apenas for gozar de boa saúde (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, II, 15, 1-3).

Para Sêneca, a dedicação aos estudos da filosofia proporcionava saúde da alma, contudo, exigia do adepto, características como: empenho, leitura, meditação, participação de conferências, conversação com filósofos e aceitação de suas orientações. Por isso, a filosofia também se empenhava em outras funções, como: ‘diretiva’ e ‘normativa’. Pelo fato, de proporcionar ao homem preceitos, princípios e normas como reorientação da vida humana. Uma conduta orientada por preceitos e deveres, era a recompensa de todo aquele que fizesse da filosofia um modo de

viver; “Ninguém, a não ser que formado a partir de base e totalmente orientado pela razão, podia estar apto a conhecer todos os seus deveres e saber quando, em que medida, com quem, de que modo e por que razão de agir” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XV, 95,5). A filosofia contém os preceitos e as normas da vida virtuosa, feliz e sábia.

Além disso, a filosofia também tem as funções: ‘confirmadora’ e ‘confortadora’. Ou seja, a filosofia concede ao seu amigo, segurança e firmeza, ante aos problemas e as adversidades da existência humana. A filosofia também é ‘gratificadora’ pelo fato de conceder ao homem, os verdadeiros prazeres e a paz em seu interior. Uma outra função da filosofia, é a ‘soteriológica’, a saber: a libertação/regeneração do homem de seus males (vícios e temores) e o seu aperfeiçoamento moral:

Em que te ajudará nisto a filosofia, essa arte excelsa que a tudo sobreleva? Precisamente em levar-te a querer mais a ti do que ao vulgo, a avaliar a qualidade, e não o número de pessoas que imitem juízos sobre ti, a viver sem temor dos deuses ou homens, a poder vencer a adversidade ou pôr-lhe cobro (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, III, 29,12).

.....
Para repelir todas as violências do acaso a filosofia possui um incrível poder. Nenhum dardo pode penetrar no seu corpo, tão bem defendido e resistente ele é (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, VI, 53,12).

.....
A filosofia deverá circundar-nos, como uma muralha inexpugnável que a fortuna, embora a assalte com inúmeros engenhos, nunca poderá transpor. A alma que se aparta de tudo quanto é externo, que se defende no seu domínio próprio, alça-se por isso mesmo a um lugar inacessível donde vê todos os dardos cair sem lhe tocarem. A fortuna não tem um braço assim tão longo quanto se julga: apenas atinge os que dela encontram próximos (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, X, 82,5).

As finalidades da filosofia consistiam em: reorientação da conduta humana, a cura da alma, exortação do modo de vida, preceitos e normas como direcionamento, tranquilidade de espírito ante as dificuldades da vida, paz e felicidade como recompensas do viver virtuoso, a libertação completa dos vícios e o autodomínio diante dos males desta vida. Uma filosofia que jamais era desprovida de conteúdo ético, pelo contrário, uma disciplina vinculada a moralidade e a praticidade da vida humana. Por isso, Sêneca deixou em segundo plano, os problemas metafísicos, e se dedicou aos problemas que envolviam a vida do homem no intuito de requerer a

formação e a promoção humana: “Estudas perseverantemente e, deixando tudo o mais, apenas te aplicas ao teu quotidiano aperfeiçoamento: aprovo-te com satisfação, e não só te aconselho, como te peço que continues assim” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, I, 5, 1). Esse modo de pensar, fez muito sentido na cidade de Roma, devido aos problemas políticos e sociais vivenciados pelos romanos, havia uma necessidade da formação de um homem virtuoso, resiliente e sábio.

A perspectiva educacional de Sêneca tinha como premissa o *agir bem* segundo os ditames da razão: “Ninguém, a não ser que formado a partir da base e totalmente orientado pela razão, pode estar apto a conhecer todos os deveres e saber quando, em que medida, com quem, de que modo e por que razão deve agir” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XV, 95, 5). Por isso, era necessário o autoconhecimento e o cuidar de si, no intuito de ter a correção da alma diante das más tendências e o desenvolvimento do agir correto das ações. Sêneca estava preocupado com o melhoramento do homem, o seu aperfeiçoamento moral (LI, 1998). Sêneca entendia que a filosofia tinha uma finalidade moral: “corrigir os costumes, reforçar tudo aquilo que esteja fraco, ainda retirar de todas as coisas proveito para a sua formação moral, de modo a reprimir as paixões nocivas. Estudar, sim, não para saber mais, mas para saber melhor” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIV, 89, 18, 23).

Portanto, em Sêneca, a filosofia tinha um vínculo com a maneira de viver, antes de estar ligada as palavras, sua finalidade era a ação – o agir bem. “[...] interioriza a filosofia no mais íntimo de ti mesmo e fundamenta a avaliação do teu progresso não em palavras que digas ou escrevas, mas sim na tua firmeza de ânimo e na diminuição dos teus desejos; comprova as palavras com atos!” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, II, 20, 1). De acordo com Sêneca, a filosofia enquanto maneira de viver, proporcionava ao homem a virtude. Bem esse, não concedida pelos deuses, assim como a sabedoria, portanto, tais bens, deveriam ser buscados e desenvolvidos: “A virtude, na realidade, não é um dom da natureza: ser bom necessita estudo” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIV, 90, 44). Portanto, a virtude vem por meio da filosofia:

A virtude autêntica, porém, só é possível a uma alma instruída, cultivada, uma alma que atingiu o mais alto nível através de uma contínua exercitação. Tendemos para esse nível, mas não o temos já de nascença; mesmo nos homens melhores, antes da iniciação filosófica, se pode haver matéria-prima para a virtude, não existe ainda a virtude (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIV, 90, 46).

Em Sêneca, a filosofia era o bem precioso que deveria ser buscado com muito esforço e empenho por parte de todo aquele que almejasse viver uma vida virtuosa. A filosofia tinha um caráter formativo que se construía diariamente, ou seja, uma filosofia enquanto maneira de viver: “Formemos, portanto, a nossa alma como se já estivéssemos no fim da vida. Não adiemos: ponhamos em dia as nossas contas com a vida!” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XVII, 101, 7). Essa formação requeria além do conteúdo filosófico, o exemplo e a vontade. O exemplo da vida do filósofo e a vontade do discípulo seriam cruciais no desenvolvimento do processo educativo da promoção e da formação humana segundo a filosofia senequiana.

4.1.1 O exemplo do filósofo no projeto pedagógico.

Diante do contexto romano⁴³, Sêneca apresentou o filósofo como diretor da consciência na formação humana (ROCHA, 2016). Na relação entre mestre e discípulo, o exemplo do mestre incide como ação pedagógica na formação do homem moral de seu discípulo:

“[...] Andamos à deriva entre resoluções contrárias; não conseguimos ser fiéis a uma vontade livre, absoluta, constante. Dirás tu que é prova de insensatez não ter um propósito contínuo, um interesse permanente. Mas dessa insensatez como e quando nos conseguiremos libertar? Por si só, ninguém conseguirá sair do remoinho; é necessário alguém que estenda a mão e ajude a pisar em terra firme. Diz Epicuro que certos homens conseguiram atingir a verdade sem qualquer auxílio, desbravando eles mesmos o seu caminho; para esses, que elevaram a si próprios espontaneamente, vão os seus maiores louvores. Outros há, contudo, que necessitam de apoio externo: são incapazes de marchar se não tiverem um guia, mas, tendo-o, avançarão animosamente (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, V, 52, 1-3).

⁴³ Era comum em Roma, o recurso didático *dos Exempla*. Ou seja, o uso de histórias dos heróis, guerreiros, poetas, políticos, mestres e estadistas na construção moral, profissional e intelectual dos romanos, mediante as lições obtidas desses cidadãos (MARROU, 1985).

Desse modo, é impossível que o discípulo alcançasse por si só a conduta moral, fazia-se necessário, a presença de um mentor, de um guia, de um orientador de consciência, de modo que, apontasse os preceitos e as diretrizes a serem tomadas:

Fica sabendo que o nosso espírito é deste último tipo: duro e trabalhoso. Caminhamos através de obstáculos. Lutemos, portanto, sem temer pedir o auxílio alheio. Perguntarás: “*Mas a quem, a quem hei-de pedir auxílio?*” Se queres um conselho, dirige-te aos antigos, que estão disponíveis: para nos auxiliar tanto podemos recorrer aos vivos como aos mortos. De entre os vivos, devemos escolher não aqueles que têm o verbo fácil e corrente, que repisam lugares comuns e se exibem em círculos restritos, mas sim os que comprovam as suas palavras com os próprios atos e ensinam o que devemos evitar sem nunca serem apanhados a fazer o que condenam. Em suma, escolhe para teu mestre alguém que te mereça admiração pelas ações e não pelas palavras. (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, V, 52, 7-8).

Para Sêneca, o sábio-filósofo tinha o papel de pedagogo da humanidade, no intuito, de proporcionar aos homens, o modelo e as diretrizes a serem seguidas no propósito de obter a formação do homem moral. O mestre tinha a função de despertar no discípulo o desejo pela virtude e servir de modelo para tal empreendimento:

De fato, quem convive diariamente com um filósofo obtém sempre algum benefício: ou o seu caráter se aperfeiçoa, ou se torna mais apto ou aperfeiçoar-se. O poder da filosofia é tal que beneficia inevitavelmente não só os iniciados, mas até os que a conhecem ocasionalmente (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XVII, 108, 4).

Em Sêneca, era necessário viver como se estivesse sempre diante dos olhares de alguém, a saber: o homem virtuoso – o mestre. A formação pedagógica senequiana visava a formação do homem moral, ao invés, da formação enciclopédica (desprovida de valor prático e moral). O filósofo em sua prática pedagógica, além de servir de modelo ao seu discípulo, também, alcançava um outro feito, a oportunidade de aprender (VITO, 2016). Ou seja, a reciprocidade entre o mestre e o discípulo: “Há que usar de reciprocidade: enquanto se ensina, aprende-

se” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, I, 7, 8). Para Sêneca, a utilidade da reciprocidade devia estar à disposição do discípulo e a do mestre. Assim, ambos deviam se aproveitar diante da busca da perfeição, felicidade e sabedoria, uma vez que, é um caminho árduo e áspero, que exigia rigorosidade, determinação e avaliação contínua, e nada melhor, do que fazer isso, ante aos olhares do outro:

A perícia na luta só se adquire com a prática; dois músicos aproveitam melhor se estudarem em conjunto. O sábio necessita igualmente de manter as suas virtudes em atividade, e por isso mesmo, não só se estimula a si próprio como se sente estimulado por outros sábios (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XVII, 109, 2).

Todavia, em Sêneca, tal intento podia desembocar no fracasso, ou por causa do mestre ou por causa do discípulo. No ato de ensinar, o mestre corria o risco de desqualificar o seu ensino por meio de seus atos contraditórios. O mesmo podia ocorrer por meio dos atos do discípulo, pelo fato, de chegar ao ponto de apresentar desculpas infundadas, que na verdade, tinham a intenção de esconder, a falta de vontade de aprender e de se tornar uma pessoa virtuosa. Ou seja, “mas nem sempre o resultado é satisfatório, ou porque os mestres nos ensinam a argumentar e não a viver, ou porque os discípulos procuram os mestres não com a intenção de cultivarem a alma, mas sim de aguçarem o engenho” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XVII, 108, 23). Além disso, Sêneca, fez críticas aos alunos que frequentavam as escolas com o único intuito de aguçar o saber e não o aperfeiçoamento moral: “Não o faz para aprender a defender-se de algum vício, para interiorizar alguma lei moral que conduza ao aperfeiçoamento do caráter; vai lá apenas pelo prazer de ouvir” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XVII, 108, 6). Assim, percebe-se que, em Sêneca, a vontade do discípulo tinha uma contribuição significativa no cumprimento pedagógico da formação do homem moral.

4.1.2 O papel da vontade no projeto pedagógico

Segundo a doutrina estoica as ações do ser humano deviam se adequar e se submeter no âmbito volitivo e racional ante aos desígnios do destino. Submissão essa, que perpassava pelo assentimento da *representação compreensível* que se

dava por meio da apreensão do objeto e do princípio do instinto de conservação, a *oikeiôsis*. De forma que, somente o sábio conseguia ter o consentimento completo de sua vontade aos propósitos da natureza (OLIVEIRA, 1997).

Segundo o conceito grego, o fazer era sinônimo do saber e vice-versa. Diferentemente, Sêneca compreendeu que nem sempre o saber resultará em fazer, ou seja, além do saber, é preciso querer. Tal compreensão para a época era algo confrontador, pelo fato da tradição grega entender que o saber e o fazer eram indissociáveis (REALE; ANTISERI, 2007).

Em Sêneca, a vontade era o elemento indispensável no processo formativo do aperfeiçoamento moral do homem. Nada valeria, se acaso o indivíduo não desejasse sua própria regeneração. Mediante a reflexão filosófica, o homem obtinha a libertação de seus vícios e do domínio das paixões. Porém, tal processo regenerativo, só era possível, caso houvesse desejo – vontade por parte do discípulo (VITO, 2016). Todo preceito da filosofia só exerceria o seu papel transformador, se a vontade entrasse em concordância:

Quando eu vi a natureza do teu carácter, deitei-te a mão, aconselhei-te, estimulei-te, e não te deixei avançar com lentidão, fiz-te de imediato ir para a frente. “E então? – dirás. Tem sido essa a minha vontade!” Sim, isso já significa muito, e não apenas no sentido em que se diz que o começo é só por si metade da obra. Esta questão está dependente da vontade, e por isso uma grande parte de bondade consiste em quereremos ser bons [...] (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, IV, 34, 2-3).

A vontade do discípulo contribuía na eliminação dos vícios e no ímpeto da busca da realização da virtude. Assim, o processo formativo só teria êxito, caso, a vontade do discípulo estivesse alinhada ao processo formativo da filosofia:

Aquilo que pode fazer de ti um homem de bem existe dentro de ti. Para seres um homem de bem só precisas de uma coisa: a vontade. Em que poderás exercitar melhor a tua vontade do que no esforço para te libertares da servidão que oprime o género humano, essa servidão a que até os escravos do mais baixo estrato, nascidos, por assim dizer, no meio do lixo, tentam por todos os meios eximir-se? O escravo gasta todas as economias que fez à custa de passar fome para comprar a sua alforria; e tu, que te julgas de nascimento livre, não estás disposto a gastar um centavo para garantires a verdadeira liberdade? (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, IX, 80, 4).

Em Sêneca, a vontade do discípulo era crucial na libertação de sua própria escravidão, e, por conseguinte, na realização de sua regeneração e o alcance de seu aperfeiçoamento moral (VITO, 2016). Sêneca demonstrou o seu apreço pela determinação de seu discípulo:

Mas quando o esforço visa a obtenção da virtude, nesse caso, quanto maior for a energia dispendida, quanto menores o cansaço e as concessões ao repouso, tanto maior será a minha admiração e o meu grito de incitamento.” Assim mesmo, coragem! Ânimo, tenta atingir o cume de um só fôlego! (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, IV, 31, 4).

A filosofia conduz o homem a felicidade e a reta ação. Para isso, o homem devia fazer de sua vida, uma prática da teoria filosófica. Assim sendo, o homem alcançaria a finalidade pelo que nasceu, o viver segundo a sua própria natureza. A filosofia também exigia atenção privilegiada e cuidado redobrado por parte do aprendiz:

[...] “eu não estou disposta a aceitar o tempo que vos sobejar, vós é que tereis apenas aquele de que eu não necessite”. Dirige todo o teu espírito para a filosofia, acompanha-a sempre, pratica-a sempre: uma enorme distância te separará dos demais homens; ficarás muito à frente do resto da humanidade, e os deuses pouco se distanciarão de ti (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, IV, Carta 37, 3).

A filosofia ordenava exercícios e tempo de seu aprendiz. Se o estudante desejasse obter os benefícios do processo formativo da filosofia, fazia-se necessário, dedicação aos exercícios e disponibilidade de tempo para o desenvolvimento da reflexão filosófica.

4.1.3 A filosofia enquanto exercício espiritual e a valorização do ócio útil

A expressão ‘exercícios espirituais’⁴⁴ utilizada pelo filósofo Pierre Hadot como palavra-chave de análise em seu livro, *‘Exercícios espirituais e filosofia antiga’*, carrega consigo, a compreensão hadotiana do verdadeiro sentido da filosofia⁴⁵ na Antiguidade. Tal expressão foi o fio condutor do quadro interpretativo dos filósofos e das escolas filosóficas na Antiguidade nas análises hadotiana. Entre os termos: moral, intelectual, ético, pensamento ou espiritual, Hadot (2014) optou pela palavra espiritual, devido a sua sintonia e abrangência com a finalidade da filosofia antiga no sentido de elevar a pessoa em seu espírito objetivo.

Segundo Hadot (2014), ‘exercícios espirituais’ antes de ser uma expressão utilizada pelo cristianismo, já era utilizada na Grécia com o sentido de exercício de voltar-se para si mediante a atividade da reflexão filosófica, e assim, obter a paz de espírito e o redirecionamento moral das ações. Portanto, para Hadot (2014), a filosofia antiga era vista como uma maneira de viver. Assim, o exercício filosófico enquanto ação espiritual é anterior ao exercício espiritual comumente empregado na cristandade.

Hadot (2014) recorreu a figura de Sócrates, aos escritos de Platão, aos ensinamentos do epicurismo e as lições do estoicismo para defender a filosofia como uma maneira de viver e não um modo de debate de questões infrutíferas e abstratas. A filosofia antiga tinha como objetivo a formação do indivíduo e não simplesmente a transmissão de informações. Ora, antes de ser um meio de transmissão de conteúdo, a filosofia antiga tinha o intuito de modelar o ser humano.

Hadot (2014), entendeu que filosofia na Antiguidade era vista como um exercício espiritual, pelo fato de as escolas filosóficas ensinarem o voltar-se para si

⁴⁴ Pierre Hadot (2014) utilizou três argumentos em defesa do uso do termo ‘exercícios espirituais’. Primeiro, ao ler a poesia *La Poésie comme Exercice Spirituel* [A Poesia como Exercício Espiritual] de Élisabeth Brisson, viu sobre a importância de entender a filosofia como o ato de voltar-se para si, um exercício espiritual. Segundo, ao ler o livro de Paul Rabbow, compreendeu que a expressão exercícios espirituais antes de ser usado por Santo Inácio, já era utilizado pela filosofia antiga. E terceiro, foi diante da tentativa em tentar evitar o uso do termo, porém, sem sucesso, acabou por fim, percebendo que outros pensadores também utilizavam a expressão com uma conotação filosófica e não religiosa, especialmente nas escolas filosóficas na Antiguidade (HADOT, 2014).

⁴⁵ Pierre Hadot (1999) no livro, *O que é filosofia antiga?* Realizou uma investigação da origem da filosofia desde os tempos arcaicos até a idade clássica bem como a sua relação com os desdobramentos das escolas helenísticas, o cristianismo e a filosofia moderna. Hadot, interpretou que a filosofia na Antiguidade era vista como uma conduta de vida, ou seja, ao se submeter a uma escola filosófica, exigia-se, uma conversão de vida ante ao teor racional proporcionado pela corrente filosófica. Assim sendo, Hadot faz um contraponto com a visão contemporânea sobre a filosofia. Hoje, a filosofia é vista como apenas como uma disciplina de arcabouço cultural, histórico e intelectual de uma escola, faculdade e universidade. Entretanto, na Antiguidade, a filosofia era um modo de viver sob o teor racional que validava as ações humanas.

(a análise da consciência) bem como o valor do retiro espiritual (o ócio útil) enquanto espaço do uso da reflexão racional. Nesse sentido, o vínculo com a filosofia exigia-se exercícios espirituais⁴⁶ (reflexivos e introspectivos) no intuito de promover a mudança interna, a transformação pessoal e a superação dos males do estudante da filosofia. Conceito diferente dos dias atuais, em que se entende que a filosofia é uma matéria desprovida de lições práticas e permeada de interesses abstratos e metafísicos (NUNES; VERAS; TREVIZAN, 2018).

Segundo Hadot (2014), a filosofia na Antiguidade serviu o homem de seu tempo e o homem de outras épocas, entre tantas coisas: a aprender a viver, aprender a dialogar, aprender a morrer e aprender a ler. Percebeu-se que a existência humana era marcada pelas dores oriundas do desornamento das paixões e dos vícios. Por esta razão, a filosofia tinha o papel de educar o homem em relação a ordem de seu mundo interior e restabelecer sua paz para consigo e com o mundo, e desse modo, o ensinava a viver.

Outro ponto, debatido por Hadot (2014), é a importância do diálogo no exame da consciência, no cuidado do progresso interior e o cuidado consigo mesmo. Ações essas, proporcionadas pela filosofia na Antiguidade, na relação entre mestre e discípulo. A temática a aprender a morrer, também foi de profunda preocupação do coração greco-romano, portanto, a filosofia da Antiguidade não hesitou em preparar os seus adeptos ao caminho de todo o homem, a morte. Ensinava-se a exercitar os exercícios espirituais (do espírito) no intuito de conscientizar o homem sobre a importância de viver o tempo presente, a eliminação da individualidade e a abertura para a universalidade. E por fim, Hadot (2014), abordou em seu livro, a respeito do aprender a ler, ou seja, a obtenção da paz interior e a calma do espírito no afã de absorver melhor o conteúdo dos livros, bem como a ruminação e meditação de tais ensinamentos.

⁴⁶ “É nas escolas helenísticas e romanas de filosofia que o fenômeno é mais fácil de observar. Os estoicos, por exemplo, declaram-no explicitamente: para eles, a filosofia é um “exercício”. A seus olhos, a filosofia não consiste no ensino de uma teoria abstrata, ainda menos na exegese de textos, mas numa arte de viver, numa atitude concreta, num estilo de vida determinado, que engloba toda a existência. O ato filosófico não se situa somente na ordem do conhecimento, mas na ordem do “eu” e do ser: é um progresso que nos faz ser mais, que nos torna melhores. É uma conversão que subverte toda a vida, que muda o ser daquele que a realiza. Ela o faz passar de um estado de vida inautêntico, obscurecido pela inconsciência, corroído pela preocupação, para um estado de vida autêntico, no qual o homem atinge a consciência de si, a visão exata do mundo, a paz e a liberdade interiores” (HADOT, Pierre, *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. 1 ed. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 22).

Portanto, segundo Hadot (2014), as escolas filosóficas na Antiguidade entenderam a filosofia como uma maneira de viver e não como algo teorizado e abstrato, tendo em vista, que o ser humano é físico e espiritual. Isto posto, o agir filosófico tinha o papel de ajudar o ser humano a conhecer melhor a si e percorrer o caminho da transformação pessoal e social. A filosofia continha a finalidade de educar o homem a aceitar os males que não podiam ser evitados e acolher as perdas de bens que não eram necessários. Desse modo, alcançavam-se a tranquilidade da alma, a eliminação das paixões e o reordenamento moral das ações.

Segundo Hadot (2014), a filosofia antiga servia de conteúdo ao estudante no intuito de esculpir a si mesmo e alcançar o seu aperfeiçoamento moral. Uma caminhada filosófica e espiritual que promovia a conversão de hábitos e a conversão de vida. A filosofia antiga tinha a finalidade de ser um modelo de vida e um transformador das ações humanas. As escolas filosóficas na Antiguidade tinham o objetivo em comum de transformar o indivíduo e os demais que estavam em sua volta. De fato, a filosofia na Antiguidade, carregava consigo, o propósito de ser uma filosofia enquanto estilo de vida.

Entre as escolas filosóficas citadas por Hadot (2014), faz-se necessário destacar o estoicismo. Para ele, a escola filosófica estoica ensinava os seguintes exercícios espirituais de reflexão filosófica: o auto-exame, a meditação, a atenção ao tempo presente, a lembrança das coisas boas, a audição, a pesquisa, a leitura, o autodomínio, a exortação, o consentimento ao destino, o desapego e o contentamento. Para tanto, por meio de tais exercícios do espírito e da filosofia, o homem tinha condições de alcançar a consciência cósmica – o entendimento de si e do mundo (NUNES; VERAS; TREVIZAN, 2018).

De acordo com a análise de hadotiana, no estoicismo não se permitia a ambivalência entre a filosofia e o discurso filosófico. Ou seja, o filósofo precisava viver o que ensinava em seu discurso. A vida filosófica e o discurso filosófico eram inseparáveis e uníssonos na escola estoica. E para tal intento, os exercícios do espírito consistiam em ferramentas filosóficas que tinham a finalidade de promover o aperfeiçoamento pessoal, o progresso moral e o alcance da paz interior (NUNES; VERAS; TREVIZAN, 2018).

Sêneca não hesitou em tocar neste tema ‘exercícios da alma’ em sua obra, sobretudo, nas *Cartas a Lucílio*. Em que fez uma comparação entre os exercícios

físicos e os exercícios da alma e ressaltou a superioridade e a preferência dos exercícios da alma em relação aos exercícios do corpo:

Há exercícios fáceis e breves que fatigam o corpo rapidamente e nos poupam tempo. Tais exercícios merecem sobretudo a nossa atenção: a corrida, os exercícios com halteres, os vários tipos de salto – em altura, em comprimento, o salto a que eu chamaria “à moda dos Sálíos”, ou aquele outro que, em linguagem provocante, diria “o passo dos tintureiros”. Escolhe algum destes exercícios, cuja execução não é difícil. Seja qual for o teu preferido, não deixes de passar depressa do corpo para a alma: a esta, dá-lhe exercício dia e noite. O exercício físico não te exigirá grande esforço; o da alma, nem o frio ou o calor o interrompe, nem mesmo a velhice. Cultiva, por conseguinte, um bem que vai melhorando com a idade! Não te digo que estejas sempre debruçado sobre um livro ou um bloco de apontamentos; é preciso dar à alma algum descanso, de modo tal, porém, que não perca a firmeza, apenas repouse um pouco (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, II, 15, 5-6).

Sêneca também discutiu em sua obra sobre a finalidade de tais exercícios, e assim, afirmou: “Se és sábio, melhor, se quiseres ser sábio, deixa-te de fantasias e aplica as tuas forças a fim de atingires quanto antes a perfeição espiritual. Se algo te impede de avançar, liberta-te, corta o mal pela raiz” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, II, 17, 1). Nesse sentido, é possível fazer uma relação entre o fio condutor dos exercícios espirituais de Hadot (2014) e os ensinamentos de Sêneca, de fato, a filosofia na Antiguidade tinha como objetivo a formação e o aperfeiçoamento de seus seguidores, e para isso, eram necessários os exercícios da alma, quer sejam nas escolas, na presença dos mestres ou quer sejam no dia-a-dia na vida de cada discípulo. Não obstante, o ócio útil era o espaço oportuno para a realização dos exercícios espirituais e, assim por dizer, da reflexão filosófica:

Se nada tentamos que nos seja salutar, já nos será em si mesmo proveitoso apartar-nos: isolados, seremos melhores. E que dizer de juntarmos-nos aos melhores homens e elegermos algum modelo pelo qual conduzamos a nossa vida? Isso não é possível sem o ócio, pois ele propicia o preservar-nos no que nos agradou, desde que ninguém, com o recurso da multidão, nos desvie a convicção ainda mal-afamada; pois então, a vida pode avançar em curso igual e regular, enquanto a entrecortamos com nossos propósitos contraditórios (SÊNECA, *Sobre o Ócio*, I, 1).

Segundo Sêneca, o ócio útil era o momento da contemplação da alma. Em que o homem deveria sair de seu ativismo e separar-se da vida pública em seu

recolhimento pessoal diante da reflexão filosófica, em busca de soluções dos problemas pessoais e os da sociedade. Além disso, um ótimo momento de cura das enfermidades da alma, (a eliminação dos vícios e das paixões). O ócio útil não tinha a finalidade do descanso do corpo e sim, a reflexão filosófica sob o intuito de promover o aperfeiçoamento moral do ser humano (VITO, 2016).

Sêneca, em *Sobre a Brevidade da Vida*, aconselhou o seu sogro Paulino, funcionário público do Império Romano, a se afastar da vida pública e se dedicar ao ócio útil no intuito de iniciar os estudos da filosofia, visando, a necessidade de reservar tempo para a meditação filosófica e voltar-se para si: “Uma alma segura e tranquila pode correr por todos os momentos da vida; todavia, os espíritos dos homens ocupados estão sob um jugo, não podem se dobrar sobre si próprios, não podem se contemplar” (SÊNECA, *Sobre a Brevidade da Vida*, X, 5). Sêneca, discorreu nas partes, X a XIII de seu livro, várias cenas dos homens atormentados pelos vícios e pelas doenças da alma, devido ao fato, de não reservarem tempo para o uso da filosofia sob uma dispendiosa meditação. Segundo ele, a filosofia tinha um caráter libertador e servia a humanidade como técnica para a felicidade. Contudo, triste era a realidade daqueles que rejeitavam o caminho da filosofia e se entregavam ao ativismo:

Certamente, miserável é a condição de todas as pessoas ocupadas, mas ainda mais miserável a daqueles que sobrecarregam a sua vida de cuidados que não são para si, esperando, para dormir, o sono dos outros, para comer, que outro tenha apetite, que caminham segundo o passo dos outros e que estão sob as ordens deles nas coisas que são as mais espontâneas de todas – amar e odiar. Se desejam saber quão breve é a sua vida, que calculem quão exígua é a parte que lhes toca (SÊNECA, *Sobre a Brevidade da Vida*, XIX, 3).

Diante da miserável condição humana de uma vida agitada e enferma, Sêneca recomendou o recolher-se em si e o uso da reflexão filosófica no ócio útil. Um espaço adequado para o reordenamento da ação humana, o amor a sabedoria, o desejo pela virtude, a cura da alma, o esquecimento das paixões e o alcance da tranquilidade da alma. Nas partes XIV e XV de seu livro, *Sobre a Brevidade da Vida*, Sêneca defendeu que a sabedoria era o único meio para o homem alcançar a verdadeira felicidade.

4.2 A FILOSOFIA E A FORMAÇÃO DO SÁBIO

Em Sêneca, a filosofia tem papel fundamental na formação do sábio. Ora, o homem, por meio da filosofia, exerce corretamente a sua natureza humana ao viver harmoniosamente consigo, no uso apropriado de sua racionalidade. A doutrina estoica em Roma ganharia força à medida que o estudo da filosofia foi introduzido aos romanos. Para o estoico Sêneca, a educação não devia se limitar somente às informações dos estudos liberais, antes devia se voltar para a formação do sábio, bem como para a elevação da alma ao supremo bem. Assim, Sêneca defendeu que a virtude autêntica só é possível para uma alma instruída, isto é, a alma que atingiu o mais alto nível por meio de uma contínua exercitação filosófica.

Para Sêneca, a filosofia é a responsável pela formação do homem ideal, o sábio. Sêneca entendia que “o objectivo da filosofia consiste em dar forma e estrutura à nossa alma, em ensinar-nos um rumo na vida, em orientar os nossos actos, em apontar-nos o que devemos fazer ou pôr de lado [...]” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, II, 16, 3). É por meio da filosofia que o homem, após muita dedicação e esforço, obtém a liberdade, a virtude e a vida feliz, resultados esses que são oriundos do treinamento árduo e constante do exercício filosófico. Sêneca apresentou a grandeza da filosofia da seguinte maneira:

Quem duvidará, Lucílio amigo, que se devemos a vida aos deuses imortais, é à filosofia que devemos a vida virtuosa? Por esta razão, porque consideramos justamente a vida virtuosa como superior à vida em si, pareceria que a nossa dívida para com a filosofia seria muito maior do que a que temos para com os deuses se não fosse o caso de terem sido os deuses quem nos concederam a filosofia. O conhecimento dela, não o deram a ninguém, mas facultaram a todos a possibilidade de o abordar (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIV, 90, 1-2).

Essa filosofia não tinha como foco as especulações abstratas e, sim, as questões práticas da existência humana. De fato, a filosofia, em Sêneca, era uma espécie de vida, como proveniente das lições práticas para uma vida melhor. Sêneca fez uma distinção entre as artes liberais e a filosofia, dado que as artes liberais até podem servir como preparo do espírito humano ante a virtude, entretanto somente a filosofia tem a condição de proporcionar a virtude. Nesse sentido, Sêneca colocou a formação moral como superior à formação enciclopédica e fez duras

críticas às sutilezas vãs de um puro ensino verbalista⁴⁷ (PEREIRA MELO, 2007). As duas formações no pensamento senequiano eram tidas como necessárias a vida humana, porém a segunda continha um caráter superior.

Miriam Maria Bernardi Miguel (2005) comentou que o homem tem as características inerentes ao seu próprio ser, que lhe possibilita chegar a uma formação moral. Ora, por meio da apropriação de suas qualidades próprias e o uso da filosofia, o homem consegue subjugar e dominar os seus instintos e chegar à perfeição. Assim sendo, a felicidade, a vontade e a liberdade são vistas como características próprias da natureza humana. Além disso, o ócio-útil, como meio de autoformação, e os modelos como recursos de imitação e exemplos são possíveis ao homem. Portanto, essas características servem de bases autoformativas na concretização do homem sábio. Logo, tais bases são pertinentes aos homens e, por meio delas, é possível ter acesso à filosofia e à sabedoria. Cabe ao homem querer, desejar, almejar e ansiar pela formação moral, que, não obstante, é um direito de todos.

A partir dessas bases autoformativas, o homem se encontra preparado para percorrer o caminho da reflexão filosófica e, por meio dela, desfrutar da sabedoria plena. Entretanto, para Sêneca, há três graus de perfeição que o homem pode obter por meio da filosofia. O primeiro grau pertence àquele que está livre dos vícios e não corre o risco de voltar para eles, além de estar próximo da sabedoria plena. O segundo grau pertence àquele que obteve um conhecimento, porém corre o risco de voltar para os vícios. E o terceiro grau pertence àquele que se encontra ainda preso em alguns vícios. Sêneca apresentou os três graus da seguinte maneira:

A primeira classe abarca aqueles que, embora ainda não atingindo a sapiência, já se encontram muito perto de o conseguir; o próprio facto de estarem perto, contudo, implica que a sapiência ainda lhes é exterior. Se me perguntas que classe de homens é esta, a minha

⁴⁷“Para Sêneca, a reordenação dessa sociedade passava, em grande medida, por um processo educativo que possibilitasse ao homem o desenvolvimento da racionalidade e de uma vida virtuosa e feliz, conforme a natureza lhe havia projetado. Na realização dessa ação educativa, o que levaria à formação do sábio, do agente social que responderia às necessidades do seu tempo, não eram as habilidades intelectuais e a assimilação da cultura, mas a regeneração do homem. Por esse motivo, definiu a escola como “o lugar onde se investigam as qualidades do homem de bem, donde se aprende a sê-lo” (Cartas 76, 4). Em face disto, são perfeitamente compreensíveis suas constantes críticas à educação de corte intelectual comprometida com a superficialidade, na qual se confundia cultura com sabedoria e instrução com educação” (PEREIRA MELO, José Joaquim, *A educação senequiana*. In: *Educação e filosofia*. Uberlândia, v.21, n.41, p.61-87, jan/jun., 2007d, p. 62).

resposta será: são os que se libertaram já das paixões e dos vícios, e adquiriram os conhecimentos necessários a esse fim, sem conseguirem ainda prosseguir nessa via com confiança inabalável. Não alcançaram ainda na prática o sumo bem, mas já não lhes é possível voltar aos vícios abandonados; [...] Em conclusão, os estudiosos mais avançados já estão libertos das doenças da alma, mas, conquanto próximos da perfeição, encontram-se ainda sujeitos às paixões.

A segunda classe compreende aqueles que se conseguiram libertar das principais enfermidades da alma e das paixões, mas não a ponto de gozarem definitivamente de um estado de perfeita tranquilidade. Por outras palavras, estão ainda sujeitos a retroceder ao estágio precedente.

A terceira classe já está liberta de numerosos e consideráveis vícios, mas ainda não de todos. Está livre da avaréza, mas sujeita ainda à ira; já não é tentada pelo prazer, mas é-o ainda pela ambição; está liberta do desejo, mas não do temor, e, no que toca aos objectos de temor, pode mostrar-se firme perante alguns mas ceder perante outros: por exemplo, não recear a morte, mas ter medo da dor física (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, IX, 75, 9-14).

Isso posto, as finalidades da reflexão filosófica são a virtude, a vida reta, a perfeição e a obtenção da sabedoria plena. Sêneca entendeu que a sabedoria é o coroamento da filosofia (PEREIRA MELO, 2007). Ele fez uma diferenciação entre a filosofia e a sabedoria⁴⁸, apesar de entendê-las como ligadas e necessárias:

Para começar, se achas bem, dir-te-ei qual a diferença entre sabedoria e filosofia. A sabedoria é o bem supremo do espírito humano, enquanto a filosofia é o amor, o impulso pela sabedoria; aquela aponta o fim que esta alcança. A origem do termo “filosofia” é transparente: o próprio nome indica qual é aqui o objecto do amor. A sabedoria tem sido definida por alguns como a ciência das coisas divinas e humanas; para outros, a sabedoria consiste em conhecer o divino e o humano, e as respectivas causas. Esta adenda parece-me supérflua, porquanto as causas do divino e do humano são, em si, uma parte do divino. Também a filosofia tem sido definida de várias maneiras: uns consideram-na o estudo da virtude, outros o estudo do modo de adquirir ideias correctas; por alguns outros foi ainda definida como a busca de uma razão justa.

Onde há, praticamente, acordo é em considerar que a filosofia e a sabedoria são duas coisas diferentes. De facto, é impossível que a busca de uma finalidade se confunda com essa finalidade. Do mesmo modo que há grande diferença entre a avidez e o dinheiro,

⁴⁸ “[...] o pensamento de Sêneca deve ser abordado segundo dois eixos condutores significativos. O primeiro é que a sabedoria e a filosofia são realidades inseparáveis e diz respeito à meta da formação, ou seja, à educação “consumada”; o segundo, que tanto a filosofia como a sabedoria fazem parte da substância da educação e refere-se, ainda, ao objetivo imediato, instrumento e caminho para formação, quer dizer, a educação se “realizando” (PEREIRA MELO, José Joaquim, *A educação senequiana*. In: *Educação e filosofia*. Uberlândia, v.21, n.41, p.61-87, jan./jun., 2007d, p. 61).

pois aquela é sujeito e este objecto de desejo, assim diferem a filosofia e a sabedoria. Esta é o objecto, o prémio que aquela obtém; aquela caminha, esta é o fim do caminho (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIV, 89, 4-6).

Em Sêneca, a filosofia tem grande valor e deve ser o guia da vida humana. Por isso, ela é a mãe das ciências e o guia da humanidade. A filosofia tem um carácter soteriológico e um carácter pedagógico. O primeiro diz respeito à libertação realizada no homem em relação às paixões e aos vícios, enquanto o segundo diz respeito ao ensino da arte de saber viver e do saber morrer (BERNARDI MIGUEL, 2005). Para Sêneca, o saber viver é a vida virtuosa, enquanto o saber morrer é o morrer com dignidade, dado que a vida toda é um aprender a morrer. Portanto, a filosofia é uma ciência que tem condições de formar o homem ideal, o sábio.

Em Sêneca, é por intermédio da filosofia que se obtêm a sabedoria e a perfeição. Para ele, a posição de sábio é alcançada com muito esforço, vontade, dedicação e sem esmorecimento. O sábio encontra-se seguro em sua fortaleza racional e próximo da divindade:

Portanto, ninguém é capaz de prejudicar um sábio, nem de favorecê-lo, pois os seres divinos não anseiam ser ajudados nem podem ser lesados. Além disso, o sábio é vizinho e próximo dos deuses – exceto pela mortalidade, semelhante a um deus (SÊNECA, *Sobre a Firmeza do Homem Sábio*, 8.2).

O sábio é aquele que alcançou o aperfeiçoamento moral e venceu a si mesmo. Por isso, recai sobre ele a incumbência de ser um pedagogo do gênero humano e um agente social. Destarte, o sábio carregava sobre si, a responsabilidade de transformar outras pessoas e por este motivo, se reveste de um carácter pedagógico em relação ao gênero humano. Tendo em vista que a finalidade da educação era a adequação do homem ao seu tempo. Isso posto, a responsabilidade social também era do encargo do sábio, ou seja, ser exemplo, orientador e transformador de outras pessoas. O sábio deve ter uma relação com a dimensão pública, cujas ações, por sua vez, refletem na intemporalidade. Ou seja, o sábio exerceria uma função social e suas ações podem ser lembradas além de sua geração (PEREIRA MELO, 2015).

O sábio senequiano tinha o real compromisso com a promoção humana e a transformação social, quer fosse no tempo presente, quer fosse no futuro, dado que

o mesmo era marcado pela intemporalidade. Assim, o sábio se revestiu do papel de ser o pedagogo do gênero humano bem como de sua função social, a sua utilidade pública. Em Sêneca, a sabedoria do filósofo-sábio não deveria se restringir somente ao aspecto natural e ao feitiço racional, antes, precisava também abranger a formação moral do gênero humano (PEREIRA MELO, 2015). Com isso, o sábio alçaria o seu aperfeiçoamento moral e daqueles que estivessem em sua volta:

Ariston de Quios considerou a física e a lógica não só supérfluas como ainda contraproducentes. A própria moral, a única que conservou, amputou-a daquela parte dedicada aos conselhos de ordem prática, dizendo que isso é tarefa do pedagogo, e não do filósofo, como se o filósofo-sábio não fosse precisamente o pedagogo do gênero humano (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIV, 89, 13).

O sábio senequiano não era revestido de autossuficiência em relação aos outros, pelo contrário, o sábio deveria viver em comunidade por meio da ajuda mútua na busca do aperfeiçoamento pessoal e no exercício rigoroso de sua vontade – o processo autoformativo. Esse sábio, serviria a sociedade com os seus ensinamentos e com o seu exemplo, e assim, marcaria sua função de pedagogo do gênero humano. Por meio de sua exemplaridade se dava sua influência ao ser humano. O sábio além de ser um pedagogo da humanidade, também deveria se preocupar com as necessidades de seu tempo, e assim, se revestia de responsabilidade social (PEREIRA MELO, 2015).

A ação social do sábio encontrava-se no seu incentivo concedido ao discípulo na realização de seu aperfeiçoamento moral. Somente o exemplo do sábio não era suficiente na concretização da formação moral. Fazia-se necessário o incentivo e o alento ante a difícil caminhada do progresso pessoal:

A virtude autêntica, porém, só é possível a uma alma instruída cultivada, uma alma que atingiu o mais alto nível através de uma contínua exercitação. Tendemos para esse nível, mas não o temos já de nascença; mesmo nos homens melhores, antes da iniciação filosófica, se pode haver matéria-prima para a virtude, não existe ainda a virtude (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIV, 90,46).

O homem por si só, não alçaria o seu aperfeiçoamento moral, antes, era necessário o apoio de homens virtuosos. Em meio aos problemas morais e sociais, o sábio se revestia de agente social no exercício de guia e orientador da

humanidade. Portanto, o sábio tinha o papel de trabalhar em prol de outras pessoas. Esse sábio carregava sobre si, a responsabilidade de ser um formador de homens por meio do exemplo e da comunicação da virtude. Caso contrário, não seria sábio segundo o pensamento de Sêneca.

O sábio por ter compromisso com os deuses e com a sua pátria (o universo), bem como amizade com os homens, o mesmo deveria ser útil a sociedade, entre tantas opções de utilidade, estava o papel de formador da humanidade. Para tanto, “o sábio, em razão de sua envergadura social, deveria manter um comportamento de benignidade, até mesmo de compreensão em relação aos que se apegavam ao mal, e isso não perturbaria o seu equilíbrio emocional” (PEREIRA MELO, 2015, p. 174). Assim sendo, o sábio em sua moral perfectiva deveria se opor a injustiça social e contribuir com a sua sociedade. É possível ver na biografia de Sêneca, o seu apreço e sua dedicação a vida pública em defesa do cumprimento de sua responsabilidade social. Em Sêneca, o sábio é uma pessoa firme, inabalável, pedagogo, agente social, sereno, a caminho da perfeição e, de fato, feliz. Por conseguinte, a felicidade e a perfeição são as finalidades da vida virtuosa, como manifestações do supremo bem na vida do sábio.

4.2.1 A felicidade e a perfeição como finalidade da vida virtuosa do sábio

A ética estoica tem como “τέλος” (*telos*), fim último, a “εὐδαιμονία” (*eudaimonía*), felicidade, e a perfeição (*perfectum*). Por isso, o agir ético é inerente àquele que segue corretamente a razão. Ora, a felicidade e a perfeição são consequências do *summum bonum*. Segundo Sêneca, somente o sábio é capaz de alcançar a verdadeira felicidade e o verdadeiro bem. A felicidade é adquirida no uso correto da razão e a perfeição é o ideal em que se deve alcançar por meio do processo educativo da reflexão filosófica. Eis aí o seu otimismo pedagógico; a possibilidade da regeneração do homem e a formação do sábio por intermédio das ações da educação e do educando a partir do processo formativo da filosofia.

Para Jean-Paul Dumont (2004), o fim da ética estoica é a vida conforme a natureza, e a vida virtuosa de acordo com a felicidade. A doutrina de Zenão ensinou que o homem tem como fim o viver conforme a natureza com que, por sua vez, alcança a virtude, e essa, a felicidade e a perfeição (DIÔGENES LAËRTIOS, 2008).

Para Zenão, o “καθηκον” (*kathekon*), conveniente, uma ação sob uma justificação racional é a base das ações perfeitas.

O agir ético é uma ação reta em conformidade com a natureza humana. A virtude é acessível a todos, desde que usufruam apropriadamente a natureza racional. A razão é a responsável pela felicidade, dado que “[...] a nossa felicidade depende exclusivamente de termos em nós uma razão perfeita” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, VI, 59, 14). Portanto, para o estoicismo sequeciano, a vida feliz equivale à conformidade segundo a sua própria natureza:

Segundo todos os estoicos, eu sigo a natureza. É sabedoria não se afastar dela e adequar-se às suas leis e ao se exemplo. É, pois, feliz a vida que está conforme a própria natureza. Isso só pode acontecer, antes de tudo, se a mente for sã e estiver na plena posse de suas faculdades; se for verdadeiramente forte; decididamente paciente; adaptável às circunstâncias do tempo; atenta ao corpo e a tudo que o tange, mas sem ansiedade; amante das vantagens que aprimoram a qualidade da vida, mas com a devida precaução; enfim, pronta para servir-se dos dons da sorte sem dela tornar-se escravo (SÊNECA, *A Vida Feliz*, I, 3.3).

Isso posto, a vida feliz é inerente ao sábio, o modelo senequiano de homem ideal e o fim da educação. À vista disso, “o sábio autêntico vive em plena alegria, contente, tranquilo, imperturbável; vive em pé de igualdade com os deuses” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, VI, 59, 14). No estoicismo, a virtude é inseparável da felicidade, assim sendo, ser virtuoso é ter uma vida feliz. Contudo, a felicidade estoica não depende de fatores externos como a saúde, as riquezas, a posição, a beleza e outros aspectos. Pelo contrário, a felicidade estoica é proveniente da interioridade do homem. Entretanto, a felicidade é alcançada pelo sábio, à medida que este se desvincula de toda preocupação e não se sinta vítima da Fortuna.

A perfeição em Sêneca está entrelaçada com a faculdade racional e o exercício da vontade. Ou seja, é a razão que possibilita o viver *honestum*, porém Sêneca inovou o estoicismo ao propor um papel decisivo da vontade como algo livre, absoluto e constante. Desse modo, se para os gregos conhecer era sinônimo de fazer, já em Sêneca, o conhecimento em si é insuficiente para a realização, se acaso a pessoa não quis e praticar tal ensino. Com isso, o amadurecimento e o nivelamento da vontade ante as ações éticas eram provenientes da educação. Assim, “a perfeição, por ser uma possibilidade facultada ao homem, somente acontecia por meio de um processo educativo que tinha em vista a realização da

natureza racional do homem” (PEREIRA MELO, 2015, p. 123). Segundo Sêneca, há uma relação entre virtude e a instrução:

A virtude autêntica, porém só é possível a uma alma instruída, cultivada, uma alma que atingiu o mais alto nível através de uma contínua exercitação. Tendemos para esse nível, mas não o temos já de nascença; mesmo nos homens melhores, antes da iniciação filosófica, se pode haver matéria-prima para a virtude, não existe ainda virtude (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIV, 90, 46).

Para Sêneca, a perfeição vem à medida que o homem sobe de nível e não se esmorece na busca incansável de tal posição. Além disso, Sêneca defendeu a importância da relação entre mestre e discípulo na busca pela perfeição, dado que, “por si só, ninguém conseguirá sair do remoinho; é necessário alguém que estenda a mão e ajude a pisar terra firme” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, V, 52, 2). Porém, o alcance da posição de sábio não era exclusivo do ancião e, sim, possível a todos, desde que encontrassem as condições necessárias para o florescimento das virtudes, que são inerentes a todos os homens. Sêneca, portanto, apresenta a necessidade do desabrochar da vida virtuosa como requisito para o alcance da perfeição:

De tudo quanto é honesto o nosso espírito contém em si as sementes, as quais são despertadas pela admoção tal como a fagulha, excitada por um sopro ligeiro, desenvolve de novo as suas chamas. A virtude alça-se mal recebe estímulo e impulso. Além disso, existem no espírito disposições pouco prontas a actuar, mas que começarão a desentorpecer mal sejam evocadas; outras ainda estão, por assim dizer, dispersas, sem que uma mente pouco dextra consiga combinar as respectivas forças. Importa por isso congregá-las e uni-las, para que aumente o seu poder e elevem mais o nosso ânimo (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XV, 94, 29).

Como se viu, esse florescer da virtude é possível por intermédio do processo educativo, ou seja, a ligação entre filosofia, sabedoria, o autoconhecimento, discípulo e educador. Diante disso, o homem alcançaria uma vida virtuosa, feliz e perfeita. Além disso, Sêneca apresentou o sábio como indiferente, frio e apático em relação aos sentimentos humanos e resistente ante os infortúnios da existência humana. Assim, fica evidente no livro *Tratado sobre a Clemência*:

A compaixão é o sofrimento da alma diante do espetáculo das misérias alheias ou a tristeza causada pelos males alheios, que se acredita cair sobre os indivíduos que não o merecem. Porém o sofrimento não abate um homem sábio. Sua mente é serena, nada pode suceder-lhe que não possa enfrentar. E nada convém ao homem tanto como a grandeza de alma; entretanto, ela não pode ser, ao mesmo tempo, grande e triste.

O pesar esmaga, abate, restringe os pensamentos. É o que não acontecerá ao sábio, mesmo nas suas desgraças pessoais. Por outro lado, ele irá rechaçar toda a fúria do infortúnio e quebra-la à sua frente. Conservará sempre a mesma aparência calma e impassível, coisa que não poderia fazer se agasalhasse a tristeza.

Acrescenta que o sábio prevê os acasos e tem soluções prontas para eles. E jamais algo límpido e sincero provém da perturbação [...]. Logo, não se deve ter compaixão, porque é coisa que não ocorre sem que haja sofrimento de alma (SÊNECA, *Tratado sobre a Clemência*, III, 4-5; IV, 1).

A obra de Sêneca apresentou reflexões pedagógicas que tinham como finalidade o aperfeiçoamento moral e a formação do homem ideal, o sábio. Homem ideal, que devido o seu alcance elevado do espírito, tinha em si, a capacidade de manter-se firme ante os ataques da condição humana.

4.2.2 A firmeza de espírito do Sábio e a sua superação da condição humana

Nas *Cartas a Lucílio*, especialmente nas correspondências 71, 91 e 110, Sêneca comentou acerca da condição humana⁴⁹ (*humana condicio*). Para ele, a condição humana diz respeito às fragilidades e às adversidades de que a vida humana pode ser acometida. Ora, conhecer a condição humana é reconhecer que as adversidades podem se dar a qualquer momento. E não há o que fazer, a não ser se preparar e refletir a respeito do enfrentamento. Entretanto, a natureza humana (*humana natura*) proporciona, ao homem, a possibilidade de realizar o julgamento correto de tais infortúnios e, dessa maneira, optar por não sofrer à medida que atua para a elevação da alma segundo a reflexão filosófica.

⁴⁹ “Mas que é, para o amigo e correspondente de Lucílio, a condição humana? Pode, talvez, dizer-se que tudo aquilo que o afeta sem depender do homem, deste homem: a sua própria natureza, a sua estirpe, a sua dignidade, os seus bens, a sua fama, o seu contorno geográfico e humano, o momento histórico em que lhe é dado existir” (ANTUNES, M, 1973, Apud, NASCIMENTO CHAVES, Maria Janaina, *A condição humana em Sêneca*, Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2012, p. 30).

A luta pelo viver racional tem como recompensas a vida virtuosa, a felicidade e a perfeição. Contudo, seguir a natureza racional é uma opção, e nem todos lutam por esse fim. Por isso, a distinção entre natureza e condição humana perpassa na compreensão de que a natureza humana possibilita encarar, da melhor maneira, os imprevistos da Fortuna, enquanto a condição humana revela que tais imprevistos são inevitáveis (NASCIMENTO CHAVES, 2012).

De fato, para Sêneca, a vida é comparada a um campo de batalha, tal como ficou explícito em sua carta a Lucílio: “É que viver, Lucílio, é uma milícia!” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XV, 96, 5). Os males das ações da Fortuna servem como bens para aqueles que usufruem de sua natureza ante a realidade da condição humana. Além disso, a relação entre Deus e os infortúnios se dá pelo fato de as catástrofes terem como objetivo o aperfeiçoamento dos homens (pessoas melhores e excelentes), conforme o próprio Sêneca afirmou essa condição: “Eu é que não me espanto se, de vez em quando, os deuses têm o impulso de contemplar grandes homens lutando contra alguma calamidade (SÊNECA, *Sobre a Providência Divina*, 2.7). Por conseguinte, o ensino senequiano ante os reveses da vida foi acusado de ilusório.

O próprio Sêneca havia dito: “muita gente pensa que as nossas teorias estão acima do que a condição humana permite [...]” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, VIII, 71, 6). A teoria senequiana ensinou que é possível transformar em bem qualquer situação difícil, desde que o homem virtuoso domine a situação, independentemente dos tipos dos males, por meio da reflexão filosófica. Destarte, em Sêneca, “se o indivíduo não pode mudar a condição humana, ele tem a possibilidade de aprender a lidar com o que o afeta e, conseqüentemente, não se deixar perturbar pelas coisas que fazem parte da ordem do mundo” (NASCIMENTO CHAVES, 2012, p. 25).

Na *Carta 71*, Sêneca descreveu as possíveis adversidades de que um homem pode ser acometido, desde passar pelo fogo, pelas feridas, pela morte e pela prisão, no entanto, ele afirmou que “qualquer destas situações não é difícil por natureza, os homens é que são moles e efeminados!” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, VIII, 71, 23). A condição humana deve ser encarada como algo comum à existência humana, pois “todas as obras dos mortais estão afectadas de mortalidade; vivemos entre coisas que hão-de perecer um dia!” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIV, 91, 12). Os reveses da vida são inevitáveis e, concomitantemente, suscetíveis a todos os

homens e, assim, devem ser encarados sem esmorecimento e com firmeza⁵⁰ de espírito.

Segundo Hadot (1999), o estoicismo enxergava a filosofia como fortaleza interior. Ou seja, a filosofia tornava o filósofo, independentemente de sua posição social, uma pessoa imune, resistente e indiferente diante dos ataques da Fortuna ou das adversidades da vida.

De acordo com o pensamento de Sêneca, a única maneira de o homem se preparar e suportar os males que se lançam repentinamente sobre si é a meditação filosófica (NASCIMENTO CHAVES, 2012). Por isso, Sêneca disse que “[...] nós, estóicos, nunca nos devemos deixar apanhar de improviso. O nosso espírito deve prever todas as circunstâncias, deve pensar não no que sucede habitualmente, mas em tudo quanto pode vir a suceder” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIV, 91, 4). Sêneca ensinou que, diante da instabilidade da vida, em vista das ações da Fortuna, é necessário utilizar a meditação filosófica, pois, “se a surpresa intensifica a dor, para o filósofo, a meditação a ameniza” (NASCIMENTO CHAVES, 2012, p. 23). Portanto, Sêneca aconselhou seu amigo Lucílio:

Medita no exílio, na tortura, na guerra, nos naufrágios. Um golpe do acaso pode afastar-te da pátria, ou privar-te da pátria, pode atirar contigo para o deserto, pode suceder que esta cidade em que a multidão mal consegue mover-se venha a tornar-se um deserto. Tenhamos diante dos olhos todos os factores que determinam a condição humana, consideremos no nosso espírito não a frequência de cada factor, mas sim a intensidade máxima que ele pode atingir; a menos que queiramos deixar-nos abater e abrir a boca de espanto ante alguma desgraça menos usual como se ela fosse inédita. Devemos pensar na fortuna – na sua máxima força! (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIV, 91, 8-9).

Os imprevistos da Fortuna podem mudar a sorte das pessoas, já que “todos somos iguais perante a sorte comum: nenhum homem é mais frágil do que outro qualquer, nenhum pode estar seguro do que lhe reserva o amanhã!” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIV, 91, 16). Por isso, a reflexão racional concede, ao ser humano, o preparo necessário para enfrentar os reveses da Fortuna. A Fortuna continuará a operar sua sorte na existência humana, porém, por meio da meditação, tal ação

⁵⁰ “O homem deve encarar os males como um atleta que exige do adversário todo o seu preparo e que ele aplique toda a sua força durante o combate” (BEZERRA, Cícero Cunha, *Natureza e liberdade no pensamento senequiano*, Universidade Católica de Pernambuco, Ágora filosófica, 2008, p. 13).

deixará de perturbar o espírito do homem, que, de tal modo, se tornará indiferente aos infortúnios (NASCIMENTO CHAVES, 2012). Entre destino, providência, Fortuna e a liberdade⁵¹, Jean-Paul Dumont menciona que “a concepção estoica da liberdade do sábio supõe seu assentimento à ordem natural e providencial que o Pórtico nomeia destino (grego: *heimarméne*; latim: *fatum*)” (DUMONT, 2004, p. 660).

Sêneca, na *Carta 110*, disse que é necessário extrair lições dos males e tomar cuidado com situações que são esperadas com certo entusiasmo, pelo fato de que elas podem conduzir o homem ao abismo. Sêneca declarou que é necessário analisar os fatos sob o viés da meditação e reconhecer a distinção entre o necessário (*necessarius*) e o supérfluo (*supervacuus*). Assim sendo, “o necessário tê-lo-á sempre à mão, ao passo que o supérfluo exigirá de ti um contínuo e total empenhamento” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIX, 110, 11). Sêneca aconselhou sobre o uso da meditação no discernimento das diversas situações suscetíveis à condição humana, bem como a avaliação de certas situações aparentemente benéficas:

Põe a tua inteligência em acção, observa como é na realidade a nossa vida, e não o que dizemos ela ser, e verificarás que muitos males nos são mais benéficos do que prejudiciais. Quantas vezes um pretense desastre não foi a causa inicial de uma grande felicidade! Quantas vezes, também, uma conjuntura saudada com entusiasmo não constituiu apenas um passo em direção ao abismo – elevando um pouco mais ainda alguém em posição eminente, como se em tal posição pudesse estar certo de cair em risco! A própria queda, aliás, não tem em si mesa nada de mal se tomares em consideração o limite para lá do qual a natureza não pode precipitar ninguém. [...] Se agires com sabedoria, meditará tudo em função da condição humana, e assim limitarás o espaço tanto das alegrias como dos receios. Vale bem a pena privarmo-nos de duradouras alegrias a troco de não sentirmos duradouros receios! (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XIX, 110, 3-4).

Assim sendo, o sábio é capaz de superar a condição humana por meio da reflexão filosófica e a firmeza de espírito. Conforme foi visto, a filosofia tem as

⁵¹ A respeito da visão de Zenão e Crisipo sobre a liberdade e destino: “Esses afirmavam vigorosamente que todas as coisas são regidas pelo destino, e sobre isso propunham o seguinte exemplo: seja um cão amarrado a uma charrete, se ele consente em seguir o movimento, ele empurra e puxa; sua ação autônoma segue a necessidade. Se ele quer o contrário, ei-lo necessariamente obrigado. Da mesma forma para os homens: se eles se recusam a querer, ei-los forçados necessariamente a ir, o que quer que aconteça, no sentido do que é fixado pelo destino” (HIPÓLITO, Santo, Apud, DUMONT, Jean-Paul, *Elementos de história da filosofia antiga*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004).

funções (configuradora, terapêutica, exortadora, diretiva, normativa, confirmadora, confortadora, gratificadora e soteriológica) na formação humana. O processo formativo proposto por Sêneca, exigia o exemplo do mestre e a vontade do discípulo como elementos indispensáveis no projeto pedagógico da formação do homem virtuoso e moral. Além disso, mostrou-se a importância dos exercícios espirituais proporcionados pela filosofia bem como a valorização do ócio útil para a reflexão filosófica. Assim sendo, a finalidade última da filosofia, era a formação do homem ideal, o sábio. Uma pessoa virtuosa, feliz e perfeita. O homem ideal senequiano que tinha em si, a firmeza em seu espírito de tal modo que conseguia superar a condição humana. Ora, esse sábio tinha condições de permanecer inalterado e manter a firmeza de seu espírito, quer seja diante de adversidades, quer seja diante da bonança. A firmeza do sábio não estava nas coisas e sim no seu interior. Resultado esse, proporcionado pela reflexão filosófica. A responsável pela formação humana, sobretudo, a formação do homem sábio.

CONCLUSÃO

Este trabalho assumiu o objetivo de discutir Sêneca a partir do problema educacional sobre o caráter pedagógico da filosofia. Com o recorte sobre a natureza humana, o seu bem maior e a importância da filosofia na formação humana, sobretudo, a pessoa do sábio. O tema é importante para o meio acadêmico pelo fato de Sêneca ser um destacado expoente de uma das escolas helenísticas na Antiguidade, o estoicismo romano. Essa escola foi a base filosófica que serviu Sêneca na compreensão da natureza humana, bem como sua regeneração por meio do processo formativo da filosofia. Outros autores, de outros tempos, foram por ele influenciados, o que evidencia sua importância na formação do pensamento ocidental. Este estudo permite lançar luzes sobre o papel da educação na formação e no aperfeiçoamento do ser humano. Sêneca expressou em seus escritos a respeito da necessidade de viver uma vida pautada pelos ditames da razão. Ele problematizou o sentido da vida e a maneira correta de vivê-la. Ou seja, a natureza humana e o processo formativo da auto-educação na consumação da formação humana sob o propósito de alcançar a virtude, a felicidade e a perfeição.

Sêneca ensinou sobre a importância da virtude como o caminho para se alcançar a felicidade e as funções da filosofia na formação humana. Com base nas análises realizadas no presente trabalho, foi possível apontar algumas considerações. Primeiramente, observa-se que o estoicismo foi o arcabouço filosófico de Sêneca, mas também assumiu traços originais porque se ajustou às circunstâncias da vida romana. Isso posto, o pensamento educacional de Sêneca trazia, consigo, a compreensão sobre o agir ético do homem pois viver de acordo com a natureza implicava na busca pela felicidade e no exercício da virtude como sinônimo do soberano bem.

Em Sêneca, o homem foi compreendido como um ser composto de corpo e alma. A natureza humana possui uma materialidade frágil e uma alma que lhe confere o dote da razão. Para ele, a razão tem uma superioridade em relação ao corpo humano. Dada a essa natureza, Sêneca entendeu que o homem, por meio de sua racionalidade, poderia alcançar a finalidade para a qual nasceu, o viver segundo a sua própria natureza. Para Sêneca, a fragilidade da materialidade humana pode ser permeada por diversos estados, entre eles, o estado de homem escravizado,

enfermo, vencido e atormentado. Entretanto, esses estados podem ser superados por intermédio do uso apropriado da razão. Segundo esse pensador, a educação possibilitaria ao homem condições de subordinar as tendências instintivas ao uso correto da razão. E aí, encontrava-se o seu otimismo pedagógico, a regeneração humana e o seu aperfeiçoamento.

Para Sêneca, o bem maior do homem é o supremo bem, benefício este alcançado pelo uso apropriado da racionalidade e da prática de uma vida virtuosa. A felicidade e a perfeição fazem parte da finalidade da vida virtuosa. O supremo bem consiste na virtude, felicidade e perfeição, bens alcançados quando a educação atua para formar o homem para esse fim. Sêneca, apresentou a auto-educação como a melhor maneira de formar o homem, uma proposta na contramão do modelo educativo de seu tempo. Para isso, a filosofia e a sabedoria – aspectos principais da formação - terão condições de promover, no homem, o viver segundo a sua própria natureza. Portanto, para Sêneca, a filosofia, além de ser a medicina dos males da alma, era também a arte do saber viver e morrer. Conseqüentemente, Sêneca apresentou o sábio como modelo de homem ideal, pelo fato de o sábio ser aquele que é capaz de alcançar o supremo bem. Com efeito, o processo educativo da filosofia é indispensável na formação do sábio, modelo que realizaria a natureza humana por ele definida.

Os resultados apresentados foram provenientes de um processo de leituras e pesquisas bibliográficas sobre o caráter pedagógico da filosofia em Sêneca. Este trabalho, portanto, procurou proporcionar uma compreensão a respeito do problema educacional sob o viés do estoicismo romano, especificamente segundo a filosofia senequiana. No processo da realização desta pesquisa para o programa de pós-graduação de Educação (PPE), da Universidade Estadual de Maringá – PR, (UEM), não se pretendeu esgotar o tema e, por isso, viu-se que há outras possibilidades a ser consideradas para futuras pesquisas. Entre elas, o acesso em outros livros que ainda não se encontram em língua portuguesa e a possibilidade de se analisar as possíveis aproximações e distanciamentos entre os ensinamentos de Sêneca e os ensinamentos cristãos de Paulo de Tarso, tendo-se em vista os seguintes conceitos: mundo, homem, sociedade e educação.

Por fim, este estudo proporcionou o alcance da sua proposta. Portanto, foi possível compreender o caráter pedagógico da filosofia em Sêneca e apresentar soluções a respeito do problema educacional sob o viés do estoicismo romano.

Logo, teve-se a oportunidade de analisar a natureza humana e a sua finalidade de existência. Além disso, apresentou-se o conceito de supremo bem e ressaltou-se o processo educativo da filosofia na formação do homem sábio. Por conseguinte, foi possível a investigação da felicidade e da perfeição como finalidade de uma vida virtuosa bem como sua firmeza de espírito diante da superação da condição humana. Assim, viu-se a relevância desse pensador para a nossa atualidade, conforme o foi em outras épocas.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. V. 2. 5.^a Ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

AUBENQUE, Pierre. **As filosofias helenísticas**: estoicismo, epicurismo e ceticismo. In: CHÂTELET, François. **História da Filosofia: ideias e doutrinas**. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1978.

BEZERRA, Cícero Cunha. **Natureza e liberdade no pensamento senequiano**. Universidade Católica de Pernambuco: Ágora filosófica, 2008.

BERNARDI MIGUEL, Miriam Maria. **Idéias Educacionais de Sêneca nas Cartas à Lucílio**. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, 2005.

BRUN, Jean. **O estoicismo**. Lisboa: Edições 70, 1986.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.

CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt S. **O estoicismo na pedagogia religiosa do Brasil Setecentista**: Resquícios ou Presença Marcante? Revista HISTEDBR Online, Campinas, n.28, p.164 –180, dez. 2007.

DIÔGENES LAÉRTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Traduções do grego, introdução e notas Mário Gama, 2.^a Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

DUMONT, Jean-Paul. **Elementos de história da filosofia antiga**. Tradução de Georgete M. Rodrigues. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

FRAILE, Guillermo. **Historia de la Filosofía**: Grecia y Roma. Biblioteca de Autores Cristianos Don Ramón de la Cruz, 57. Madrid 1997.

GARCÍA GARRIDO, José Luís. El “corpus senecanum” y los temas referentes a la formación humana. **Revista Espanola de Pedagogía**, Madrid, v. 26, n. 101, p. 43-64, ene. / mar. 1968a.

GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Lisboa: Edições 70, 2010.

HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. 1 ed. São Paulo: É Realizações, 2014.

_____. **O que é a filosofia antiga?** São Paulo: Loyola, 1999.

LARA, Tiago Adão. **A filosofia nas suas origens gregas**. 4.^a Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

LI, Willian. Introdução. In: SÊNECA, Lúcio Aneu. **Sobre a brevidade da vida**. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.

LIMA VAZ, Henrique C. de. **Antropologia Filosófica**. Vol. II. 8.^a Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. **Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1**. 4.^a Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARROU, Henri-Irénée. **Historia de la Educación en la Antigüedad**. Madrid: AKAL, 1985.

MORENO, Jaime. **Sêneca: Uma ética basada em la conciencia de la finitud y el respeto al prójimo**. Impreso España: RBA, 2015.

NASCIMENTO CHAVES, Maria Janaina. **A condição humana em Sêneca**. Dissertação (mestrado em filosofia) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2012.

NOVAK, Maria da Glória. **Estoicismo e epicurismo em Roma**. Letras Clássicas, n. 3, p. 257-273, 1999.

NUNES, Lucas; VERAS, Cesar; TREVIZAN, Marcio. **A compreensão de “Exercícios Espirituais” em Pierre Hadot**. Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis – RJ: Synesis, v. 10, n. 1, p. 166-185, jan/jul 2018.

OLIVEIRA, Luizir de. **Sêneca: Reflexões sobre a vontade**. HYPNOE, ANO 2/ N° 3, São Paulo: 1997.

PEREIRA MELO, José Joaquim. **A concepção de homem em Sêneca**. In: Acta Scientiarum. Human and Social Sciences. Maringá, v. 31, n. 1, p. 51-60, 2009.

_____. **A educação e o estado romano**. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1331/1140>>. Acesso em: 26 outubro 2017.

_____. **Sêneca e a Filosofia: O caminho e o fim da formação humana**. I Jornada Internacional de Estudos Antigos e Medievais, Maringá, UEM, 2010. Disponível em: < <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/59.pdf>>. Acesso em: 12 fevereiro 2020.

_____. **A educação senequiana**. In: Educação e filosofia. Uberlândia, v.21, n.41, p.61-87, jan/jun., 2007.

_____. **O conceito de educação em Sêneca**. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/viewFile/211/623>> Acesso em: 20 de junho de 2019.

_____. **O sábio senequiano: um educador atemporal**. Maringá: EDUEM, 2015.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: filosofia pagã antiga**. V. 1, 3.^a Ed. São Paulo: Paulus, 2003.

ROCHA, Carlos Alberto Medino da. **O Caráter Formativo da Filosofia Senequiana.** PROMETEUS - Ano 9 - Número 19 – Janeiro-Junho/2016.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. **Estudos de história da cultura clássica.** Vol. II. 5.^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **A Vida Feliz.** Tradução Feracine. 2.^a Ed. São Paulo: Editora Escala, 2009.

_____. **Cartas a Lucílio.** Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. 5.^a Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

_____. **Consolação a minha mãe Hélvia.** Traduções e notas de Agostinho da Silva et al. 2.^a Ed. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1980.

_____. **Consolação a Márcia.** Tradução de Monica Seincman. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., X, 1, 156-181: MEDICINA DA ALMA ano X, n. 1, mar/2007.

_____. **Cuestiones naturales.** Biblioteca virtual universal. 2003. Disponível em: <<http://biblioteca.org.ar/libros/89788.pdf>>. Acesso em: 26 outubro 2017.

_____. **Sobre a brevidade da vida.** Tradução de Lúcia Sá Rabello et al. Porto Alegre: L&PM, 2016.

_____. **Sobre a Divina Providência e Sobre a Firmeza do Homem Sábio.** Tradução, introdução e notas de Ricardo da Cunha Lima. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

_____. **Sobre a ira e Sobre a tranquilidade da alma.** Tradução, introdução e notas de José Eduardo S. Lohner. 1.^a Ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

_____. **Tratado sobre a clemência.** Introdução, tradução e notas de Ingeborg Braren. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **Sobre o ócio**. Nova Alexandria. São Paulo, 1994.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Estoicismo romano**: Sêneca, Epicteto, Marco Aurélio. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. **Filosofia da natureza nos estóicos**. Porto Alegre: (Filosofia Unisinos) PUC-RS, 2008.

VEYNE, Paul. **Sêneca e o estoicismo**. Tradução: André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

VITO, Rosana Vasconcelos. **A formação do homem moral em Sêneca**: pressupostos educativos na contemporaneidade. 1 ed. Curitiba: Appris, 2016.